

O Monasticon

Tomo II

O Monge de Cister
ou
A Época de D. João I

de Alexandre Herculano

Tomo I

De vários livros, pergaminhos e papéis ajuntei algumas cousas antigas, que estavam já postas de parte, conjecturando que, ordenadas e vestidas de novas cores, podiam tornar à praça, e não parecer mal, como árvores de Outono com seu renovo.

G. ESTAÇO, *Vár. Ant. Pról.*

Como debaixo dos pés de cada geração que passa na Terra dormem as cinzas de muitas gerações que a precederam, assim debaixo dos fundamentos de cada cidade grande e populosa das velhas nações da Europa jazem alastrados os ossos da cidade que precedeu a que existe. Como de pais a filhos as diversas gerações se continuam e entretecem sem divisão, semelhantes à túnica inconsútil do Cristo, assim a cidade antiga se transmuda imperceptivelmente na nova cidade; e como o octogenário, na vizinhança do túmulo, não vê à roda de si, nem pai, nem irmãos, nem amigos da infância, mas filhos, mas netos, mas existências todas virentes, todas cheias de vida, e sente com amargura que o seu século já repousa em paz e espera por ele que tarda, assim o último edifício da cidade que passou, quando perdido ameaça desabar, olhando à roda de si não vê nenhum daqueles que, aí perto, campeavam senhoris e formosos no tempo em que ele também o era. Então, quando a noite de Inverno ruge tempestuosa, e a chuva sussurra nas arvores e estrepita nas torrentes, ouve-se um ruído súbito, semelhante ao bater no chão de homem de guerra que morre. É o edifício que solta o seu último arranco e vai ajuntar mais uma ossada a milhares delas que jazem sob os pés da povoação recente. A obra do homem e como o homem; com a diferença, porem, de que o período da renovação do género humano conta-se por anos e o da cidade por séculos: mas os anos e os séculos confundem-se e igualam-se diante da vida perpetua do Universo, vigoroso e belo, hoje, amanhã, daqui, talvez, a milhares de eras, como no dia da criação.

Entre todas as cidades herdeiras do nome das suas antepassadas e a nossa Lisboa uma daquelas cujo tronco é mais antigo e cujas renovações tem sido mais frequentes. Alem das mudanças que nela devia produzir a sucessão dos tempos, os terremotos, os incêndios e as guerras visitaram-na tantas vezes que apenas lhe restam raros e quase apagados vestígios dessas existências de larga vida, desses edificios monumentais que nas outras cidades da Europa contam o passado ao presente. Se quereis saber as convulsões violentas, as agonias de trances mortais em que se tem debatido a filha dos Fenícios, embrenhai-vos no vetustíssimo bairro da Alfama; afrontai-vos com os seus

becos tortuosos, sombrios, lodacentos; extraviai-vos nos seu labirinto de terreirinhos, escadas, pátios, arcos, passagens, indelineáveis e enredados como meada a que se perdeu o fio. O aspecto daquele grande vulto de casas, que parecem atiradas para aí cegamente em luta de gigantes, far-vos-á crer que lá, nas vísceras dessa espécie de povoação estranha embebida no âmago de Lisboa, há uma vida antiga, um monumento de cada época, de cada era, de cada década. Enganar-vos-eis, todavia. Apenas sobre um portal lereis alguma inscrição mutilada em caracteres monacais e em português do século XIV; apenas vereis uma lapida partida onde a custo descortinareis algumas letras inclusas e disformes dos séculos XII e XIII, e dificultoso será que as belas formas dos caracteres assentados dos Latinos venham lembrar-vos que o solo que pisais e o de um município romano. Se, ao cabo de muita lida, a boa ventura vos deparar um arco pontiagudo do puro gótico, uma verga florida do renascimento, uma volta de ferradura árabe, achá-la-eis metida e aproveitada ou desaproveitada em edifício de ontem ou vê-la-eis prestes a desabar em pardieiro velho. Tudo o que haveis de encontrar são folhas rasgadas de um livro precioso e único. Depois, ajudando-vos a imaginação de artista e o faro de antiquário, muito fareis se, como os comentadores da literatura clássica, ajuntardes com essas palavras soltas um capítulo do livro perdido. Comprazer-vos-eis então na vossa obra; mas, cuidando que reconstruís um pedaço de história da arte ou dos homens, não fareis, porventura, senão compor um fragmento de novela.

Mas seja história ou novela o fruto dos trabalhos daquele que conversa o passado, que se apresse! Com a rapidez da cólera ou da peste corre por todos os ângulos de Portugal e encasa-se em todos os povoados uma cousa hedionda e torpe que, inimiga do passado e do futuro, se chama ilustração; que, tendo por lógica o escárnio e por silogismo o camartelo, se chama filosofia. Deus a mandou ao mundo como mandou Átila ou a Inquisição, como um verbo de morte. Seu mister e apagar todos os santos afectos da alma e encarnar no coração, em lugar deles, um cancro para o qual nossos avós não tinham nome e que estranhos designaram pela palavra *egoísmo*. Que se apresse aquele que quiser guardar alguns fragmentos do passado para as saudades do futuro; porque a ilustração do vapor e do ateísmo social aí vai nivelando o que foi pelo que é, a gloria pela infâmia, a fraternidade do amor da pátria pela fraternidade dos bandos civis, as memórias da historia gigante do velho Portugal pelo areal plano e pálido da nossa história presente, a obra artística pelos algarismos do orçamento, o templo do Cristo pela espelunca do rebatedor. Que se apresse; porque esses rastos de antepassados que o tempo e os incêndios e os terremotos nos deixaram não no-los deixara o descrer brutal deste século, que a historia distinguirá pelo epíteto de bota-abaixo e cujo legado monumental para os séculos que virão após ele será um cemitério, imenso; mas cemitério sobre o qual não se elevara sequer a humilde distinção de uma cruz.

É por isso, é porque vejo o marco assentado no fim do caminho por onde esta geração se escoa que muitas vezes passo horas largas diante de um portal de capelinha carcomida como velha enrugada; diante de uma ombreira partida, onde apenas se divisam cansados e gastos labores da arte da Idade Media. Se eu fosse rico, iria comprar a capelinha, iria comprar o pardieiro onde houvesse a ombreira gótica: os homens do progresso vender-me-iam isso tudo, porque havia de engana-los; porque havia de prometer-lhes que converteria aquela em lupanar, este em casa de cambio. Depois, eu, que já não tenho pai para afagar nos tédios e dores da decrepidez, tomaria a meu cargo essas pobres ruínas, ampará-las-ia como um filho, livrá-las-ia dos olhos dos que hoje tudo podem e tudo ousam, e como os cristãos primitivos só a seus irmãos revelavam a existência do altar das catacumbas, assim, neste quinto império de mentecaptos

dissertadores e mexediços, só aos poetas, aos que ainda crêem, na arte e em Deus revelaria a existência do meu tesouro escondido.

Mas eu que não sou abastado, que posso fazer? Ajuntar uma assinatura desconhecida ao protesto lavrado pelos homens de entendimento e virtude contra a barbaria do século, para que os meus restos esquecidos não sejam inquietados pelas maldições dos vindouros.

Foi uma dessas meditações artísticas que gerou o pensamento deste livro, o transmitir aos vindouros alguns fragmentos do passado. Um dia em que atravessava da Lisboa árabe para a Lisboa romana, da Alfama para o Castelo, não sei como passei pelo sítio onde existiu o Convento dos Bons Homens de Vilar ou Cónegos do Evangelista, e parei a examiná-lo. O meu exame foi demorado e consciencioso, como se costuma dizer nos dois lugares onde raro entra a consciência – nas câmaras legislativas e na imprensa política. Todas as indagações que fiz para descobrir algum vestígio do edifício primitivo, cuja origem o leitor vera no primeiro capítulo desta história, foram, porem, baldadas: os *lórios* (assim lhes chamava o povo) tinham transformado o antigo colégio do bispo D. Domingos Jardo, em sumptuoso convento, de cuja grandeza se pode formar cabal ideia lançando os olhos para a estampa de Lisboa publicada na *Viagem a Portugal de Filipe II*, escrita pelo cronista Lavanha. Veio depois o terremoto e converteu tudo em ruínas. Nestas se aninhou, passado meio século, a Guarda Real da Policia e, por morte desta, a sua sucessora e herdeira, a Guarda Municipal.

Triste por ter perdido assim inutilmente o tempo e o trabalho, ia a seguir meu caminho, quando me lembrei de um velho manuscrito que lera, e que falava miudamente de certo sucesso que Fernão Lopes transmitiu a posteridade na crónica de D. João I. Este sucesso terrível, cujo desfecho apenas narra o cronista e que vinha explicado naquela escritura inédita com todas as suas causas e circunstancias, esta ligado com a historia desse colégio do bispo de Lisboa. Passou-me então pela mente fazer uma desfeita aos lórios e ao terremoto e dar de novo vida aquilo que hoje e só um nome. Procurei coligir as minhas recordações e quando voltei a casa tinha pouco mais ou menos delineado e disposto os materiais que constituem o âmago e substância da narração seguinte.

É o que resta a quem e pobre. Não pode tirar os monumentos das garras dos políticos; mas tem liberdade plena de reconstruir em imaginação e povoar aqueles que já não existem.

Dos políticos e de nos se condoa o Senhor; porque tanto nos como eles disso havemos mister.

I

O COLÉGIO DE S. PAULO

Ora vede que door seria para o triste do Pay.

DR. JOÃO DE BARROS, *Espelho de Casados*.

– Vamos, Fr. Vasco, em que cismas? Há mais de meia hora que levas os olhos pregados na corrente do rio. Ergue-os para o Céu. Olha como é formoso! Imagem do empíreo, onde mora Aquele que só te pode dar, que só te há dado consolação e esperança. Vamos, filho; é necessário que por uma vez acabem essas tristezas, que denotam estar ainda muito enraizada na tua alma uma paixão mundana.

– Oh meu segundo pai, oh meu mestre, oh vós que mil vezes me tendes salvado de mim mesmo, perdoai-me. Má ideia era a que me passava agora pela cabeça. Afigurava-se-me neste momento que D. Leonor estava junto de mim: via-a, aqui mesmo ao meu lado; via-lhe o sorrir suave; ouvia-lhe o respirar sereno; sentia o brando cheiro dos perfumes dos seus cabelos dourados. Ai! e sabeis qual era a minha ideia? Era apertá-la ainda entre estes braços, de que fugiu como uma vã sombra, e então... atirar-me com ela a esse rio, que vai rápido como o envelhecer desta alma, fundo como a amargura do meu coração! Depois – prosseguiu ele com voz atada, depois... que viesse o inferno.

– Jesus, Vasco! Estás doido? Blasfemas? Assassinares uma fraca mulher, assassinares-te a ti próprio e renegares da vida eterna?

– Uma fraca mulher, dizeis vós, reverendo nono? Uma fraca mulher?!... Fraqueza de víbora, que vos toma atraçoadamente quando dormis e vos morde e vos envenena sem remédio a essência da vida. Essa fraca mulher teve força para me calcar aos pés este pobre coração, que era bom, que nascera para amar quantos o rodeavam! Homem de Deus, não sabeis o que e ver cerrar diante de nos o mundo no primeiro quartel da vida, quando a imaginação povoa esse mundo de gozos, de glória, de felicidade! Vos não sabeis que mistério infernal se passa ca dentro, quando a uma risada de mulher que supúnhamos um anjo e que era um demónio, a vemos tomar nas mãos o nosso futuro e esmigalhá-lo em terra! Assassinar uma fraca mulher?! E ela não me assassinou a mim? Que sou eu debaixo desta estamemha? Um morto que fala e anda e geme, e contudo não vive, porque o viver nada disso e... Padre, padre, Deus me livre de mim mesmo!... Mas Vos chorais? Oh não, não!... O pobre Vasco esta louco. Dissestes bem... Esquecei-vos dos seus desvarios. Prometo a Virgem jejuar três dias a pão e agua, coberto de cilícios, logo que chegemos ao nosso mosteiro, para que Deus me perdoe as blasfémias que tenho dito. Vós também me perdoareis. Não e assim, bom Fr. Lourenço?

– Sim, sim, meu irmão, perdoo-te o escândalo, que me deste. Também eu cobrirei a minha cabeça de vaso; cingirei os meus rins de cilício e ajudar-te-ei a implorar a misericórdia, do Senhor, para que te alumie e afaste do teu espírito as tentações de Satanás.

– Oh, como sois bom, meu nono! – disse entre soluços o outro interlocutor, lançando-se a seus pés e beijando-lhe a fímbria do grosseiro hábito.

Depois ergueu-se e assentou-se-lhe ao lado, apertando-lhe uma das mãos entre as suas e derramando sobre elas lágrimas como punhos, que calam a espaços, quentes qual lume, porque do íntimo vinham elas.

Mas quem eram estes dois homens? Onde estavam? Donde vinham? Para onde iam? Em que tempo era isto? Natural e que o leitor faça tais perguntas, as quais temos obrigação de responder.

Os dois personagens entre os quais se travara o diálogo com que começamos esta mui verídica história eram dois monges de Cister ou de S. Bernardo. O mais moço, de cuja boca saíam as expressões de desesperação que acima ficam transcritas, era mancebo de vinte e dois a vinte e cinco anos, bem proporcionado e robusto, tez morena e cabelo negro, basto e crespo, feições talvez não formosas, mas, sem dúvida, atractivas. Os seus olhos eram portugueses; isto é, reflexo perene dos íntimos pensamentos; tempestuosos com as procelas do coração, serenos com a calma dele. No rosto do mancebo estava escrito o nome da sua terra natal: era um filho das Espanhas: a cor, o gesto, o olhar, tudo dizia que aí dentro havia o espírito de um godo e ao mesmo tempo que nessas veias corria o sangue de um árabe.

O outro monge era homem de idade robusta, tinha os cabelos espessos e grisalhos, testa espaçosa, nariz aquilino, os olhos fundos, vivos e pequenos. jejuns e meditações lhe haviam emarelecido e encovado as faces. O todo do seu aspecto era severo e triste, mas quem lho observasse atento lá enxergaria, por baixo dessa superficial tristeza, a alegria que gera uma boa consciência. Quando o velho erguia os olhos ao Céu crer-se-ia que, através da abobada azul, divisava a pátria do repouso, que ele ia conquistando com vigílias e sofrimentos sob o peso da cruz. Tumulto ou quietação, angustia ou gozos da vida eram para ele o mesmo que para o peregrino o fumozinho da aldeia do vale, onde apenas dormiu uma noite, visto da cumeada da serra que lho vai esconder para sempre; eram uma lembrança, uma saudade duvidosa da juventude; porque o mundo ia lá muito longe dele, movendo-se orgulhoso e senhoril em suas misérias ou grandezas. Das paixões que este ou alimenta ou gera só uma restava a Fr. Lourenço; era a paixão que ensina o Evangelho, era o amor do género humano.

Fr. Lourenço, chamado o *Bacharel* por ter estudado degredos ou cânones na Universidade de Lisboa, entrara na Ordem de Cister ia homem feito e aí fora recebido com os braços abertos, não só pela reputação de *sabedor* e *letrado* de que gozava, mas também por ser pessoa de virtude e bondoso. O abade de Alcobaça, D. João de Ornelas, tinha-o nomeado procurador daquele celebre mosteiro, que ia gozava de certa supremacia sobre os outros da mesma ordem, apesar de, na sua origem, todos serem independentes uns dos outros. Os negócios fradescos obrigavam, portanto, Fr. Lourenço a viver na Corte; e como então residissem cistercienses no Colégio ou Estudaria de S. Paulo e Santo Elói (depois Convento dos Bons Homens de Vilar), que fora fundado pelo bispo D. Domingos Jardo em tempo de D. Dinis, e por isso fossem obrigados a ter aí lentes ou *ledores* de diversas matérias, Fr. Lourenço, quando se via desapressado de negócios, ora ensinava ali as doutrinas das decretais, ciência. tão seria, tão útil, tão profunda e tão cultivada nesses tempos como a política, o magnetismo animal ou a homeopatia nestes nossos, ora lia aos escolares, que muitos ia andavam, a santa Teologia, no que também o bom do bernardo era poço sem fundo.

Chamamos bom a Fr. Lourenço, e com razão assim o qualificámos. Apesar das emburilhadas e demandas em que frequentes vezes o metia o despótico, violento, cobiçoso e ao mesmo tempo perdulário D. João de Ornelas; apesar dos trabalhos escolásticos, que não pouco lhe quebravam a cabeça, Fr. Lourenço Bacharel ainda sabia achar tempo para gastar em obras de caridade. Onde havia um desgraçado que socorrer ou consolar, lá estava o nosso cisterciense: rico de sua casa e abastado de *sollayros* ou

ordenados, que recebia como leitor da estudaria (e não eram maus os que deixara D. Domingos Jardo *para sustentação dos proveitos escolásticos*), todos os haveres gastava com os necessitados, e nenhum se afastava dele com as mãos vazias – «juxta illud», dizia Fr. Lourenço, «que lemos na Escritura, *demerge ta orelha o proveito, sem nem uma acídia, e dá-lhe sa divida*». O povo tinha-o em conta de santo; a Corte respeitava-o, e ate, quando o seu cargo de procurador o obrigava a fulminar perante os juizes os adversários da sua ordem, sabia-o fazer com tal modéstia que o tom das suas palavras ainda lhe dava maior realce à eloquência do que a força da sua dialéctica vigorosa. Enfim era, como todos diziam então dele na linguagem garrafal daquele tempo, *barom triguosamente endereçante sa carreira per mui vertuosas vertudes a perduravil einxalçamento em vida eternal*.

No momento em que esta história começa dava ele uma prova mais do seu ardente amor do próximo. Nesse dia pela manhã recebera um recado, em que se lhe pedia fosse ouvir de confissão uma pobre mulher quase moribunda que vivia na aldeia de Restelo, uma légua de Lisboa para a banda do mar a beira do Tejo. Como era dia de S. Filipe e Sant'Iago e não havia escola, Fr. Lourenço não hesitou um momento: disse missa, chamou o escolar seu predilecto, Fr. Vasco, partiu com ele do colégio, veio pela Rua Nova abaixo e, passada a fonte de D. Sancho 11, saiu pela Porta da Oura, chegou a praia, afretou uma barca, e ei-lo correndo ao longo da margem, caminho da aldeia de Restelo.

Fora dentro dessa barca onde se travara o misterioso dialogo que acima fica transcrito sem mudar uma palavra, pospor ou antepor uma vírgula.

Agora cumpre voltar um pouco atras para sabermos quem era o companheiro do mestre de Teologia.

Haveria seis meses, depois que Fr. Lourenço residia na Estudaria de S. Paulo, quando certo dia um cavaleiro moço e gentil-homem chegou sozinho a porta da crasta e perguntou por Fr. Lourenço. Levado por ordem do reverendo a sua estreita cela, demorou-se a sós com ele por horas largas. O que aí se passou ninguém soube; mas notou o porteiro que, quando o mancebo saiu, o velho veio acompanhá-lo, e que tanto o desconhecido como Fr. Lourenço tinham as faces banhadas em lagrimas. Abraçaram-se à despedida, e apenas o frade disse ao cavaleiro quando partia: «Filho, constância em teu santo propósito!» Depois ninguém mais tornou a ver o mancebo; mas todos pensaram que era algum desgraçado pecador que, não podendo sofrer o peso de suas culpas, viera depositar no seio do virtuoso monge a confissão de passados erros e aquietar remordimentos da consciéncia pedindo perdão ao Céu.

Passou mais um ano: certo dia pela volta da tarde., o converso Fr. Julião, que desempenhava havia bem um quarto de século as funções de porteiro da estudaria, veio correndo a cela do mestre de Teologia e disse da parte de fora:

– *Benedicite, pater doctor.*

– Entrai, Fr. Julião.

O converso ou barbato, como então chamavam aos leigos, ergueu a aldrava e com as mãos cruzadas sobre o peito esperou que o padre-mestre o mandasse falar.

– Que me quereis, irmão?

– Uma carta do *domno* de Alcobaça.

Dizendo estas palavras, o converso punha nas mãos do monge um papel fechado e selado com o selo do abade de Alcobaça, a quem por seu cargo competia, segundo a regra de S. Bento, seguida pelos cistercienses, o título de *dominus*, ou no romance daquele tempo *domno*.

– Quem traz esta carta?

– Um monge do hábito do nosso padre S. Bernardo. E voto a Cristo, que me parece o mesmo mancebo que vos aqui procurou ha um ano...

– Basta! Não jureis em vão o santo nome de Deus. Ide e guiai para esta cela o recém-chegado.

Quando este entrou no aposento de Fr. Lourenço, logo ele viu que o converso se não enganara. O bom do monge correu a abraça-lo:

– Parabéns, parabéns! – exclamou Fr. Lourenço cheio de júbilo. – Este santo hábito que trazeis, senhor cavaleiro... não digo bem... irmão Fr. Vasco, me diz que Deus vos fez triunfar dos três grandes inimigos da humanal geração, mundo, diabo e carne. Socorrestes-vos ao Senhor no dia da vossa aflição, e o Senhor vos abriu o porto bonançoso onde podeis rir-vos das procelas da vida. Sois monge de Cister e agora...

– Sou monge de Cister! – repetiu o moço frade, escondendo a cabeça no seio de Fr. Lourenço, que breve sentiu as suas lagrimas ardentes e abundantes traspassarem-lhe a grosseira estamemha do escapulário e da túnica e humedecerem-lhe o peito. O acento com que o mancebo proferiu aquelas palavras fazia que elas significassem exactamente o contrario do que soavam. De monge havia nele, e verdade, o hábito e a cogula, mas o coração?! No coração de Fr. Vasco estavam ainda todas as paixões do século, tumultuosas, férvidas, corrosivas, como quando, em vez de trajar essa tela grosseira, cobria os membros robustos com o arnês de cavaleiro. Se aí havia alguma diferença, era que essas paixões violentíssimas, comprimidas por um ano de noviciado, por um ano de abjecção, de silencio, de contradições, de sujeição, enfim, a todos os actos exteriores de humildade, de doçura e de resignação, se tinham tornado mais ásperas e azedado mais aquela alma lacerada por dores fundas e talvez eternas. Fr. Lourenço, a quem ele buscara havia um ano, em dia no qual a desesperação passara a meta do sofrimento, lhe aconselhara o claustro, como remédio único ao mal que o roía. O pobre frade, pouco entendido nas tempestades do mundo, cria que havia outro adito cerrado ao tumultuar das paixões que não fosse a lousa da sepultura; cria que esse adito milagroso era a portaria de um convento! Se quereis saber se ele errava ou acertava, perguntai-o a qualquer desses que aí viveram, se ainda algum há a quem a fome deixe contar histórias dos tempos que ia lá vão.

– Mas, filho – dizia Fr. Lourenço, levantando brandamente a cabeça de Fr. Vasco e encostando-a outra vez sobre o ombro, de modo que o hálito ardente do mancebo quase que lhe crestava a face –, cria eu que a misericórdia divina e a virtude do nosso santo habito vos houvessem arredado do espirito essas negras imaginações. Mas, enfim, com o tempo; com o tempo! Fiai-vos de mim: de mim em quem achareis um irmão: mais que um irmão, um amigo!

– Oh sim! foi por isso: foi para vos ouvir, para dar alguns instante de frescor a este espírito requeimado, que, apenas fiz meus votos, pedi ao domno de Alcobaça me mandasse para Lisboa estudar. Estudar!... Que posso eu aprender? ou que me importa? É falar com o homem indulgente que eu quero: e pedir-vos palavras de consolação e de esperança; que me apagueis esta chama que me consome a alma; que me deis triaga contra a peçonha que me lavra no coração. Homem de Deus, o mundo chama-vos santo! Paz e esquecimento! paz e esquecimento!...

Mais se confirmou Fr. Lourenço por este desalinhado discurso que a virtude mirifica do santo hábito nada aproveitara em Fr. Vasco; mas, por um movimento de orgulho involuntário, lembrou-se de que com desesperados como este a força da sua eloquência tinha suprido a pouca eficácia da graça divina. Fez então assentar o moço e obrigou-o a tomar alguma refeição enquanto descansava; depois, pondo-lhe a mão no ombro, disse-lhe:

– Vamos, irmão Vasco, contai-me outra vez a vossa historia. Choraremos ambos! As lagrimas da piedade consolam quando e um amigo que as derrama. Se bem me lembra, dissestes-me há um ano...

O frade pensou avisadamente que, falando repetidas vezes a Fr. Vasco nos dolorosos sucessos da sua vida, lhe chegaria a embotar na memória o sentimento deles. E, em verdade, assim e feito o coração humano. A dor, como a matéria bruta, gasta-se com o uso. São mistérios metafísico-fisiológico-morais desta espécie de animal chamado homem, a que eu e tu, leitor, temos a honra de pertencer.

– Disse-vos – prosseguiu o mancebo, tomando a mão imediatamente –, disse-vos que, filho de um cavaleiro nobre e honrado, segui as armas mui moço. Há três anos, não longe da morada de meu velho pai, em Aljubarrota, pelejava eu na Ala dos Namorados por livra-lo a ele e a terra da pátria do estranho domínio: pelejava na ala de Mem Rodrigues, porque amava a nobre donzela Leonor; e vos sabeis que Mem Rodrigues só dava entrada naquela ala aos que tinham urna dama dos seus pensamentos. Vencemos essa memorável peleja. Segui, depois, o pendão do Condestável. Passados alguns meses de recontros e pelejas, voltei a terra onde nasci. Pulava-me o coração ao ver ao longe o campanário da nossa abadia. Ia ainda ver o meu pobre pai, rezar um *pater* junto a lousa de minha mãe, abraçar Beatriz minha irmã, tão linda! tão meiga! e que eu amava quase como Leonor. Oh! e também ia vê-la a ela, que, por certo, nem um só dia deixara de se lembrar de mim; ia contar-lhe, não os feitos de armas, mas as saudades do seu cavaleiro! Ribeiros, fazia-os galgar de um pulo ao meu ginete; veigas, fazia-lhas desaparecer debaixo dos pés; outeiros, obrigava-o a transpô-los como se fossem plainos. O último tinha-o descido quando o Sol, envolto na sua vermelhidão de tarde, entestava com a Terra Ia no horizonte. Sente-se, mas não se diz o que eu então sentia. Cheguei. À entrada da povoação era a abadia: a igreja estava fechada, e o sacristão a porta com as chaves na mão. já não era o do meu tempo: fez-me isso tristeza. Perguntei sem saber porque:

«– O abade vela ou jaz?

«– Em trintário cerrado aí dentro e com outros clérigos.

«– Por quem é o trintário? – prossegui eu inquieto.

«– Por um bom fidalgo da vizinhança que morreu, segundo dizem, de pena, porque uma filha que tinha e muito amava fugiu com um cavaleiro a quem, passado por aqui, ele dera gasalhado por algum tempo. Nunca mais comeu nem bebeu, e como era velho finou-se.

«– Fazendo assim, fora moço e se finara -disse eu sorrindo descuidado, enquanto procurava na memória quem seria o fidalgo.

Nenhum que eu soubesse nos arredores tinha filha donzela, senão meu pai e o de Leonor; mas que fosse algum deles claro estava que era impossível. Ia a apertar ainda uma vez os acicates ao ginete para chegar antes da noite a ponte levadiça dos meus paços acastelados, mas por demais perguntei ao sacristão o nome do morto que jazia em trintário... Era o de meu pai!... Uma faísca de lume me centelhou diante dos olhos: de um pulo eu estava pegado com a porta da igreja: as escamas das minhas manoplas bateram nela como um vaivém e, com um som que se prolongou pelas naves, via-a aberta e lá no meio uma tumba cercada de brandões acesos e ao redor padres que rezavam latim. Logo me achei ao pé deles: abri a tumba: era meu velho pai... era ele!... Com os olhos fechados, não me viu... com os lábios cerrados, não me sorriu... com as mãos cruzadas sobre o peito, não me abençoou!... Arrojei-me sobre ele: beijei-o: era como uma pedra gelada! Um dos que aí estavam disse não sei o que, chegou-se a mim e quis arrancar-me dali. Estendi com fúria o braço: a minha manopla tornou a encontrar o que quer que foi. Ouvi um grito rouco e como um corpo de homem que cala

desamparado sobre as lájeas do pavimento. Não percebi mais nada; porque nesse momento perdi os sentidos.

Aqui Fr. Vasco fez uma larga pausa, correndo a mão pela testa, como quem afastava uma ideia dolorosa. Tinha os lábios brancos, e nos olhos bailavam-lhe duas lágrimas. Pelas faces de Fr. Lourenço já outras duas tinham escorregado.

II

TUDO DESVENTURA

*Tristeza, dor e cuydado,
leixae-me: – que mais quereis?
porventura nam sabeis
que sou já desesperado?*

CANC. DE RESENDE, *Trov. de L. Henriques.*

– Quando tornei a mim-prosseguiu o moço cisterciense – estava em cima da cama, em um aposento dos meus paços. A primeira cousa que me lembrou foi chamar por meu pai e por minha irmã. Depois recordei-me de que já nem pai nem irmã tinha; calei-me. Ao lado do meu leito estava um padre: era o velho abade que me baptizara e me ensinara a ler. Ele percebeu que tornara a mim: pôs-se em pé; eu estendi para ele as mãos: deu-me uma das suas; apertei-a entre as minhas e levei-a a boca e beijei-a: era descarnada e enrugada como devia ser a de meu pobre pai. Nem ele me dizia nada; nem eu a ele. Eu por *mim* não tinha nada que dizer, porque o que me estava na alma não era causa que com palavras se dissesse, nem a que com palavras se respondesse. Depois de largo tempo, ouviram os meus ouvidos a minha boca perguntar:

«– Que horas são?

«– Quarto de prima – respondeu o abade.

Com efeito, o sol começava a tingir-me a cama de todas as cores das vidraças de uma fresta que me ficava fronteira. E eu olhava para a fresta com os olhos fitos; parecia tranquilo; porém cá dentro ia um tumulto medonho. A imagem de meu pai defunto, de minha irmã desonrada queimava-me o cérebro. Vingança! Esta palavra sentia-a soar, palpava-a, via-a escrita, afigurava-se-me convertida em efeito. Um cavaleiro estava por terra, o seu peito arquejava debaixo da minha joelheira de ferro, e um punhal me reluzia na mão erguido sobre a garganta do roubador de minha irmã. Era um prazer horroroso!... Desde então para cá sempre cri que podia haver um momento de deleite no meio dos tratos do inferno.

«Até aí nem o nome, nem a imagem de Leonor me tinha passado pelo espírito. Foi depois disso que este nome e esta imagem me apareceram como um pensamento do Céu. Rebentaram-me então dos olhos as lágrimas: as minhas mãos apertaram com ânsia as mãos do abade, e o pulso bateu-me com vigor febril. Senti que estava em um leito, em um aposento, ante a luz de Deus, entre os homens, na vida.

«Disse algumas palavras ao abade. Este santo homem me contou então que eu passara a noite inteira em espantoso delírio e que ele se encarregara de me vigiar desde a meia-noite. Ponderou-me que era necessário tomar algum alimento: recusei: instou. Pedi-lhe então que me chamasse Brites. Primeiro que tudo queria falar com ela.

«Brites era uma velha dona que fora minha ama e que ficara depois servindo de cuvilheira de minha mãe. Quando esta faleceu era eu mui moço, e Beatriz uma criança. Meu pai encarregou-a do governo doméstico, e nós habituámo-nos a tê-la em conta de segunda mãe: também ela nos amava como filhos. Apesar de perturbado, notei com dissabor não a ver ao pé de mim.

«– Mas Brites... – disse o abade titubeando, e calou-se.

«– Mas Brites – repliquei – devia estar junto do pobre Vasco, que, segundo dizia,

tanto amava. Também ela foge de mim?

«– Não, senhor. Eu fui que não consenti que ela aqui estivesse. De que podia servir-vos a pobre dona, senão de acrescentar-vos agastamentos ao coração?

Bem pelo contrário! – atalhei eu. – É a única pessoa que está aqui da minha... – ia a dizer família... lembrei-me ainda outra vez de que não a tinha.– Enfim – prossegui em tom de quem quer ser obedecido – que Brites venha ca.

«O abade cravou em mim os olhos: parecia irresoluto e aflito: um gesto de impaciência que me viu no rosto o resolveu. Saiu vagarosamente.

«Daí a pouco, pareceu-me ouvir no aposento imediato a voz de Brites, que cantava:

*Boa festa, santa festa,
Em que se canta latim:
De festa vestida, às bodas,
As bodas cantando vim.*

«Arrepiaram-se-me os cabelos. Um *psiu!* prolongado cortou a cantiga.

«Brites entrou: o abade trazia-a agarrada pelo braço. Custou-me a conhecer-lhe as feições: estava inteiramente demudada: tinha os olhos esgazeados, as faces pálidas e encovadas e por cima de tudo isto um como véu de riso convulso, O abade olhava para ela com aspecto severo.

«– Meu criado – gritou Brites apenas me viu –, mandai embora este mau homem. Tem cara de castelhano. Hoje que é o dia do vosso casamento todos devem ter cara de riso. O senhor Vasqueanes – continuou a desgraçada, chegando-se ao pé do leito e falando em voz baixa, como quem me dizia um segredo – está lá fora deitado em uma cama preta. E sabeis o mais gracioso? Muitos padres estão ao redor da cama a falar-lhe em latim; mas bem faz ele que finge dormir e não lhes responde nada. Creio que espera por vós para ir à igreja...

«O abade interrompeu-a:

«– Está varrida – disse, voltando-se para mim. Depois que a senhora D. Beatriz fugiu de casa, começou a enlouquecer. Com a morte de vosso pai perdeu de todo o siso. Quiseste que ela viesse: pensei que se corteria diante de vós; mas vejo que os meus receios eram fundados. Ide-vos embora, Brites!

«– Não – acudi eu, que sem pestanejar olhava para aquele doloroso espectáculo. – Não! Vem cá, Brites: abraça-me: fala-me de meu pai., de meu pai só... e dize o que quiseres. Não sei o que em mim se passava. A dor começava a causar-me uma espécie de prazer.

«Brites deitou-me os braços ao redor do pescoço e deu-me um beijo na testa.

«– Vamos, meu criado – disse depois – ; olhai que é tarde e D. Leonor estará esperando. Vós já não sois Vasco da Silva, sois Lopo Mendes. Já não sois marcebo florido; mas homem grave e mui rico. Não é assim? É: oh que é! Parvos! Supunham que D. Leonor era donzela que casasse com outro: os pobrezinhos não sabem que mudaste de pessoa! Vamos, erguei-vos daí. – Acabando de dizer isto deu uma gargalhada.

«Eu tinha coado cada uma das suas palavras pelo coração. Ergui-me de um pulo: em pé no meio do aposento, o meu aspecto devia ser infernal.

«– Velha maldita – gritei furioso –, que infâmias estás aí dizendo? Que casamento de Leonor? Que Lopo? Fala ou te faço calar para sempre.

«Procurava o meu punhal na cinta; mas já não estava armado.

«– Não sabíeis?! Oh que não o sabíeis!... Meu Deus! Meu Deus! – Isto dizia o abade, que em um relance se me havia arrojado aos pés e soluçando me abraçava pelos

joelhos.

«Brites arredara-se, cruzara os braços e, olhando para mim com ar de compaixão, repetia muitas vezes:

«– Coitadinho! enlouqueceu! «Talvez falava verdade, «Todavia, apesar da espécie de frenesi em que me lançaram as palavras de Brites, a postura e os soluços do venerável sacerdote chegaram-me ao vivo. Procurei vencer a minha desesperação: ergui-o e disse-lhe com aparente tranquilidade:

«– Não! não o sabia. Contai-me tudo.

«O velho sacerdote alevantou os olhos para os meus e viu neles cousa que o fez hesitar.

«– Contai-me tudo – repeti eu.

«Da primeira vez o som da minha voz era o da voz de um homem; da segunda, a meus próprios ouvidos pareceu que assim devia ser a de um demónio.

«Ao abade pareceu, por certo, o mesmo. Não hesitou mais. Eis aqui o que ele me disse. Ficou-me bem estampado na memória.

«– Meses havia já que Mem Viegas deixara de frequentar a casa do vosso pai. Aquela inteira amizade que por tantos anos os unira começou a esfriar grandemente. Todos os dias, segundo o antigo costume, vinha eu passar o serão com o senhor Vasqueanes, que com Deus é; todos os dias parafusávamos ambos sobre o motivo desta novidade e não podíamos atinar com ele. Salvo se era a necessidade de fazer companhia a um cavaleiro de Lisboa, homem já de idade grave, mas de aprazível presença, que viera ser seu hóspede. Este motivo, porém, não bastava para desculpar o pai de D. Leonor. O casamento de sua filha convosco, ajustado entre ele e vosso pai, devia ainda tornar mais robusta a amizade inalterável de tantos anos. Quando ao anoitecer, assentados ao redor do leito do senhor Vasqueanes, que por sua avançada idade se recolhia ao pôr do Sol, eu, vossa.. – digo a senhora D. Beatriz e o infame D. Vivaldo conversávamos acerca deste sucesso, buscávamos a causa de tal mudança; mas, depois de muito cismar e adivinhar, concluíamos sempre que era impossível achar o motivo de semelhante proceder.

«"Um domingo pela manhã, tinha eu acabado de dizer missa e estava na sacristia desrevestindo-me, quando o sacristão veio avisar-me de que um pajem de Mem Viegas estava aí e me buscava. Mandei-o entrar. Disse-me que seu senhor precisava de falar-me e que ele trazia uma hacaneaia para eu cavalgar até o paço. Respondi-lhe que estava prestes. Partimos. Chegando à ponte levadiça, notei que pajens e escudeiros estavam vestidos ricamente das cores de Lopo Mendes, o hóspede de Mem Viegas. Fez-me isso estranheza; porque era sinal de noivado. Entrei. O fidalgo veio receber-me à sala de armas, fez-me assentar e disse-me:

«"– Mandei-vos chamar, reverendo abade, para que lanceis a bênção nupcial na capela destes paços a dois noivos que lá estão. Hoje passareis o dia connosco.

«"– Poderei já saber, meu ilustre senhor, quem são os noivos?

«"– Porque não?! – tornou Mem Viegas, sorrindo. – O noivo sabereis já quem é pelas cores de que os meus estão vestidos; a noiva, ninguém aqui o pode ser de tão nobre, rico e esforçado cavaleiro, senão a minha Leonor.

«"Estremeci. Havia poucos dias que tinha falado com o senhor Vasqueanes do vosso casamento com D. Leonor. Levantei-me e, em tom severo, disse ao velho cavaleiro:

«"– Quereis porventura gracejar comigo, senhor Mem Viegas? Vossa filha deve casar com Vasco da Silva, logo que ele volte da hoste de Nun'Álvares. A palavra de vossa mercê...

«"– Deve?! – interrompeu Mem Viegas, dando uma risada. – Creio que sou nobre

e livre, e que minha filha é minha filha. A palavra de Mem Viegas, dizeis vós? Se a minha palavra estivesse dada, não a quebrara eu, nem que fora ao próprio Satanás. Mas não a dei a ninguém. Verdade é que Vasqueanes me falou nisso, e que não achei estranha a proposta: mas Leonor prefere Lopo Mendes; mudou de amores: também eu na mocidade mudei mais de uma vez. Além disso, o meu futuro genro é mais rico e mais nobre, e o que eu prefiro a tudo é a felicidade de Leonor.

«"– Embora, senhor cavaleiro, embora! – tornei eu. – Dai-me licença para duvidar de que vossa filha troque de bom grado pelo segundo o seu primeiro noivo. Sei que se amavam muito; porque vi nascer e crescer o seu amor. Não; não é possível semelhante mudança.

«"– Vê-lo-eis já – interrompeu Mem Viegas.– Ela está na capela: examinai bem o seu gesto e as suas palavras e julgareis por vossos próprios olhos se aí há outro constrangimento que não seja o de pudor de donzela que vai trocar a sua coroa virginal pelo grave título de dona.

«"– Se assim é – repliquei –, não posso exercitar meu ministério nestes paços. Em vez de abençoar, eu amaldiçoaria: amaldiçoá-la-ia a ela; porque assassina sem piedade um valente mancebo, o meu desgraçado pupilo, o filho do honrado e bom cavaleiro Vasqueanes.

«"Dizendo estas palavras, encaminhei-me para a porta da sala. Não queria demorar-me ali mais.

«"– Alto lá, dom abade – gritou Mem Viegas, aferrando-me por um braço. – Lembrai-vos de que estais ante um nobre cavaleiro da Estremadura! Ouvi, sem irritar-me, repreensões em que ultrapassastes a liberdade que vos dá o vosso ministério; mas à fé que não vos ouvirei mais nenhuma. Não quereis abençoar minha filha? Paciência! O meu capelão o fará. Também era honra que vós, filho e neto de mesterais e vilãos, não merecíeis. Todavia não saireis daqui para irdes contar o que vistes e ouvistes a Vasqueanes; porque não quero que esse velho tonto faça alguma loucura. Amanhã pela manhã partiremos para a Corte, e vós podereis relatar ao vosso amigo o que se passou. Servireis ao menos de testemunha – prosseguiu com um sorriso de escárnio. – Não é assim! Pajens, o nosso abade padece de gota: talvez lhe custe caminhar até a capela. Se ele não puder ir só, ajudai-o!

«"Ergueu-se, fez-me uma cortesia e partiu. Conheci que se empregaria a força se resistisse. Dirigi-me, portanto, à capela. Dir-vos-ei o que aí se passou? Adivinhei-lo. Mem Viegas dissera a verdade. Leonor entregava de bom grado alma e corpo a Lopo Mendes! Ele era mais rico e mais ilustre que vós!

«"Neste ponto da sua narrativa o abade parou. Eu olhava para ele imóvel. O velho sacerdote prosseguiu:

«– Andei todo o dia livremente pelos paços; mas notei que os besteiros e homens de armas de Mem Viegas me vigiavam os passos. Ao cair das trevas guiaram-me para o aposento onde devia passar a noite: era o alto de uma das torres que olham para o poente. Deixaram-me só, e senti daí a pouco correr os grossos ferrolhos da porta que dava para as quadras do palácio. Rezei: deitei-me; mas não pude dormir. Vinha a manhã rompendo, quando percebi ruído de cavalos no pátio interior do paço. Passado um breve instante abriram a porta da minha prisão. Entrou um pajem e disse-me que podia sair quando bem me aprouvesse.

«"Desci à sala de armas: estava deserta. Saí então: atravessei a ponte levadiça, onde não vi mais que dois besteiros, alguns servos mouros, e o mordomo que passeava pela borda da cárcova. Ao longe, pela estrada, enxerguei uma formosa cavalgada de cavaleiros e damas em ginetes e palafreiros. Entendi o que era. Sem dizer palavra, sem olhar para trás, endireitei para a abadia.

«"Joane, o antigo sacristão, que ainda a esse tempo era vivo, correu a mim de súbito apenas me avistou. Tinha ido bater à porta da residência e, vendo que eu não abria, estava inquieto; porém quando me conheceu ao longe ficou espantado. Contei-lhe tudo: não me queria acreditar. Incumbi-lhe várias cousas relativas à igreja e parti imediatamente para os paços do senhor vosso pai que em glória está.

«"Achei as portas abertas. Peões e besteiros de cavalo corriam para um e outro lado. Tudo mostrava que aí havia já notícia do que sucedera. E eu que compunha medidas palavras para minorar a impressão dolorosa que tão extraordinário acontecimento deve produzir em Vasqueanes! – eis o que eu dizia falando comigo mesmo.

«"Entre: ninguém reparou em mim: todos andavam como pasmados. Sem falar com pessoa alguma, cheguei à câmara de vosso pai. Parece-me que o estou vendo! Assentado em um escabelo, com as faces entre os punhos, os olhos fitos no ladrilho do aposento e o respirar alto e rápido. Aquela grande alma vergava debaixo do peso da aflição. Cheguei-me a ele sem que me sentisse: bati-lhe de manso no ombro: olhou para mim e sorriu-se. Este sorriso traspassou-me o coração. Depois, o seu gesto recobrou as rugas de uma dor funda. Ele não me dizia nada. Fui eu o primeiro que falei.

«" – Senhor Vasqueanes, o homem põe, e Deus dispõe. Seja feita a sua vontade.

«" – E a sua vontade será que se cometam crimes infames e que um pobre velho seja desonrado quando tem já os pés metidos dentro do ataúde?

«" – A sua vontade é que o bom pague com amarguras do mundo as culpas de que ninguém é exempto, e que o mau folgue e ria cá em cima, porque a sua conta tem de ser saldada no inferno.

«" – Oh! mas a desonra!

«" – A desonra é para quem comete feitos vis. O que deles padece esse não é desonrado.

«" – Isso dizeis vós outros atalhou com veemência vosso pai –, os que não herdastes um nome antigo, que se fiou de vós como depósito para o traspassardes sem nódoa aos vossos herdeiros. Vós não tendes herdeiros! Meu Vasco, meu Vasco! onde estás, cavaleiro, filho e neto de cavaleiros, onde estás tu?! Olha que o meu montante enferrujado já não pode sair da bainha; olha que as pernas trôpegas de um velho já não podem apertar as ilhargas de um ginete! Vem! Olha que cuspiram no brasão de teus avós. Lava esta nódoa com sangue.

«"Quando o abade repetiu estas palavras de meu pai, a sua voz se me converteu na dele; e eu rugi por entre os dentes cerrados: "Meu pai, serás satisfeito!" Um mar de sangue parecia correr diante de mim.

«"Sempre eu pensara – prosseguiu o abade – que a traição de Mem Viegas faria vivo abalo no animo de vosso pai; mas tanto, custava-me a crê-lo. O meu ministério era consolá-lo, e para a consolação recorri à fonte de todas elas: lembrei-lhe o Justo, o filho de Deus coberto de afrontas, perdoando na cruz aos seus perseguidores; lembrei-lhe que mais de uma vez, por obra e por palavra, o Crucificado ensinara o perdão das injúrias.

«" – Mas ele era Deus! Mas ele não tinha uma filha que muito amasse; que fosse como uma flor de inocência, um anjo de amor, e que se convertesse..., numa barregã refece e torpe. Um Judas houve entre os seus, como o que entrou nesta casa; mas esse onde está? No inferno. E este? Folga e ri de mim velho. Ah que este velho tem um filho! Vingança, Vasco! Vingança!

«"Eu olhava para vosso pai: não sabia se ele delirava, se nestas palavras havia algum mistério ininteligível para mim. Um pajem que entrou nesse instante me fez ver que vosso pai não delirava.

«"O pajem estava no meio da casa como um criminoso, os olhos pregados no chão

e os braços pendentes.

«"– Então? – disse o senhor Vasqueanes com voz de mortal angústia.

«"– Todos os besteiros e homens de armas – respondeu o pajem – acabam de chegar. Correram quatro léguas por diferentes caminhos. Não encontraram a senhora D. Beatriz, nem D. Vivaldo.

«"– Vasco! – foi o último grito de vosso pai: e caiu desfalecido. Então percebi tudo. Confesso que também nesse instante me passou pelo espírito um pensamento ímpio!

«"Poucas horas antes de eu sair da prisão em que me retivera Mem Viegas, D. Beatriz tinha fugido com o miserável D. Vivaldo. Este homem, indigno do nome de cavaleiro, passando por aqui, falsa ou verdadeiramente enfermo, pedira e recebera gasalhado de vosso pai. Dentro de poucos dias percebi que os olhos de D. Beatriz se encontravam frequentes vezes com os dele. Julguei que, devendo partir brevemente, se alguma afeição ia nascendo entre os dois, se desfaria com o apartamento. Entretanto D. Vivaldo, com seus modos cortesãos e de primor, cativava cada dia mais o animo de vosso pai. À noite lia-nos o *Amadis* do nobre Lobeira, que o senhor Vasqueanes muito gostava de ouvir e de que tinha um traslado dado pelo próprio autor. Quase que vosso pai não podia estar uma hora sem D. Vivaldo. Encostado ao seu braço, passeava tardes inteiras com de, ora na mata de carvalhos, ora no horto contíguo. D. Beatriz acompanhava-o, e este amor, que me parecia em começo, já estava convertido em incêndio violento. Minto: esse homem não era senão um sedutor infame! Se tivesse pedido D. Beatriz a vosso pai, ele lha houvera dado por mulher. Certo que o amava muito! Pobre que fosse ou de menos puro sangue. Era uma cegueira do honrado fidalgo; e aquele miserável devia ser o seu assassino!

«"Desde este dia, vosso pai não disse mais palavra, nem quis mais comer. Às vezes viam-se-lhe borbulhar nos olhos as lágrimas; mas enxugavam-se-lhe logo. Durou assim alguns dias. Uma febre violenta o sustentava. Este fatal alimento faltou-lhe por fim, e expirou. O nome único por que chamou, pouco antes de morrer, foi o de seu filho.

«Aqui o abade calou-se. Estava em pé diante de mim, e eu olhava para ele fito: Brites, que tinha escutado tudo, imóvel como eu, me tirou daquele torpor, saindo do aposento e cantando:

*Boa festa, santa festa,
Em que se canta latim:
De festa vestida, às bodas,
As bodas cantando vim.*

«Já, porém, este medonho contraste de uma voz de alegria no meio do ambiente de ferro que me cercava não me fazia abalo. A dor passara o termo até onde lhe é dado ir esmagando o coração humano: o meu era ermo, nu, petrificado. Mas aí estava gravada pela voz de meu pai uma palavra que não se podia apagar – *vingança!*

«"– Que me dêem algum alimento. No pátio um ginete enfreado e selado, A minha armadura e a minha espada bem limpas na sala de armas! Um pajem para me acompanhar.

«"– Senhor Deus, Jesu-Cristo! – exclamou o abade, com um gesto de terror, que, não sei porquê, nele tinham causado estas palavras.

«"– Que me dêem algum alimento. No pátio um ginete enfreado e selado. A minha armadura e a minha espada bem limpas na sala de armas. Um pajem para me acompanhar!

«Os meus pensamentos eram imutáveis como de bronze; as minhas palavras como um dobre por finado, inegáveis, indestrutíveis.

«Creio que comi: senti renovarem-se-me as forças. Creio que vesti a armadura: ouvi o tinir do fraldão de malha sobre os coxotes e o jogar destes e das grevas debaixo das joelheiras. Creio que cingi a espada: o coração percebeu que o instrumento da vingança estava encostado ao peito. Creio que cavaleguei o meu ginete: conheci que ele escarvava a terra diante da planície que se alargava em frente dos paços, já meus, como em dia de peleja no campo da lide.

«Também um pajem, cavalgando uma hacaneia, estava ao pé de mim: trazia-me a lança e, às costas, o meu escudo metido em uma funda. Como se outras armas houvesse aí mais que a espada ou o punhal para quem quer vingar-se; outro escudo mais que uma vontade, um pensamento perspicaz, tranquilo, único, incapaz de errar o alvo, semelhante a uma tenção danada de Belzebu!

«"– Sabes onde são os paços do cavaleiro que estive aqui? – perguntei eu ao pajem.

«"– Qual senhor!

«– D. Vivaldo, cão maldito!

«"– Não, senhor. Mas ouvi que seguia a Corte.

«"– Para Lisboa!

«Partimos. Caminhávamos enquanto os cavalos se podiam menear e ficávamos onde nos colhia a noite. Aproximámo-nos certo dia de uma povoação: era domingo: o sino tocava à missa: o povo apinhava-se à porta da igreja. Cheguei aí e passei. Não me importou o dever de cristão e não senti remorsos. Percebi então como um pensamento pode fazer um réprobo. As mãos estavam ainda puras: a alma já era negra.

«Entre em Lisboa. Ao transpor a Porta da Cruz, experimentei o mesmo gozo que sentira ao descer o outeiro que jaz à entrada da minha terra natal: lá, pai, irmã, amante; aqui todas as minhas vítimas! Prazer de homem aí: prazer de demónio cá. Mas que importava? A intensidade era a mesma.

«A minha boa espada tinha de ir bater sobre uma cabeça criminosa, como maldição paterna lançada do leito da morte; como os pelouros desses trons ruidosos com que os Castelhanos rareavam nossas alas em Aljubarrota, sem haver arnês que lhes resistisse, elmo que, ao perpassar deles, não voasse em rachas com o crânio de seu dono, Qual devia ser a primeira? Hesitei. Lembrei-me da palavra que me legara meu pai: procurei o sedutor de Beatriz. Debalde. Ninguém conhecia D. Vivaldo. Entre os cavaleiros de el-rei nenhum havia tal nome. A febre da desesperação começava a consumir-me. Insuportável era para mim e para os outros a minha melancolia.

«Certa manhã, corria eu ao acaso ruas e terreiros de Lisboa, sem saber aonde ir ou a quem perguntar por esse nome vão, por essa sombra fugitiva que o meu sonho de vingança parecia trazer-me perto dos olhos e que a realidade me punha cada dia mais fora do alcance. Saindo da pousada, no extremo do Bairro dos Escolares, passei pelos Paços dos Infantes e cheguei ao terreiro da Sé. Ainda aí estava o engenho com que os populares tinham, em tempo de D. Fernando, despedaçado um traidor. Negro, meio podre, coberto de limos, tinha-o esquecido o povo! O monumento santo, o monumento da vingança não importava a ninguém! Apertei contra o coração o punho da espada. Ela não havia de esquecer-me nunca: só me tardava o dia em que pudesse pendurá-la no lugar mais alto da sala de honra dos meus paços, entre as armas ferrugentas de Vasqueanes, e depois ir ajuntar mais um cadáver no carneiro de meus avos.

«Com os braços cruzados e os olhos fitos no engenho arruinado, deixava-me ir ao som dos meus desvarios, quando vozes confusas vieram despertar-me. Olhei: o povo estava apinhado junto à torre da Sé que deita para a banda do aguião. Encaminhei-me

para lá, sem saber porquê: arrastava-me uma espécie de instinto.

«Quando me aproximei logo vi o que era. Um truão mouro divertia o povo cantando arremedilhos, fazendo momos e visagens e saltando como alienado ao som de um adufe. Daí a poucos instantes um estrupido de cavalos soou do lado dos paços d'El-Rei: o povo afastou-se, e dois cavaleiros, acompanhados de seus pajens, chegaram perto da torre junto da qual o bom do truão trabalhava por divertir a gentalha. Um deles era homem de idade madura, mas de aspecto apazível; o outro mancebo e gentil-homem. Embebido em seus momos, o jovial folião continuou a saltar, tocando o adufe, com pantomimas lúbricas e cantigas obscenas; mas os dois cavaleiros, vendo que o autor do drama popular era um mouro, bradaram a uma voz: "Arreda-te, cão", e picando os acicates, senhores e pajens saltaram por cima do pobre mouro, que rolou pelo chão, dando agudos gemidos.

«O truão alevantou-se: olhou de roda espantado por alguns momentos e depois, cravando os olhos no céu, com um aspecto em que se misturavam sinais de cólera e de angústia, exclamou:

A maldição do profeta caia sobre vós, infiéis! «Ouvindo isto, o povo, em vez de se compadecer dele, começou a dizer-lhe injúrias e a atirar-lhe pedradas e lixo, dando grandes risadas.

«– Perro, porque não fugiste? – gritavam uns.

«– Arriba, e dança no monturo! – bradavam-lhe outros.

«Um ano antes teria rido, como os mais, da desventura daquele mesquinho; mas tudo em mim estava mudado. Acreditareis, virtuoso Fr. Lourenço, que eu, cavaleiro de Cristo, tive dó de um mouro e amaldiçoei os dois nobres?

«– Vis sandeus – disse em voz baixa –, deixam passar os poderosos que oprimem, e escarnecem do agravado, porque é um pobre mouro! – Porventura esta reflexão nascia de que eu também era oprimido. Também cavaleiros me haviam calcado como ao pobre maninelo.

«A minha reflexão foi ouvida por um velho que estava ao pé de mim. Mediu-me com a vista e, sorrindo-se, disse-me:

«– À fé, senhor, que tenho setenta anos, e é a primeira vez que ouço um cavaleiro doer-se de um vilão. Dos melhores são esses que vedes e, apesar de tudo, aí tendes o que fizeram ao triste jogral.

«– Conhecei-los? – perguntei eu.

«– E quem não conhece– tornou o velho– o mui nobre e esforçado Lopo Mendes e Fernando Afonso, o camareiro de el-rei?

«O nome de Lopo Mendes vibrou nos meus ouvidos como um trovão que houvesse estourado subitamente. Fiquei calado por algum tempo: uma tempestade de paixões tumultuosas e encontradas me dilaceravam o coração. D. Vivaldo ofendera a honra, Lopo Mendes o amor. As minhas diligências para encontrar D. Vivaldo tinham, porém, sido baldadas, e eu, que só vivia para sangue, coava dias após dias inúteis no mundo. O sedutor de Beatriz tinha o primeiro lugar: era a vítima de meu pai e a minha; mas o marido de Leonor passara diante de mim, senhoril, orgulhoso, feliz no seu amor detestável; interpunha-se entre o tigre e a preia. Deus tinha contado os seus dias. Devia morrer mais cedo do que eu próprio imaginara.

«Estes pensamentos vieram-me como um relâmpago; mas a resolução que geraram foi imutável. Voltei-me para o velho e perguntei-lhe com aparente tranquilidade:

«– E onde pousa ora Lopo Mendes?

«– Nas casas de Álvaro Pires, junto ao muro que desce da Trindade para Valverde, perto da torre de Álvaro Pais.

«Felizmente tinham-me ensinado a escrever. Parti. Nesse dia, ao pôr do Sol, Lopo Mendes recebia um papel, fechado com uma cinta preta, no qual havia estas palavras:

«"Um cavaleiro que te aborrece com as veras da alma te requesta e repta para um duelo a todo o trance. Amanhã no campo da lide, a hora de prima, com cota e braçais, estoque e misericórdia. Na primeira devesa, além do pinhal da esquerda, o acharás. Vil e refece, mais que sua infame mulher, é Lopo Mendes, se aí não estiver a hora de prima. Não leva firma: daqui a poucas horas me hás-de conhecer."

«O pajem que levava esta carta recebeu-a outra vez aberta e aberta ma entregou. Trazia no alto escrito:

«"Quem quer que sejas, vilão, põe aí teu nome, para que te faça açoutar como a um mouro perro e fugidiço. – Lopo Mendes."

Ri-me.

III

A CAÇADA

Hora devees de saber que aquel boom alaão de Bravor, comprido dardimento e de boomdades, segundo saa natureza, era assi acostumado, que... nem porco nem husso, nem outra animalia com que se encontrasse, nom avia de travar em ella, a menos de lho mandarem fazer.

FERNÃO LOPES, *Cr. de D. Fern.*, Cap. 99.

– Vinte dias e outras tantas noites – prosseguiu Fr. Vasco –, com uma cota de malha vestida por baixo do pelote e da capa e com o meu punhal na cinta, vagueei horas inteiras em redor da pousada de Lopo Mendes. Muitas vezes o vi sair e descer para a banda de Valverde, ao longo da muralha do norte. Seguia-o de longe, até o ver sumir-se nas mas tortuosas e escuras do coração da cidade. Eu subia então outra vez a encosta e vinha curtir tardanças da hora de sangue nas cercanias das casas de Álvaro Pires. Finalmente essa hora suspirada bateu.

«Era pela manhã cedo de um dia de Fevereiro. O tempo ia sereno, posto que frio. Aquela noite, bem como as outras, mal passara pelo sono, e ainda este povoado do sonhos horrendos. Apenas rompeu a alva, montei a cavalo e, seguido do meu pajem, voltei à ocupação quotidiana. Atravessei a cidade, saí pela Porta de Santa Catarina, e corri com o muro ao longo da barbacã. Quando cheguei defronte do postigo de Álvaro Pais vi cousa que me fez parar.

«Montado em um corredor ruço-pombo e vestido de monte, Lopo Mendes saía para o arrabalde. Acompanhavam-no um pajem e o falcoeiro com um galgo e um alão atrelados e um nebri em punho. Cortejou-me ao perpassar. Com um movimento convulso apertei o conto do meu punhal e também o saudei. Partiu. Segui-o de longe: por montes e ladeiras, por lugares selvosos e chãos calvos, nunca o perdi de vista. Ele perseguia as aves e alimárias inocentes: eu perseguia-o a ele. Qual de nós seria mais feliz? Nem eu o sabia, nem ele.

«Por bicadas de montes e por barrocais, por entre os silvados e olivedos entremeados de vinhas que se penduram pelas encostas até as margens do Alcântara, nunca me alonguei dele. Tinha deixado o meu cavalo ao pajem; também ele deixara o corredor ao seu. Só com o falcoeiro, metia-se por brenhas e saía às clareiras. Eu, como o seu anjo mau, ia muitas vezes bem perto dele, cosido com os cômoros e sebes ou sumido pelos algares das torrentes ou pelos córregos das quebradas. Chegou a uma ponte de madeira e atravessou o rio para a banda do ocidente. A serra fronteira, calva aqui e acolá, é pela maior parte enredada de urzes e tojos, por entre os quais apenas se encontram estreitas trilhas de pastores. É, talvez, este o único sítio dos arredores a que se possa chamar um ermo. Deixei-o embrenhar e transpus o rio após de. Por alguns momentos julguei que o tinha perdido, mas divisei-o por fim sobre um penedo a meia serra. Acerquei-me o mais perto que era possível. Escutei: batia-me o coração com força. Ouvi-o gritar: "Bravor, ao fojo!" Era ao galgo que falava. Vi partir este destrelado por entre penedias: uma lebre corria adiante; o cão ia alcançá-la. De repente um e outro desapareceram, como se a terra os houvera engolido,

«Lembrei-me então de me haverem contado que por toda esta serra se encontram caminhos subterrâneos cuja origem se ignora. Uns os supõem obra da natureza, outros

dos homens. Tinham-me dito que os caçadores, usados a frequentar estes sítios, conheciam as entradas e saídas desses corredores tortuosos e escuros e que muitas vezes se aproveitavam disto para lançarem os lebréus por um cabo e dividirem-se para lhes tomar as saídas. Começara a desanimar; mas esta lembrança me avigorou a esperança.

«Não me enganei. Ouvi Lopo Mendes falar com o falcoeiro, e vi partir este, levando o neбри em punho e o alão atrelado. O cavaleiro seguiu a pista do galgo e, como ele, desapareceu entre o fragedo.

«Ajoelhei. Dava graças ao Céu, que devia rejeitar a minha gratidão blasfema.

«Erguendo-me, parecia-me que o coração se me dilatava. Tinha as mãos, o rosto, os joelhos feridos e ensanguentados; mas já não era preciso arrastar-me por mais tempo, como a víbora, por valados, balsas e sarças. O tigre arrojava-se acima da preia com a fronte erguida, com o bramido do contentamento e diante da luz do Sol.

«Este havia começado a sua declinação diária quando cheguei àquelas concavidades, cujo ádito, escondido entre a penedia, só divisei ao dar de rosto com ele. Era virado ao ocidente, e a claridade da tarde, já bastante amortecida, batendo nas paredes irregulares da primeira gruta, penetrava indecisa até meia área da caverna imediata, por um arco de pedras amareladas e brutescas como o resto do covão. No meio daquele arco um vulto de homem, curvado para diante e firmando as mãos sobre os joelhos, parecia tentar o ver alguma cousa através das sombras que tinha diante de si. Escusado é dizer-vos cujo era esse vulto.

«Com os braços cruzados, contemplei-o imóvel da entrada do subterrâneo: estava tão embebido em esperar o seu lebréu, que não deu tino de mim.

«Entrei: o chão era barrento e húmido. Ajudado por esta circunstância, caminhei com passos lentos e subtis, por tal modo que estava junto de Lopo Mendes, e de não me sentia.

«Aferrei-o por um ombro sem dizer palavra: ele apenas pôde voltar meio corpo, dando um estremeção.

«— Que me quereis? Quem sois? — perguntou perturbado.

«— Um vilão que vem dizer-te o seu nome, para o mandares açoutar como um mouro fugidiço.

«— Entendo, senhor cavaleiro! Mas escolhestes mau lugar e hora para renovar requesta. Em tanto aqui a aceito, se me disserdes vosso nome...

«— O meu nome? — gritei eu. — O meu nome e Vasco da Silva! Conhece-lo? Requesta já ta fiz: não a aceitaste. Querias o meu nome para atirar-me a cabeça aos pés do algoz? Tu és vil, Lopo Mendes; vil como tua mulher, que se prostituiu a ti, atraído-me, porque tinhas mais dois avós, mais dois punhados de dobras. Repto!... É tarde para falar nisso.

«Dizendo estas palavras, levei a mão à cinta e arranquei meio punhal.

«— Mas é um assassínio!...

«— Adivinhaste!

«Lopo Mendes pretendeu desembaraçar-se. Pobre cortesão! Os ossos do ombro rangeram-lhe debaixo da minha mão ensanguentada pelas urzes e silvados: vergou e caiu de joelhos.

«— Por vosso pai, por vossa irmã, Vasco da Silva, que não me assassineis!

«— Meu pai — tornei-lhe eu com uma tranquilidade que devia ser horrível — foi morto por um homem tão vil como tu; irmã já não a tenho: converteu-se numa barregã tão infame como tua mulher.

«— Por Deus, que não queirais lançar a minha alma no inferno! Não me mateis sem confissão!

«Não lhe respondi: sentia na boca um gosto de sangue: cor de sangue me parecia a

frouxa luz que me alumiaava. Ergui o punhal e cravei-lho duas vezes no peito: caiu. Ajoelhei ao pé dele, curvando-me, e gritando-lhe ao ouvido:

«– No inferno nos encontraremos!

«Quando saí da caverna o Sol ia-se pondo; quando passei o Alcântara, tocava o sino da oração. Chegando ao lugar onde deixara o pajem com o ginete, cavalguei sem dizer palavra: atravessei os campos e as ruas da cidade já desertas, e tanto que entrei na pousada, sem tomar nenhum alimento, sem saber o que fazia, encerrei-me na minha câmara.

«Que noite, padre! que noite!.. – Estes cabelos não estavam brancos no outro dia; mas a alma tinha-me envelhecido vinte anos. Acordado, com os olhos abertos, via Lopo Mendes, ensanguentado, entre chamas, em pé diante de mim: os seus olhos eram dois carvões acesos, que se lhe revolviavam à flor do rosto. Cerrava os meus; via-o através das pálpebras, imóvel, silencioso! O suor corria-me da fronte em bagas. A oração fora o meu único refúgio naquela afrontosa agonia; mas não havia uma só palavra de oração de que o espírito se recordasse ou que os lábios pudessem repetir. O rezar é para os inocentes: eu tinha escrito o meu nome com sangue no livro maldito dos grandes criminosos.

«No outro dia, com a luz, com o tumulto da vida, os meus terrores asserenaram. Recobrei o sentimento da vingança; mas já não era tão inteiro e violento, porque com ele se misturavam remorsos. O pajem que comigo trouxera mandei-o voltar para o meu castelo, tomando por pretexto algumas ordens que tinha de comunicar ao mordomo do solar. A morte de Lopo Mendes devia divulgar-se, e eu temia que as desconfianças estouvadas do pajem me atraíssem. Não receava o castigo; mas considerava-me como ligado à missão de sangue que meu pai me incumbira na hora da morte. Desempenhada esta, nada me importava morrer, e pouco mais que o lugar da agonia fosse uma cama de frouxel e telas alvas ou o cepo duro e coberto de luto do cadafalso.

«Era pelo fim da tarde quando saí da pousada. Encaminhei-me para o sítio da morada de Lopo Mendes: queria saber o que se passara, e a ninguém podia encarregar disso sem alevantar suspeitas. Quando aí cheguei, já o crepúsculo da noite mal deixava enxergar os objectos. Pelas frestas das casas contíguas às de Álvaro Pires bruxuleava o clarão das candeias e tochas, mas nessa habitação tudo estava fechado e escuro como um sepulcro. Pelo profundo portal do edifício entravam e saíam vultos negros e silenciosos. Cheguei mais perto, e então percebi distintamente os choros e prantos das carpideiras misturados com os salmos religiosos e com as orações pelos finados. Transpirando através das vidraças e portas cerradas, estes sons frouxos e discordes vinham bater-me nos ouvidos e, em vez de me causarem prazer, como eu imaginara nos meus sonhos de vingança, esmagavam-me o coração e faziam-me eriçar os cabelos.

«Era evidente que o cadáver de Lopo Mendes tinha sido encontrado; mas importava-me saber como e se havia algumas suspeitas acerca do matador. Dirigi-me a um daqueles vultos que incessantemente entravam e saíam, e perguntei-lhe o motivo dos prantos que ouvia.

«Soube então que o falcoeiro voltara em busca de seu senhor e que, encontrando-o assassinado, correria à cidade como louco a dar conta daquele sucesso; que a justiça, guiada por ele, fizera conduzir o cadáver para ser sepultado, o que nessa noite se verificava; que, a princípio, algumas suspeitas tinham recaído sobre o falcoeiro; mas que estas se haviam desvanecido, atendendo a que era um antigo e leal servo e a que, se tivesse sido o assassino, não seria ele que por si próprio se viesse oferecer ao castigo; que, todavia, tinha sido posto a ferros até se averiguar quem havia cometido aquele homicídio, o que ainda era um mistério.

«Ainda bem não tinha acabado de ouvir esta narração, quando a luz viva de

muitas tochas alumiu subitamente as escadarias e o pátio da casa, e os prantos e hinos reboaram distintamente pelas abóbadas. Era o saimento que descia. Encostei-me para o ângulo do edifício e dali contemplei a minha obra infernal.

«Os frades de S. Francisco vinham adiante com os capuzes metidos na cabeça e tochas acesas nas mãos, rezando em voz baixa e soturna: seguia-se a tumba, levada em colos de homens e coberta de panos negros. O suor corria-me em fio da fronte; os dentes batiam-me uns contra os outros. Porque estava eu ali? Não o sabia. Oh, venerável Fr. Lourenço, era o meu crime que me tinha de sua mão: era ele que não me deixava tirar os olhos daquela horrível tumba! Vergava-me o coração debaixo do peso dos remorsos, e, todavia, lembrava-me de que ainda me faltavam mais vitimas!

Neste ponto da sua narrativa o monge calou-se por alguns momentos, como quem buscava atar o fio partido das ideias e trabalhava por cobrar novas forças para prosseguir. O mestre de Teologia tinha os olhos fitos nele, sem pestanejar, e nas suas feições transparecia o horror em que lhe afogava o ânimo tão medonha e abominável história.

– A tumba havia passado os umbrais da casa – continuou o moço frade – e ainda eu a seguia com os olhos, quando, após tantos vultos negros, um alvejar de roupas atrás do ataúde me distraiu. Era ela: era Leonor! Pendia-lhe da cabeça um longo capuz de vaso, flutuando sobre a túnica de almáfega alvacenta, que lhe arrastava até o chão. Chorava e soluçava pelo morto! E eu ali; traído, esquecido, miserável, criminoso por ela! Era ainda formosa: mais, porventura, que no tempo dos nossos amores! Não sei o que me reteve que não me arrojassem a seus pés e Unos beijasse e lhe pedisse perdão e depois a apunhalasse. O meu arquejar devia soar bem longe: mas não disse nada. Padei e sofri.

«Donas, donzelas e cavaleiros, também vestidos de burel branco e com as cabeças cobertas de vaso, rodeavam Leonor. Após eles mais nada, senão algum povo que começava a ajuntar-se. O portal ficou deserto, e apenas se ouvia, lá em cima nos aposentos, o choro das pranteadeiras, que provavelmente não tinham ousado acompanhar o morto com suas lágrimas venais.

«Meti-me entre o povo e segui o saimento. Aquele complexo de frades e cavaleiros e donas e donzelas e hinos e rezar baixo e soluçar e carpir, entre cujo mover incerto e lento, entre cujo ruído soturno e temeroso, eu via a menor acção de Leonor, ouvia o menor acento da sua mágoa acerba e afogada em choro, era como um redemoinho que me arrastava e embebia em si irresistivelmente. Vago e monstruoso, como aquele longo vulto de muitos vultos, como aquele vozear de muitas vozes, era o que se passava em mim: se aflição ou prazer, remorsos do crime ou contentamentos da vingança, sede de mais sangue ou desejo de perdão, ódio imenso ou amor desperto de novo com dobrada ânsia é o que não saberei dizer-vos. Porventura, era isso tudo, que a um tempo me assaltava e despedaçava o coração.

«Chegando à Igreja de S. Francisco, o saimento atravessou o portal do meio e seguiu ao longo da nave central. No cruzeiro estava um estrado coberto de negro: depositaram em cima o ataúde; abriram-no, e os salmos da morte, momentaneamente interrompidos, reboaram de novo por aquelas fundas arcadas.

«Havia-me encostado a uma das colunas das naves, para ali ir bebendo gole a gole o meu cálix de amargura. Quando abriram o ataúde, lancei para lá os olhos, sem saber o que fazia. Vi a face lívida do morto: tinha os dentes cerrados, as feições contraídas, e de cada canto da boca pendia-lhe um fio de sangue negro e gelado, como devia estar o que eu lhe deixara nas veias. Voltei os olhos num relance, mas continuei a vê-lo... então... depois... agora mesmo..., talvez para sempre... talvez na hora tremenda da derradeira agonia!

O moço frade não disse, murmurou ou antes rugiu estas últimas palavras: afastou-se com ímpeto de Fr. Lourenço, apertou a testa com as mãos ambas e exclamou:

– Ai, quem me tira isto daqui!

Este brado, semelhante ao grito de homem que matam a ferro, despedaçava o coração.

Um grande crucifixo estava encostado à parede na cela de Fr. Lourenço. O velho monge atirou-se de joelhos, abraçando os pés da cruz e derramando rios de lágrimas.

– Pelas tuas divinas chagas, por teu sangue vertido sobre a cruz, Redentor do mundo, perdoa a este mísero, como perdoaste aos algozes que te crucificaram!

Estas palavras ainda as ouviu Fr. Vasco. Depois a oração de Fr. Lourenço soava apenas como um murmúrio de aragem da tarde por campina de ervas rasteiras. Era a oração que os ouvidos dos homens não ouvem; aquela que Deus entende. E à proporção que o rezar do velho se afervorava, as mãos confrangidas de Fr. Vasco lhe iam descendo da frente, e esta se lhe asserenava. Ficou imóvel olhando para o ancião, cujas longas melenas brancas varriam o ladrilho do aposento. Também dos olhos lhe rebentaram algumas lágrimas.

Fr. Lourenço ergueu-se por fim. Reluzia-lhe no rosto uma alegria celeste. Fr. Vasco arrojou-se outra vez no seio do homem justo. Que consolação há aí semelhante à de alma crivada de remorsos, quando se encosta a outra cujos pensamentos moram aos pés do trono do Senhor? Comparada com ela, a do nu e faminto, recebido no regaço do abastado, pode-se chamar desconsolo.

– Leonor, Beatriz, meu pai, D. Vivaldo, a vingança – prosseguiu Fr. Vasco – tudo me desapareceu da alma com aquela vista medonha. Saí como louco da igreja. Precisava de ar, porque me faltava a respiração; precisava das trevas da noite, porque a luz que aí havia era luz de mortos. Vagueei horas inteiras pelas ruas da cidade, àquela hora ermas e tenebrosas, até que, meio desfalecido, me recolhi à pousada.

«Era meia-noite. Esta, e as que se lhe seguiram foram semelhantes à antecedente, povoadas de visões e de terrores – Lembrei-me umas poucas de vezes de atirar a minha alma ao inferno, apunhalando-me; mas avaliava já os seus tormentos, e não ousei tanto. Crede-me, Fr. Lourenço, um homem que se mata a si próprio ou é um louco ou tem coração tão danado que desconhece os remorsos. Só quem passasse pelo que eu passei entenderia plenamente a significação destas palavras – *condenação eterna*.

«Foi depois de quinze dias de insuportável padecer que um raio de esperança aluminau as trevas desta alma. Lembrei-me de buscar-vos. Todos vos diziam bom, e que tínheis a virtude de asserenar as tempestades do espírito...

– Fr. Vasco – interrompeu o velho monge com aspecto severo –, esses milagres fá-los Deus, e não o vaso de barro que é seu instrumento e que, depois de servir, ele parte no dia em que se tornou inútil.

– Procurei-vos. O meu intento era contar-vos tudo; mas desfaleci no propósito. Ouvistes só metade da minha negra história: agora aí tendes nu este coração. Por Deus, que não amaldiçoeis o pobre Vasco: por Deus, que não o amaldiçoeis quando ele vos disser que este santo hábito, amortecendo os seus terrores, fez ressumbrar de novo o amor, a sede da vingança, a memória do legado paterno, todos os sentimentos que o fizeram criminoso. Oh, reverendo nono, eu perdoaria tudo, menos uma afronta ao nome de meus avós; eu esquecer-me-ia de tudo, menos de um amor puro e ardente, como era o meu, desprezado, escarnecido por mulher leviana e refalsada; eu cerraria os ouvidos a todas as sugestões, mas não posso cerrá-los à voz de meu pai, que lá debaixo da terra me brada: Vingança!

– Vasco, Vasco! Desgraçado! Aquele fez mais do que isso: amou e abençoou os que lhe cuspiram nas faces e lhe tiraram a vida nos tormentos da cruz.

E apontava para o crucifixo.

– Não posso – murmurou o moço frade.

Fr. Lourenço ajoelhou de novo e curvou a fronte para o chão. Desta vez, não aos pés da imagem do Salvador, mas aos pés de li. Vasco, ora beijando-lhos, ora abraçando-o pelos joelhos.

– Meu irmão, filho de S. Bernardo, não queiras perder a tua alma. Este pobre velho to pede chorando! Perdoa! perdoa! Se os que te ofenderam viessem agora ajoelhar-te aos pés e implorar piedade, negar-lha-ias tu? Não! E se o fizesses... – aqui Fr. Lourenço ergueu-se rapidamente, e em pé, com o braço mirrado e pálido estendido para Fr. Vasco, e saído um pouco fora da manga do hábito, tomou a postura e o aspecto de um profeta que fala em nome de Deus – se o fizesses, o Senhor lhes perdoará por ti, e réprobo foras tu, não eles. Talvez a estas horas desejem dizer-te *peccavi!* Talvez chorem com lágrimas de sangue! E tu? Blasfemas. Se não se arrependem, crês que a justiça divina dorme? Vasco, também tu és réu, como eles. Perdoa, se queres perdão. O juiz de nós todos é o que mora nos céus.

O monge não respondeu nada.

Também nós não protrairemos por mais tempo esta cena de luta moral, em que o virtuoso velho trabalhava por salvar um desgraçado, que nascera bom e honesto, e que a sociedade fizera culpado. Mentirosa, corrupta e má, a vida social, cheia de erros, preocupações e vícios, danada nas instituições e nas leis, nas crenças e nos costumes, educa as gerações e os indivíduos, legando-lhes largo cabedal de perdição; e quando os arbustos plantados em terra peçonhenta, tendo bebido uma seiva venenosa, produzem seus frutos de morte, o mundo, ao mesmo tempo malvado e hipócrita, horroriza-se, abomina a sua obra e, ajuntando-se à roda do cadafalso dos supliciados, que ele próprio lá conduziu, saúda uma cousa a que pôs por nome justiça e que não é mais que uma desculpa embusteira da ignorância e da perversidade, não do indivíduo criminoso, mas desse vulto hediondo e informe chamado sociedade, para o qual não há, nem leis, nem punição, nem algozes. Semelhante ao nosso, semelhante aos que hão-de vir, era o século XIV; e Fr. Vasco, lançado na carreira do crime pelo pundonor de cavaleiro e de nobre, pela exageração de fortes paixões, era uma vítima das ideias do seu tempo, como tantos o são das do nosso.

Desde o dia em que se passou o diálogo que deixamos escrito, Fr. Lourenço foi como o anjo-da-guarda do pobre Vasco. Uma simpatia inexplicável para ele o unia a este mancebo, a quem o velho ganhara amor de pai. Era que entre estas duas almas havia uma harmonia; ambas elas eram nobres e generosas. Como duas árvores gémeas nascidas num vale roto por algum fojo profundo, que misturam as raízes em abraço fraterno e das quais uma, posta na aresta do abismo, tem o tronco e os ramos de um verde mal-assombrado pendentes sobre a voragem, que ameaça tragá-la, enquanto a outra, aprumada e alegre, braceja vergôntes para o ar e para o sol, assim destas duas almas, ambas na essência formosas, uma se balouçava triste às bordas do inferno, enquanto a outra fugia nas asas dos santos pensamentos para o seio de Deus.

E como das duas árvores a que está mais firme obsta a que a outra se despenhe, assim Fr. Lourenço tinha da sua mão o mal-aventurado mancebo.

As paixões deste eram daquelas que só fulminando soam. Sem vícios, sem ânsia de gozar, porque o gozo não era para a sua alma queimada pelo padecer; afável, bom e humilde com todos os que o tratavam, porque o ódio guardava-o como um tesouro contra quem o tinha ofendido; compadecido dos oprimidos e desventurados, porque também ele o era, Fr. Vasco passava no Colégio de S. Paulo e S. Elói por um futuro sucessor de Fr. Lourenço em santidade e boas obras. Tendo-se entregado com fervor ao estudo, como um meio de afugentar pensamentos cruéis, criam que o amor da ciência o

obrigava a passar as noites sobre os livros, enquanto ele o fazia só porque a vigília sobre o livro mais sensabor é um folgado comparado com a vigília no leito do repouso, que tantas vezes se converte em Getsémani de agonia.

Assim, Fr. Vasco, indigitado como futuro santo e futuro sábio, estava bem longe de ser uma ou outra cousa. Fr. Lourenço era quem o conhecia; quem passava horas e horas pedindo a Deus salvasse aquela alma. Todavia, se houvesse alguém que perguntasse ao porteiro Fr. Julião ou a qualquer outro leigo do Colégio de S. Paulo e S. Elói qual era o carácter de Fr. Vasco, ouviria uma linda novela, em que não haveria uma só palavra de verdade.

E no fim o donato, empertigando-se, concluiria com aquelas palavras, que nós e tu, leitor, temos ouvido a tantos donatos que ainda há no mundo:

– Conheço-o por dentro e por fora!

Parvos!

Mas a nossa barca, ou antes a barca afretada por Fr. Lourenço, abicou a Restelo. Saltemos em terra com os dois cistercienses.

IV

A FESTA DA MAIA

As gentes juntas em desvairados bandos de jogos e danças por todalas praças com muitos trebelhos.

FERNÃO LOPES, *Cr. de D. João I.*

Na época em que se passaram os factos contidos nesta história, que não cede em verdade à mais campanuda e edificativa do *Flos Sanctorum* de Ribadeneira ou de Fr. Diogo do Rosário; nessa época, dizemos, quem, subindo pelo Tejo acima, contemplesse a margem direita do rio teria que ver um painel bem diferente do que ela actualmente apresenta aos olhos do navegante que, afeito às solidões do céu e do oceano, se engolfa na magnificente baía da velha Lisboa. Esses milhares de edifícios que, semelhantes a uma longa cauda alvacentas, a cidade estira até Pedrouços, acompanhando as sinuosidades da margem, ainda não existiam. Esse alto, onde hoje campeia o monstruoso fragmento de uma absurda e monstruosa concepção, o palácio egípcio-gregoromano-jesuítico da Ajuda, era uma brenha intratável. Belém não existia, e pelas altas barreiras do Alcântara, sobre o qual já então havia uma ponte, pouco mais ou menos como a de hoje, fazendo o devido desconto da estátua do santo mártir advogado das pontes, que ainda então não era nem santo, nem mártir, nem nascido; pelas altas barreiras do Alcântara, entre os barrocais, verdejavam as vinhas, que desciam em anfiteatro até o fundo do vale, por onde ele se vai deslizando preguiçoso e pobre, condições que, diga-se aqui de passagem, dão ao bom do rio um profundo carácter de nacionalidade.

Estas vinhas, misturadas com algumas hortas e olivais, espalhando-se pelas alturas de Buenos Aires e estendendo-se para o lado de Santos, espécie de burgo que já se chamava assim, corriam até o outeiro conhecido hoje com o nome de Bairro Alto. Era pela assomada oriental deste monte que a cidade findava do lado do poente. El-Rei D. Fernando I lhe dissera «não passarás daqui» e cingira-a com uma cinta de muros, torres e barbacãs, que por esta parte corria desde o Largo de S. Roque, quase numa linha recta, pelo Largo do Loreto e Tesouro Velho até o Ferregial. Foi no ano de 1373 que, vindo el-rei do Alentejo, «começou de cuidar (diz Fernão Lopes) no mal e dapno que o poboo da çidade avia recebido por duas vezes dos castellãos e como espiçiallmente ouverom gram perda dos moradores de fóra da cerca em grandes e fremosas casas, e mujtas alfayas, e outras riquezas que levar nom poderom com-sigo, quando elrei de Castella veo sobre ella; e esto porque mujtas das mais rricas gentes moravom todos fóra em huum grande e spaçoso arravallde que avia arredor da çidade, des a porta do ferro ataa porta de Santa Catellina, e des a torre d'Alfama ataa porta da crus; e veendo elrei como esta soe çidade era a melhor e mais poderosa de sua terra, e que em ella prinçipallmente estava a perda e defenssom de seu reino, desahi como fora dapnificada dos enemyguos por fogo, e outros malles que avia rrecebidos, de que el tinha grande sentido; determinou em saa vomtade de a çercar toda arredor, de booa e defemssavell cerca; de guisa que nenhum rei lhe podesse empeeecer, salvo com grande multidom de gente, e fortes artefições de guerra». Este pensamento, posto em execução e levado a cabo em dois anos, salvou daí a pouco Portugal das garras de Castela. Mas quando os tributos da África e as riquezas do Oriente caíram como orvalho sobre a cidade dos muitos séculos,

ela, desmentindo as palavras de D. Fernando e semelhante a um velho carvalho, começou a brotar renovos pelas fendas do seu córtex de pedra. Dir-se-ia que as armadas portuguesas, carregadas com os despojos do mundo e malsofridas de tanto peso, iam lançando ao longo da praia, desde a cidade até Restelo, montes de ouro e especiarias, que as mãos dos senhores dos mares convertiam logo em templos e em palácios. Foi nos fins do século XV e principalmente por todo o XVI que essa cidade maravilhadora de olhos estrangeiros começou a despontar pelo alto de Santa Catarina e a descer risonha para os outeiros e vales do ocidente. Até aí, escondida para além dos seus muros, abrigada aos pés do seu castelo mourisco, que era apenas o que se via ao longe, como que envergonhada da sua pequenez, confrangia-se e apoquentava-se a si própria na cinta de muralhas de que a cercara D. Fernando, cioso da sua formosura. Era então como a filha donzela e inocentinha do honrado e guerreiro Portugal, bom soldado da Idade Média, a quem riquezas de conquistas e embriaguez de glórias fizeram dissoluto, e a dissolução fez antes da velhice caduco. Lisboa, a sua filha, graciosa, pudica, pura na antiga pobreza, cresceu na abundância e no luxo, quebrou o cinto que lhe dera o último rei da primeira raça e, trepando o monte ocidental que a encobria, sorriu-se e chamou, como mulher perdida, os estrangeiros que passavam. Eles, mais corrompidos que ela, saciaram-na de vícios e de abominações. Hoje aí está assentada ao pé de seu velho pai. Ele, Veterano tonto, afasta os farrapos que o cobrem e mostra as cicatrizes de mil batalhas e, levando a mão à fronte calva, procura os louros de novecentas vitórias; mas as cicatrizes estão cobertas de vermes, e os louros desfolhados por mãos de nações de que há dois ou três séculos havia já tal qual notícia no mundo. Ela, vestida com andrajos de brocado, ainda formosa, mas descorada e abjecta, quer sorrir-se lascivamente aos estranhos; porém os estranhos que passam, se honestos, seguem avante, meneando a cabeça; se corruptos, passam uma noite no seu regaço e, ao partir no outro dia, cospem-lhe nas faces, dando urna gargalhada.

Cidade, donzela e pura do século XIV, porque rasgaste o teu véu de inocência? Porque quebraste o cinto que te dera o rei que tanto te amou? Porque te aproximaste à foz do Tejo, convocaste os estrangeiros e converteste a tua morada em lupanar? Foi porque teu pai perdeu na idade grave as virtudes da idade viril. Foi porque ele te entregou a ti só as riquezas que conquistara por todos e para todos os seus filhos, e tu o fartaste de deleites e dissoluções, e embriagado se te deitou aos pés como escravo. É por isso que os vêm buscar os últimos fios de ouro do roto brocado que te cobre ou arroxear-te as faces sem pudor com os últimos beijos de uma sensualidade hedionda e bruta calcam o velho que dorme a teus pés o sono da embriaguez. É por isso que tu ouves ao longe, na terra e nos mares, um som vago de risadas de insulto, um apupar de gentalha em línguas bárbaras. Riem-se de ti, desgraçada! riem-se do Portugal que fez muitas vezes enfiar de terror os avos dos que ora fazem de ti baldão. Este rir, este apupar é a voz do teu opróbrio. Quando hás-de tu ser quem foste, oh terra de D. João I?

– D. João I?! Ora essa! – exclamará algum dos nossos leitores. – Deixai-nos com D. João II Pobre bruto, que não sabia nem conhecia nada: nem os falanstérios nem os charutos da Havana, nem a mnemotécnica nem a pirotécnica; nem o sistema eleitoral, nem as pílulas de família; nem os cupões, nem as velas de estearina; nem as inscrições, bondes e carapetões, nem os dentes postiços. Que temos nós, homens do progresso, da ilustração, da espevitada e desenganada filosofia, com esses casmurros ignorantes que morreram há quatrocentos anos?

Tens razão, leitor. Fecha o livro, que não é para ti.

O peditório para Fr. Lourenço ir visitar a pobre mulher que se morria fora feito na véspera à tarde ao porteiro de S. Paulo, Fr. Julião, que, conhecendo o carácter de Fr. Lourenço e receando que nessa mesma tarde quisesse acudir à desventurada, o que o

podia obrigar a ele a deitar-se a desoras, calara o negócio consigo. Um mouro que viera fazer com instância aquela súplica, farto de esperar resposta, atreveu-se a perguntar ao reverendo leigo se dera o recado, ao que 1k. Julião acudiu, com um aspecto entre risonho e de sobrececho, perguntando se ele queria acompanhar sua reverência.

– Assim é preciso para ensinar a pousada – respondeu o mouro.

– Ora pois – replicou o leigo com ar de protecção –, o reverendíssimo diz que não pode ir hoje, mas amanhã não faltaremos. És de Restelo?

– Padre, sim – tornou o mouro. – E esperarei amanhã na praia pelo vosso sacerdote para o guiar aonde jaz a mesquinha.

– Isso mesmo. Dize a quem te mandou que confie na nossa caridade. E tu vai-te com Allah... (que é o diabo – acrescentou Fr. Julião em voz baixa, e benzendo-se –, assim Deus me perdoe...) Adeus, amigo; que já tocou uma vez à segunda mesa do refeitório.

E a porta, rodando lenta nos quícios, bateu suavemente na cara do mensageiro.

Então o mouro puxou para a cabeça o capelo do albornoz e partiu.

No outro dia, quando Fr. Lourenço safa da cela, correu a ele Fr. Julião e disse-lhe que um mouro viera aí pedir a sua reverência para ir ver uma pobre mulher que se morria e que a ele se queria *meenfestar*, acrescentando que o mensageiro partira logo; mas que iria esperá-lo na praia de Restelo para lhe ensinar a pousada da penitente.

«Um mouro», pensou Fr. Lourenço, «mensageiro de uma crista que pede confissão?! Aqui há mistério».

E chamou Fr. Vasco para o acompanhar.

A aldeia de Restelo, situada a uma légua de Lisboa, dentro do distrito chamado desde as épocas mais remotas da monarquia o reguengo de Algés, o qual compreendia todas as aldeias e campos ao ocidente e nordeste da cidade, por duas léguas ou mais de distância, era no século XIV habitada em grande parte por mouros forros que nos arredores granjeavam algumas hortas e pomares, de que ajudavam a abastecer a cidade, ou por pescadores que daí saíam em seus batéis a pescar no Tejo. Grande parte destes pescadores eram também mouros, ou livres ou escravos. Restelo, como quase todas as aldeias das cercanias de Lisboa, ainda quase que parecia uma terra muçulmana no fim do século XIV; ainda então avultava entre a raça goda e cristã a raça africano-árabe. Até esta época, ou antes até quase o fim do século seguinte, as Espanhas ofereciam um fenómeno único, talvez, na história: o de três povos, sectários de três religiões inimigas, vivendo juntos e cada qual adorando Deus a seu modo, sem que por isso viessem às mãos, apesar de todas essas crenças serem persuasões profundas e por consequência exclusivas. As três religiões eram o cristianismo, o islamismo e o judaísmo: o primeiro dominante, o segundo tolerado e o terceiro consentido. Nobres, cavaleiros e o grosso dos burgueses pertenciam ao primeiro, os homens de trabalho, em boa parte, ao segundo, os mercadores, em grande número, ao terceiro. E acima do Evangelho e da Tora e do Alcorão havia um livro que fazia o que nunca souberam fazer os comentadores de cada um deles; um livro que os conciliava. Este livro era a lei. A lei protegia os diversos cultos nacionais, sem que, todavia, compreendesse inteiramente a tolerância como nós hoje a compreendemos. Nenhuma admiração deve, talvez, causar esta protecção relativamente ao judaísmo; porque a favor desta crença falavam as riquezas dos seus sectários; mas o que em verdade espanta é a tolerância, quase diríamos o favor, que achava no ânimo dos legisladores o islamismo. A maioria dos mouros era escrava e pobre, e além disso eles tinham sido, havia apenas dois séculos, inimigos armados, adversários duros e senhores das terras que ora cultivavam servos. Ainda, além disso, um reino mourisco subsistia em Espanha: Granada – Granada, mãe de valentes soldados e donde podia partir o raio que derribasse mais de uma cruz

levantada sobre mesquita convertida em catedral; e todavia estes homens achavam amparo nas leis dos seus vencedores. Por algumas destas leis, feitas na primeira metade do século XV, chegaram a ficar sujeitos a graves penas aqueles que ousavam ofender esses desgraçados na única herança que lhes restava, a religião de seus pais.

Todavia não se creia que os legisladores ou o povo eram túbios na fé. Como religioso, o cristão detestava ou antes desprezava o mouro e o judeu; como cidadão, vivia e tratava com ele. Nas leis relativas a estas duas raças réprobas não há uma só palavra que revele hesitação ou indiferença religiosa; mas vê-se que à sua promulgação presidiu a sabedoria. O fanatismo cego, bruto e feroz veio-nos com as primeiras luzes de uma falsa civilização, nos fins do século XV, e progrediu com ela por todo o XVI. Dantes, a raça cristã tinha a consciência de uma grande superioridade religiosa e fazia-a valer na legislação; mas não confundia a crueldade com as distinções que nascem da diferença entre o superior e o inferior.

Desta tolerância político-religiosa era prova o que sucedia em Restelo quando Fr. Lourenço e Fr. Vasco aí chegaram. Dissemos que a viagem dos dois frades fora no dia em que a Igreja celebra os nomes dos apóstolos Filipe e Tiago. Até os nossos dias durou o antigo costume, que nos herdaram os pagãos, de festejar nesse dia a vinda da Primavera; mas, posto que a tão grande distância dos séculos de paganismo, esta espécie de culto idólatra estava tão enraizado no ânimo do povo que foi para ele caso de grande escândalo quando a Câmara de Lisboa, querendo pagar a Deus em moeda de boas obras a vitória de Aljubarrota, proibiu as festas das maias e janeiras «esguardando (diz a postura ou lei municipal) alguns graves peccados que se em esta cidade de mui longos tempos acá faziam, e estremadamente peccados de Dollatria e costumes dâpnados dos gentios». E por isso ordenaram os alvazis e os vereadores que daí em diante «nenhuma pessoa nem usasse nem obrasse de feitiços, nem de ligamento, nem de chamar os diabos, nem descantações, nem d'obra de veadeira, nem obrasse de carantulas, nem de jeitos, nem de sonhos, nem d'encantamentos, nem lançasse roda, nem sortes, nem obrasse de adivinhamentos» – proibindo igualmente o «medir cinta, e lançar água pela joeira», e rematando por substituir as janeiras e maias com procissões mui devotas, que realmente não deviam divertir tanto o povo como os seus antigos e costumados folguedos.

Todavia, nas comunas dos mouros ou mourarias e nas povoações por eles principalmente habitadas a lei da Câmara não podia por certo ter vigor; porque não estavam sujeitas às usanças cristãs, nem havia aí procissões que remissem as maias para quem não cria em procissões. Nada nos dizem os velhos documentos a este respeito; mas pelo texto desta autêntica história verá o leitor realizadas as nossas bem fundadas conjecturas.

Seriam dez horas da manhã, quando os dois frades abicaram à praia de Restelo. Parecia toda a aldeia endemoninhada, tanta e tão confusa e desentoadada era a bulha, matinada e ingresia, que aí soava. Era o caso que a mourisma da povoação festejava naquele dia a maia, tanto mais desafogadamente, quanto os cristãos, coibidos pela recente postura da Câmara de Lisboa, não ousavam vir envolver-se no tumulto, contentando-se com observar, dois aqui, três acolá, às bocas das vielas e becos, aquele imenso folguedo, chorando lá no fundo de suas almas as bebedeiras que perdiam e as bofetadas e pontapés com que, como de ordinário acontecia nestas festas populares, se desforravam da maior abastança em que mouros e judeus viviam, por serem, regularmente falando, mais sóbrios, laboriosos e económicos que eles, bons discípulos do Evangelho.

– Olha, Marta – dizia para uma rapariga uma velha muito barriguda que estava assentada à porta da sua casinha, e cujos braços arqueados sobre o ventre apenas

podiam cruzar-se pelas pontas dos dedos –, vêes aquele perro de Muça como saiu hoje alfanado com sua aljuba nova e sua aljubeta verde, porque a negregada cadela da filha vai fazer de maia...? Pois a sandia! Não queres rir? Gastou dez alnas de ipre azul em uma almexia nova. Olha, sempre te digo, que pai e filha nunca os vi mais néscios.

– Ai, tia Domingas, néscio é quem é. Se eu fosse como aquela descarada, que anda metida com o Rui Casco da almuinha, também teria quem me desse, nanja dez alnas de ipre, mas vinte de brocado. Nem me faltariam chapins broslados...

– Ai, filha – acudiu a velha com um trejeito beato –, Deus se amerceie de nós! Essas são outras mil e quinhentas! O excomungado, andar de mancebia com aquela perra! Não! lá isso não! o maldito não acaba bem. O que eles mereciam era serem queimados. No meu tempo...

– No teu tempo, grandessíssima alcaiota, não tinham os segrais mancebas mouras, mas as mancebas haviam filhos de dérigos. Já te não lembras, minha vassoura de monturo, do cónego Fernão Matela? Ai, mana! Foram dois, ou foram três? A la fé que não o sei eu; mas sabe-se no hospital dos meninos enjeitados. Já cá me tinha soado que me andavas roendo nas costas. Que te importa a minha vida, pedaço de bruxa? An... an... an... anda, que é para teu ensino.

Este «an... an... an... anda» queria dizer que a velha estava agarrada pelas orelhas e que lhe volteava a cabeça entre duas mãos robustas e calosas, de um para outro lado, como a bússola de um navio entre as paredes da bitácula em dia de temporal desfeito. Infelizmente a tia Domingas, antes de começar o seu caritativo diálogo com Marta, não vira Rui Casco, que estava encostado ao sol do outro lado da esquina renegando talvez de não ser mouro para ir foliar na festa.

Marta, apenas vira descer as mãos de Rui Casco sobre as orelhas da tia Domingas, como o endiabrado Febo dos Eloméridas,

..... *semelhantes*
A tenebrosa noite.....

fugira a bom fugir, em virtude da seguinte fórmula algébrica:

$$\begin{aligned} A &= B \\ C &= A \\ \dots C &= B \end{aligned}$$

E substituindo:

Maledicência da tia Domingas igual a um puxão de orelhas por mão de Rui Casco;

Maledicência de Marta igual a maledicência da tia Domingas;

Logo: maledicência de Marta igual a puxão de orelhas por mãos de Rui Casco.

A pronta fuga era o resultado de rigorosa dedução matemática.

A velha sentia tais baques na cabeça e via tantos milhares de estrelas, apesar de ser alto dia e de fazer um belo sol de Primavera, que mal pôde piar estas palavras, quando os gadanhos do bruto hortelão lhe abandonaram as orelhas:

– Excomungado! Rufião excomungado!

E metendo-se para dentro da sua barraquinha, correu o ferrolho; e depois de passar a mão pela cara, a ver se tinha sangue, não o achando, tomou fôlego e desatou a berrar:

– Aqui-d'el-rei! aqui-d'el-rei! que me mataram.

Por mal de pecados, todos andavam mirando a festa da maia, e ninguém ouvia a velha, salvo Rui Casco, que tornara para o soalheiro e de quando em quando lhe atirava de lá uma apóstrofe que tinha a virtude de conservar sempre no mesmo almiré agudo o berreiro da tia Domingas.

- Anda, barregã de cónego!
- Aqui-d'el-rei!
- Cala-te, basculho de clérigo!
- Aqui-d'el-rei!
- Fora, bareja de carne podre!
- Aqui-d'el-rei!
- Passa, serpente da Arca de Noé!
- Esta era a mais atroz.
- Aqui-d'el-rei! aqui-d'el-rei! que me mataram.

Enquanto esta cena se passava por um cabo da aldeia, saía pelo outro o préstito da maia. A filha de Muça, que fazia o principal papel, vinha cavalgando uma formosa hacanea levada de rédea por dois rapazes coroados de boninas e rodeada de mancebos e donzelas, do mesmo modo enramados de flores e cantando certas cantigas ao som de adufes e pandeiros, com uma toada mui de folgar. Atrás seguia-se toda a mourisma de Restelo travada em jogos de espadas, nos quais os pacíficos descendentes dos guerreiros almorávidas e almóadas se divertiam em fazer a caricatura de seus ilustres avós, ou enredados em coreias vívidas e variadas que só eles sabiam tecer e que por isso eram designadas pelo nome característico de *danças mouriscas*. Digno do pincel de Hogarth era o quadro que, bem como sobre uma tela pálida, se desenhava pelo extenso areal que corria entre a povoação e o Tejo. Cada qual tinha tirado à praça os mais ricos trajos que possuía. As diferentes fotas ou toucas mouriscas formavam como um xadrez de todas as cores, incertas, cambiantes com o agitar e tripudiar da multidão. Os mais ricos vinham vestidos com suas aljubas, vestido talar de mangas largas, sobre o qual traziam a aljubeta, espécie de colete comprido. Viam-se outros com seus balandraus, vestuário que até hoje conserva o mesmo nome e que as irmandades modernas herdaram deles, com a única diferença de que os mouriscos tinham uma espécie de escapulário (e essa denominação se lhe dava) cosido pelas costas abaixo, enquanto os que vestiam albornoiz usavam o escapulário cosido a este por diante. Os pobríssimos, e deste número eram os mouros escravos, cobriam-se com tristes argaus, dos quais se pode fazer uma ideia exacta imaginando duas mantas de lã parda, tinidas por uma das extremidades, tendo apenas na costura o vão necessário para passar a cabeça. Nesta variedade imensa, que representava o préstito da maia, não faltaria ao debuxador a condição absoluta da arte, o pensamento que devia dar unidade ao quadro: era este o sentimento da alegria que ressumbrava em todos os rostos, desde o do grave alcaide ou juiz da comuna até o do mais mesquinho, esfarrapado e sujo dos verdadeiros crentes.

E a filha de Muça? A filha de Muça ia como uma sultana no meio dos seus eunucos e escravas. Não trocaria ela em tal momento a sua glória pela sorte da esposa querida do profeta. Sorria-lhe nos olhos negros e voluptuosos o deleite; e quem nesse dia visse a pobre moura que vendera a sua inocência ao rude quinteiro cristão tomá-la-ia pela virgem do deserto, que, rodeada de amadores, hesita na escolha daquele a quem há-de dar o seu coração, ainda livre como a carreira da gazela nas solidões profundas dos areais da Arábia.

Mas a filha de Muça era apenas uma planta de oásis açoutada pelo sopro do simum, Em um dia sereno erguia a fronte, como quando pura vicejava no princípio do existir. Mas a seiva da vida estava contaminada:

o bafo impudico do homem é também como o simum. Flor de inocência, por onde

ele passou não erguerá a fronte mais que um dia. Depois vem logo o pender e o murchar. Há aí então alguém cujos olhos ela contente? Não. Só o vento do deserto virá ainda uma e outra vez afagá-la com abraço infernal, até que lhe disperse a última folhinha, como o algoz espalha ao longe o último punhado das cinzas de um justicado.

A flor que ainda erguia a fronte era Zila, a maia de Restelo; mas Rui Casco era o simum do deserto.

Quando, na extensa volta que dava o préstito, a mula em que Zila cavalgava passou perto do soalheiro do hortelão, ele soltou um suspiro maciço de amor. Pareceu-lhe Zila formosa como no primeiro dia em que a miséria lha vendera. Pensou então... Em quê? Em que era um longo dia de Maio. E suspirou de novo. A filha de Muça viu-o, abaixou os olhos e não sorriu mais. A rainha da festa trocava já a sua sorte pela da última escrava do profeta.

Pobre Zila!

E ao redor dela os cantos e os adufes e os gritos e as risadas atroavam os ares. Homens, mulheres, crianças saltavam, corriam, volteavam. Aqui, alguns mancebos mais destros fingiam acometer-se, pelei arem, vencerem, serem vencidos: era o jogo de espadas. Acolá as raparigas dançavam em roda uma dança bárbara ao som de pandeiros: era a *mourisca*. Os jograis cantavam ao desafio canções improvisadas e satíricas em português semiarábico, e as crianças derramavam flores adiante de Zila ou sobre as cabeças dos maios pequeninos, que eram como os génios que circundavam a deusa da festa da Primavera.

O folgado, porém, era incompleto. Faltava aí a alma, o tudo de semelhantes festas, O truão Ale, a quem os mouros chamavam por escárnio Cid Ale, os judeus *rabi* Ale e os cristãos *mossém* ou *missar* Ale, não viera com seus guizos e palheta, com suas visagens e arremedilhos, fazer estourar de riso os alegres festeiros da maia. A sua mesquinha morada, choupana colmada que se encontrava a pouca distância da aldeia, à beira de uma horta ou almuinha, já não era, havia perto de um mês, frequentada, como dantes, pelos foliões dos arredores, que estavam certos de encontrar aí um jovial consócio. Ale tinha-se tornado um modelo de gravidade e compostura. Quando não trabalhava no seu campinho ou não ia à cidade vender os produtos dele, passava horas inteiras assentado na soleira da porta, cantando em voz baixa uma cantiga monótona, bem diversa das que usava cantar. Via-se que um pensamento grande e moral ocupava o ânimo do truão. Notou-se, porém, na aldeia que, quando Ale vinha ao povoado buscar o seu provimento semanal de legumes, o fazia maior que dantes, e o que escandalizava sobretudo os mouros vemos e devotos era o cuidado com que sempre levava uma porção do melhor vinho que achava nas tabernas dos judeus, contra o expresso preceito do livro divino mandado do céu a Mohammed. Começavam a alevantar-se algumas suspeitas de que Ale se havia tornado cristão; mas ninguém ousava afirmá-lo com certeza; porque, habitando ele num sítio ermo, não havia quem o pudesse observar. Correu também fama de que neste negócio andavam encobertos alguns tardos amores, e a maior porção de alimentos de que usava abastecer-se confirmava a suspeita. Mas para que o esconderia Ale? As uniões menos puras eram naquele tempo uma espécie de *panem nostrum quotidianum* para cristãos, para mouros e para judeus, e quando o não fossem bastava ser Ale um truão professo, e de mais sectário do Alcorão, o qual não veda esse trato ilícito, para não lhe ser estranhada uma falta que para ele o não era e que, até para os cristãos, pela muita frequência, se tornara em acção indiferente, declarada como tal nas leis gerais do reino.

Todas estas reflexões e muitas outras faziam os ociosos e beatas de Restelo, que, semelhantes aos ociosos e beatas de todos os tempos e lugares, costumavam ocupar-se da vida alheia por não terem outra cousa em que consumir a própria. Perdiam, porém, o

tempo e o trabalho. Se Ale conhecia que alguém lhe fazia perguntas capciosas, com a intenção de lhe pescar o seu segredo, escapulia-se sempre com algum daqueles ditos grosseiros e mordazes que o uso de muitos anos (de teria cinquenta) lhe fazia achar a ponto para embatucar importunos, e aos quais dificilmente se resistia; porque então, como hoje, ninguém tinha as costelas tão unidas que por entre uma ou outra não achasse fácil caminho a ponta azerada de uma chufa de bobo arremessada a tempo.

Assim todas as conjecturas saíam baldadas. O facto era que Ale estava outro homem: por isso não aparecera na festa.

O que ele fazia entretanto vamos nós espreitar no seguinte capítulo -

V

O TRUÃO

*Tal foliam, se attentas,
Digo isto assi de mim,
Que em os dias festivaes
Cuidou não havia mais
Senam foliar sem fim;
E ficou-lhe o atabaque,
Os sestros e o pandeiro...*

A. R. CHIADO, *Letreir. Glosados.*

No dia em que se passaram os sucessos que vamos narrando, havia mais de duas horas que Ale passeava à beira da água no desembarcadouro de Restelo, sem que outros foliões seus antigos amigos e camaradas, que correram a ele apenas o viram aparecer, pudessem movê-lo a tirar-se dali e a vir engolfar-se naquela mó de danças, cantares e folias, que redemoinhava bastante longe dele pela extensão do areal. Esperava por Fr. Lourenço. Ale era o mouro que falara com Fr. Julião, e a quem este prometera, por sua conta protecção, e por conta alheia caridade.

Apenas o truão viu desembarcar os dois frades correu para Fr. Lourenço:

– Obrigado, obrigado, padre cristão, que não desprezastes a petição do pobre mouro.

– Cristo chamou os judeus e os gentios. Deus não despreza ninguém. Mas nem tu, nem os teus ulemás e cacizes entendem estas cousas. Prouvera ao Senhor que as entendêsseis! Vamos: foste acaso tu que me buscaste ontem à tarde?

– Padre, sim!

– Disseste que uma cristã se queria confessar: onde é que ela está?

– Vinde vós comigo. Oh, como ficará contente!

E Ale caminhou adiante dos dois monges todo risonho e dizendo, como quem falava consigo só:

– Bom Jesus e bom padre! Bom Jesus e bom padre!

O caminho que os três seguiam era ao longo da margem. A um tiro de besta abria-se um vale entre dois montes, cujos cimos se prolongavam para o norte. Chegando àquele sítio, Ale voltou à direita e tomou por uma trilha que acompanhava o sopé de uma das encostas. Os dois frades calados iam algum tanto afastados. Ouvia-se unicamente o som das passadas dos caminhanes, e a espaços um murmúrio confuso do ruído que se fazia em Restelo e que era trazido pelo sopro morno de leste. Depois de largo silêncio, Fr. Vasco disse em voz baixa para o mestre de Teologia:

Tenho estado a lembrar-me de que já vi este mouro; mas não atino em que lugar ou em que tempo.

– Grande maravilha – atalhou rindo Fr. Lourenço. – Milhares de mouros tereis vós visto na vossa vida, irmão Fr. Vasco, e o que vos sucede com este suceder-vos-á com infindos outros,

– É verdade; mas não sei que tristeza me infunde o vê-lo. Diria que este homem entrou de algum modo nas desventuras que padeci e nas mal sopitadas agonias do meu coração.

– É o sítio, só e triste, que vos traz ao pensamento essas melancolias do passado.

– O coração às vezes adivinha, reverendo mestre. Quem sabe se neste negócio anda alguma traição encoberta? Chamarem-vos de tão longe para exercer o mister de confessor de uma mulher moribunda..., um mouro por mensageiro e guia!... um sítio ermo por vivenda!... Temo alguma cilada: não por mim, que pouco importa ao mundo a minha vida, mas por vós, benfeitor dos miseráveis. Enganam-se todavia! – prosseguiu Fr. Vasco em voz alta. – Trazeis o vosso cutelo?

– Calai-vos, irmão, calai-vos! Que cutelo?! A minha defesa é Deus. Tenho inimigos; bem o sei; mas tenho-os por defender a justiça e a nossa ordem. Um ferro nas mãos de um sacerdote! Nunca o vereis nas minhas. O braço da Providência ampara os que nela confiam, e esse braço é mais forte que o do esforçado e guerreiro. O abuso que introduziu o demónio entre os clérigos e monges de tratarem armas para que tem servido? Para rixas e mortes entre homens que se chamam santos e irmãos. Perguntaste-me se eu trazia um ferro: pergunto-vos também eu agora: trazeis vosso cutelo, monge de Cister?!

– Como todos costumam, reverendo nono... – respondeu Fr. Vasco, pondo os olhos no chão...

– Dai-mo.

Fr. Vasco afastou o escapulário, tirou da cinta um punhal e, com visível repugnância, entregou-o ao seu companheiro.

O mestre de Teologia pegou nele, arremessou-o com força, e o ferro buído foi cravar-se numa grande noqueira, onde ficou por algum tempo vibrando. O marcebo olhava para a árvore com o aspecto tristonho de quem se despede de um amigo antigo. Entretanto Fr. Lourenço Bacharel dizia em voz baixa, erguendo o braço esquerdo até a altura da frente e movendo-o rapidamente para fora, como quem sacode um mosquito ou um pensamento importuno:

– *Vaie retro, Satana! Deus fortitudo mea!*

Esta conversação e o seu desfecho tinham retardado os dois frades. O mouro, não os sentindo atrás de si, parara e, voltando-se, presenciara aquela cena, sem que por causa da distância pudesse perceber o que fosse. Ficou espantado; mas não disse palavra e prosseguiu seu caminho.

Parou finalmente. De um e de outro lado da senda alargava-se o vale, formando uma caldeira entre os dois montes paralelos. Da esquerda, obra de uma oitava parte da pequena planície estava cercada de um valado, por cujo espigão se enredavam bastos silvados; um portelo grosseiro dava entrada para uma espécie de pátio, à direita do qual ficava uma humilde casinha, e da parte oposta um canavial basto, mas ainda curto, que separava o pátio da almuinha, e do vergel. Ao longo do canavial corria um regato que ia formar uma presa ou tanque cujas bordas relvasas eram como um tapete de verdura. A porta da casinha estava fechada, e uma grosseira tela de estopa servia de vidraça à janela que dava luz para o interior. Reinava sobre isto tudo um silêncio profundo, que só foi interrompido pelo ranger do portelo, quando o mouro o fez rodar sobre o prumo que lhe servia de quício, e pelo *clac, clac* das rãs que estavam assentadas gravemente na margem do pego, e que saltaram à água assustadas pelo súbito ruído do chiador portelo, que respondia ao *clac, clac* das tímidas fugitivas.

Enquanto o mouro corria o ferrolho da porta, os dois frades chegaram ao pé dele, e Ale, curvando-se respeitosamente, fez-lhes sinal que entrassem.

Era a morada do pobre jogral, como a de todos os mouros da sua condição, térrea, húmida, malsã. Sobre a lareira ardiavam alguns toros de lenha, cujo calor não era suficiente para embeber as exalações aquosas que manavam das paredes verde-negras e do pavimento frio e imundo. A um canto viam-se uma bilha de água e uma prateleira com alguns vasos de barro vermelho; ao pé, em um prego, estava pendurado um adufe

roto e coberto de pó e defronte uma arca velha, sobre a qual os dois frades se assentaram, enquanto o mouro abria a porta que dava para um aposento interior.

Este era alumiado frouxamente através da grosseira empanada da janela lateral. Fr, Vasco lançou os olhos para lá; mas a luz que entrava livremente pela porta e enchia a quadra em que estavam mal lhe deixou divisar aí dentro uma enxerga e um vulto deitado em cima dela, com o rosto virado para a parede.

– Menina! pobrezinha! Aqui está o bom do padre do teu Jesus.

Isto dizia o mouro em voz baixa, curvando-se e estendendo o pescoço, como que receoso de despertar quem quer que era.

– Dorme! – prosseguiu ele, voltando para fora pé ante pé, semelhante à mãe que deixa ainda ondulando o berço do filhinho, o qual adormeceu a custo de muito embalar...

Fr. Vasco fez um gesto de impaciência.

– Esperaremos – disse Fr. Lourenço. – Mas, ainda assim, explica-me tu, agareno, como esta mulher cristã vive aqui só contigo. Não sabes que te é isso defeso?

– Padre, padre – tornou o mouro, como assustado pelo tom em que Fr. Lourenço fizera a pergunta. – Eu topei essa desgraçadinha, por uma noite fria e chuvosa, deitada no meio do caminho que vai de Restelo para Lisboa: ergui-a e perguntei-lhe quem era: não me podia responder: tremia e estava gelada. A minha lei, padre cristão, obriga-me a socorrer o desventurado: obedeci à lei. Como pude, debaixo da chuva, por caminhos intransitáveis quase, conduzi-a aqui, e aqui, ao clarão daquela lareira, vi pelos seus trajos que era uma rapariga cristã. Pensei então que corria grande risco em a conservar em casa: mas também pensei no que reza o livro do profeta, e disse comigo: «Que importa no mundo a vida de um pobre truão, quando há que escolher entre essa vida e obedecer a Allah?» O calor da fogueira que acendera reanimou pouco a pouco a pobre mulher. Apenas pôde falar, pareceu-me ouvir-lhe: «Oh desgraçada, desgraçada!» E, pondo as mãos, dizia-me toda a tremer: «Não lhe digais nada, nada... deixai-me morrer!» Cortava o coração. A sua voz era tão suave e meiga! As lágrimas, que eu mal sustinha, embaciavam-me a vista, e mais bem as alimpava com a manga da aljuba.

«Pedi-lhe que comesse, pouco que fosse. Estava queda e de olhos baixos. Quando os alevantou e me viu, pôs-se a tremer. Tinha razão. Se eu era um mouro! Que havia de fazer para aquietá-la? Nem eu sabia. Apontei-lhe para aquela alcova, para o ferrolho que interiormente fechava a porta e para a minha pobre enxerga. "O Deus grande e o profeta", disse-lhe eu, "mandam que a choupana do mouro seja asilo sagrado da que aí se abrigou. Estás aqui segura". Titubeava ainda: queria talvez sair. Mas a noite ia cada vez mais fria: os trovões e os raios eram uns atrás de outros: a chuva era aos cântaros. Para onde havia de ir? Disse-mo depois: não tinha outro abrigo. Por fim resolveu-se: aferrolhou-se na alcova, e eu encostei-me ao pé do lar, onde ainda reluzia o brasido da fogueira.

«Estava contente comigo, bom padre; estava contente comigo! Rezei a quinta salá, a nossa oração da noite, com mais fervor que nunca. Allah e o profeta deviam ouvir-me no céu. Nós outros os mouros – prosseguiu Ale com um sorriso amargo – também temos consciência; também sabemos o preço das boas obras. Agora, padre cristão, a donzela de vossa lei vos dirá o que o mouro tem feito para a salvar. Ela dirá se o mouro merece ser açoutado ou morto, porque recolheu na sua morada uma das que adoram Jesus. Muitas noites ouvia-a soluçar sobre essa enxerga onde jaz: muitos dias quando voltava aqui, depois de ter ganhado para mim e para da um bocado de pão negro, achava-a deambulada em lágrimas; mas nem ela me dizia os seus pesares, nem eu lho perguntava. Afligia-me vê-la chorar e padecer tanto e conhecia que lhe minguavam as forças de dia para dia. Mas que podia fazer um mouro, sem riqueza e sem se atrever a

dizer nada a ninguém acerca da triste cristã? Cismeí muito tempo nisso. Por fim veio-me uma boa ideia. Tinha ouvido falar de vós, padre: sabia que éreis bom e que os cristãos vos veneravam: um escravo do vosso mosteiro mo dissera muitas vezes. Anteontem essa mesquinha parecia mais sossegada: comuniquei-lhe o meu intento: foi a primeira vez que lhe vi luzir no rosto um sinal de alegria. Não tinha ousado pedir-me tanto, receando o risco do que ela dizia ter sido o seu salvador. Fui procurar-vos, e o resto já o sabeis. Agora protegeí-a a ela e tende dó do pobre Ale, que não tem outra culpa senão a de ter obedecido à lei do profeta.

– À de Cristo! à de Cristo! – exclamou vivamente Fr. Lourenço, erguendo-se e abraçando o mouro, que estava em pé diante dele como um criminoso. – Filho, tu não serás condenado no dia em que vier o Juiz. Amaste Deus e o teu próximo: foste mais cristão que a maior parte dos que se gloriam de tal nome. Caridade e só caridade é a crença de Jesus. Ele te alumiará; porque deste testemunho dele, não por palavras, mas por obra. Enquanto cristãos deixavam perecer à míngua uma desgraçada, tu a salvavas. Sabe, porém, que neste momento eles renegavam da Cruz, e tu te abraçavas com ela!

Nem por isso Ale entendeu lá muito bem o que queria dizer o bom do religioso; mas entendeu perfeitamente que o abraçá-lo Fr. Lourenço era sinal de que o seu proceder merecera a aprovação de um tão afamado ulema cristão. Sorriu-se, e involuntariamente pegou na mão do monge e beijou-a. Parece-me que eu faria o mesmo a um caciz de Mafamede, se esse caciz pensasse e fosse como o mestre de Teologia.

Neste momento ouviu-se um suspiro que partia da alcova.

– Vasco – prosseguiu Fr. Lourenço, voltando-se para o seu companheiro e para Ale –, ide-vos ao horto. É necessário que eu ouça a confissão desta mulher.

– Depois encaminhou-se para a porta da alcova e disse: – Irmã! eu sou aquele que vem em nome do Senhor.

O vulto não respondeu nada e ergueu-se. O soluçar da mesquinha era o de um choro perdido. Atirou-se de joelhos aos pés do monge e, depois de afastar os cabelos que lhe cobriam o rosto, só pôde dizer:

– Misericórdia, meu Deus!

Os dois tinham obedecido. Fr. Lourenço estava a sós com a desconhecida.

VI

O PUNHAL

Viestes a religiom pera serdes temptados mas nom vencidos nem sobrepujados:... e posto que a vida nos ano/e ou agrave com estes trabalhos e paixoens, saibamos que nom ha de ser coroado, senom quem trabalhar e pelejar fortemente.

FR. J. ÁLVARES, *Cart. II.*

– E essa mulher é capaz? – Sim, padre. A tia Domingas é uma boa velha cristã de Restelo. Entreguei-lhe a bolsa de dobras e meias dobras que me destes, e ela me jurou que nada faltaria à pobre donzela. Podeis ficar descansado.

– Bem! Agora a Restelo, e afreta uma barca. Irás comigo para Lisboa.

Esta conversação passava-se entre Fr. Lourenço e o mouro Ale, no meio da senda ou azinhaga que, partindo da aldeia, ia dar à morada do chocarreiro, o qual parecia ter trocado a sua vida truanesca em duradouros hábitos de sisudeza e compostura. Depois de duas compridas horas, que o bom do bernardo passara junto da miserável enxerga da desconhecida, saíra a encontrar-se com o seu companheiro e com Ale que por ele espetavam, Pr. Vasco passeando de um lado para outro lado, e o mouro assentado ao sol ardente do meio-dia. Fr. Lourenço trazia o olhar esgazeado, os lábios descorados e nas faces todos os sinais de um susto e inquietação que debalde tentava encobrir. Entregou então uma bolsa ao mouro, ordenando-lhe procurasse com toda a brevidade e diligência, alguma boa mulher que viesse residir na almuinha para tratar da desconhecida, que ele Fr. Lourenço tomava debaixo da sua protecção. Ale partiu imediatamente, e dali a pouco voltou acompanhado da tia Domingas (pessoa conhecida já do leitor), cujos escrúpulos tinham sido completamente removidos com a vista da bolsa recheada de excelentes dobras e meias dobras de el-rei D. Pedro, moeda que era a melhor ou, talvez, a única boa daquele tempo e que nunca, de memória de homens, mercador judeu, mouro, veneziano, genovês, flamengo ou biscainho recusara aceitar em troco de suas mercadorias.

Depois de haver dado em segredo várias instruções à velha, que respondia a cada palavra do frade com uma mesura e com as fórmulas sabidas de «Vá vossa reverência descansado; deixe vossa reverência isso ao meu cuidado; percebo, percebo, reverendíssimo», Fr. Lourenço partira, seguido de Fr. Vasco e de Ale, caminho da aldeia. Conhecia-se pelo andar do bom do monge, ora demasiado lento, ora excessivamente apressado, que a sua alma ia embrenhada em graves cuidados. Ao passar pelo sítio onde tivera com Fr. Vasco a conversação que Lemos no capítulo antecedente, parara de repente e olhara para a noqueira frondosa na qual ficara cravado o punhal do moço monge. Ainda lá estava. Fr. Lourenço erguera os olhos e as mãos ao céu e, parando, havia-se assentado numa grande pedra que ficava à borda da azinhaga. Depois de cismar por bom espaço, fizera subitamente ao mouro a pergunta por onde este capítulo começa e dera-lhe ao mesmo tempo a ordem para ir adiante afretar a barca que os devia conduzir todos três a Lisboa.

Quem tivesse reparado em Fr. Vasco perceberia facilmente que na sua alma se passava também alguma cousa extraordinária. Parecia que a inquietação de Fr. Lourenço se havia comunicado ao seu companheiro, o qual, desde que saíra de casa do truão até àquele momento, não proferira uma só palavra, mas dava no gesto visíveis

sinais de que o seu coração não estava sereno. Ou fosse que o aspecto carregado do mestre de Teologia e o lançar-me a espaços os olhos de relance, como quem buscava descortinar-lhe alguma cousa no fundo da alma através dos seus gestos e meneios, ou fosse que o estado daquela nova penitente de Fr. Lourenço tivesse

despertado na memória do mancebo passadas amarguras, o certo é que ambos os dois monges, tão amigos, tão prontos sempre em comunicar um ao outro os seus menores e mais íntimos pensamentos, caminhavam juntos, mas em silêncio, como dois cúmplices de um crime afastando-se do lugar onde o perpetraram, ou como dois homens que se insultaram sem precauções oratórias e que, dirigindo-se para o lugar de um duelo estúpido, não esquecem durante o caminho um único item das regras de boa cortesia, o que lhes não tolhe que daí a pouco se assassinem honradamente e na melhor harmonia do mundo.

O mouro partira, e Fr. Lourenço, com os cotovelos fincados nos joelhos e a cabeça entre as mãos, havia tornado a embrenhar-se nas suas reflexões. Fr. Vasco, em pé diante dele, torcia e destorcia um vime que arrancara no valado fronteiro. Este torcer e destorcer significava que o seu espírito estava mui longe dali.

O mestre de Teologia alçou a cabeça, olhou para ele fito um pedaço e, por fim, com voz solene e triste, disse-lhe, batendo com as pontas dos dedos na extremidade da pedra em que estava assentado:

– Fr. Vasco, descansa aqui um pouco.

O mancebo deu um estremeção, como se de salto o houvessem despertado de sono profundo. Não respondeu nada e assentou-se ao pé do seu companheiro. Este olhou fito outra vez para ele e, depois de um momento de silêncio, prosseguiu:

– Filho de S. Bernardo, haveria neste mundo algum sacrifício que não fizesses para esquecer as desventuras da tua vida, sufocar os remorsos do teu coração, domar o teu amor insensato e poder alevantar-te sobre as asas da esperança até o seio amoroso da piedade de Deus?

Fr. Vasco apertou o peito com a mão direita e ergueu os olhos para o céu: depois, correndo-os pela grosseira estamemha de que estava vestido, respondeu com leve sorriso:

– Nenhum!

Fr. Lourenço compreendeu qual era o abismo de amargura que havia neste olhar e nesta palavra.

– Entendo, mancebo – continuou o velho monge.

– Qual sacrifício haverá aí que não faça por obter paz e perdão aquele que no viço da mocidade saiu da estrada suave da glória e do gozo para tomar pela vereda agra e coberta de abrolhos da penitência? Que haverá aí impossível ou sequer dificultoso para quem trocou o arnês dos combates pela estamemha monástica, as esporas douradas de cavaleiro pelas pobres sandálias dos que peregrinam após a cruz? Tu o disseste, monge de Cister: nenhum! E todavia, o que eu quero pedir-te é fácil. Se o fizeres, o Senhor se amerceará de ti: o teu amor criminoso extinguir-se-á: os teus sonhos de remorsos desvanecer-se-ão: a sombra ensanguentada de Lopo Mendes, que povoa de terrores as tuas noites não dormidas, resolver-se-á como aquele fumozinho que se alevanta de Restelo e que o vento espalha e resolve no ar. E sabes o que é, meu desgraçado irmão? É o que há poucos meses, a teus pés e de joelhos, este pobre velho, que te ama como a filho, te pediu em nome de Deus: perdão! perdão!

– Para quem, padre?! Para quem?! – atalhou Fr. Vasco, pondo-se rapidamente em pé.

– Para tua irmã, coberta de miséria, saciada de agonias, moribunda sobre a enxerga rota que lhe cedeu para morrer a caridade de um truão.

– Beatriz?! Beatriz ali?! – bradou o moço cisterciense, rangendo os dentes e estendendo os punhos cerrados para o vale onde alvejava a casinha do maninelo. – Ela ali, e o meu punhal aqui! Vasqueanes, teu filho ainda vive!... Não jazerás desonrado para sempre no túmulo onde dormes.

Proferindo estas palavras, Fr. Vasco estendeu a mão para a grande árvore, arrancou o punhal e deu a primeira passada para voltar atrás. Os olhos faiscavam-lhe, como os do lobo no meio das trevas.

Mas Fr. Lourenço estava já em pé diante dele. Não para o reter, lutando braço a braço, se erguera o monge. Que podia prestar a oposição violenta de um homem de idade grave e enfraquecido por vigílias de estudo e de penitência a um mancebo robusto e cego de furor? Era para empregar contra aquele furioso a resistência passiva e a força moral que lhe dava a consciência de que cumpria o seu dever que Fr. Lourenço, com os braços cruzados sobre o peito, vendo arrancar o punhal da árvore, se pusera como uma estátua diante do seu companheiro.

– Em nome de Deus ou do demónio, deixai-me passar, padre! – rugiu como um tigre Fr. Vasco.

– E embargo-vos eu que passeis? – respondeu com mansidão evangélica e em voz baixa o bom do religioso. – Que ides vós fazer? Assassinar vossa irmã; livrá-la do peso da vida alguns minutos antes daquele em que Deus, talvez, a houvesse de chamar para si. Que ides vós ser? Um fraticida. Pois bem. Ajuntai o crime menor ao maior: sede também homicida. Para vos despenhardes no inferno, não receeis de saltar por cima do cadáver do monge que vos consolou nos dias dos remorsos e das agonias, que vos ama como pai, que amastes como filho. Ouvi-me bem, Fr. Vasco!... O caminho por onde esse punhal pode chegar ao seio da desgraçada Beatriz passa através deste coração. Segui-o. Aqui ninguém nos vê, sendo Deus; e que vos importa Deus? Também ele vos verá no momento em que vossa irmã se vos debater aos pés, revolvendo-se em sangue e pedindo-vos ainda, no meio das vossas injúrias e pragas, o perdão e o beijo e o abraço fraterno: ele vos verá lá, réprobo e maldito: ele ouvirá o último grito da infeliz. Eu, ao menos, morrerei calado... Aqui me tendes!... Passai!

Dizendo isto, Fr. Lourenço curvou a cabeça como o mártir resignado sob a segure do algoz. As suas últimas palavras foram proferidas em tom soleno, mas firme e solene. O moço cisterciense sentiu correr-lhe o suor frio da fronte; porque conheceu que a resolução do mestre de Teologia era inabalável como um decreto da Providência. Os cabelos eriçaram-se-lhe de horror. Deixou cair o punhal e, escondendo o rosto entre as mios, exclamou:

– Oh desgraçado de mim!

– Acertaste, Vasco, acertaste! – acudiu Fr. Lourenço, lançando-lhe um braço à roda do pescoço e encostando a cabeça do mancebo sobre o ombro. – Mal-aventurado és tu, não pelos infortúnios da tua vida, mas porque ainda não percebeste o que é ser cristão; porque não entendeste que a lei de Jesus foi resumida na última expressão do Verbo sobre o Calvário: «Perdoai-lhes, pai.» O derradeiro arranco do Justo foi um grito de amor e perdão a favor de cruéis inimigos. E tu queres vingar-te! Vingar-te de teu próprio sangue, de tua irmã, porque, inocente, foi enganada; porque, fraca, foi vencida; porque, amante, caiu nos braços de um homem vilmente hipócrita. Queres puni-la, porque cedeu a uma paixão que só Deus condena quando se converte em crime. Mas quem te punirá a ti de cederes a outra paixão absurda, vil, amaldiçoada no brotar, no crescer, no vigorar, no satisfazer-se? Sabes quem te há-de punir? O teu passado com os mal sopitados remorsos, que reverdecirão; o teu presente com os que provarás de novo; o teu futuro, que será para sempre maldito, até que desças ao inferno...

– Por piedade, não digais mais nada! – exclamou o mancebo, afastando-se de Fr.

Lourenço com gesto de agonia íntima e erguendo as mãos.

As palavras deste vibravam através de sua alma como centelhas de fogo.

– De joelhos, monge de Cister! De joelhos, criminoso! – bradou o velho com aspecto severo.

Fr. Vasco ajoelhou aos pés dele.

– Jura diante desse astro do dia, que é uma pobre imagem da glória do Senhor; debaixo desse firmamento, sumido sob os degraus do seu trono, que perdoas a Beatriz o erro que por si mesmo a puniu!

Fr. Vasco jurou que perdoava a sua irmã.

– Agora, filho de 8. Bernardo, ergue-te e abraça o pobre frade, que, se te afligiu, foi porque te amava muito!

Isto era dito com tanta brandura e unção, que o moço cisterciense atirou-se a chorar aos braços de Fr. Lourenço.

– Partamos para Lisboa – prosseguiu o mestre de Teologia. – Não convém que neste momento vejas Beatriz. Ela está com os pés na sepultura. O ver-te e abraçar-te seria matá-la: melhor suportaria, talvez, a tua maldição que os teus afagos. Pelo caminho te contarei a sua triste história, e verás então que ela é mais infeliz que culpada e mais digna de compaixão que tu.

Dizendo isto, Fr. Lourenço travou do braço do seu companheiro e seguiu com ele ao longo da estreita senda que por entre os dois montes ia dar a Restelo.

O império de Fr. Lourenço no ânimo violento do moço monge era na verdade espantoso. Parecia que Deus tinha posto no mundo o mestre de Teologia como um anjo-da-guarda para salvar de si mesmo o mancebo. Mas, ai de nós, que, se um anjo bom vigia à nossa direita, um demónio está sempre da esquerda, convocando-nos para sócios do inferno!... Muitas vezes os dois espíritos, o da luz e o das trevas, vestem formas humanas: são dois inimigos mortais que se guerreiam e que ambos se chamam nossos amigos. O campo da sua peleja é o coração do homem, de que por fim toma posse um deles, o vencedor. O preço da vitória é a nossa alma; e os hinos que celebram essa vitória reboam sempre fora dos âmbitos do mundo, ou nas alturas do Céu ou no império das trevas. Fr. Vasco teve o seu anjo bom; terá também o seu anjo mau. Qual deles ganhará a vitória? Esse, por ora, é o segredo de cima, que só a série dos acontecimentos que vamos referindo nos há-de revelar.

VII

O ABADE DE ALCOBAÇA

A soberba he cousa propria dos demonios e das molheres, a luxuria das animalias, e a avaresa dos mercadores, e destes todos se faz hũa cousa assinalada e espatosa que he ho maaõ clericõ.

FR. BERN. DE ALCOB., *Vita Christi*, p. 1, c. 7.

Se o leitor quiser partir de Restelo connosco adiante dos dois cistercienses e acompanhar-nos até a portaria do Colégio de S. Paulo, aonde precisamos de chegar antes deles, dar-lhe-emos conhecimento com um personagem de quem já falámos, mas que ainda não apresentámos em cena. Esse personagem, que tão grande parte teve nos sucessos contidos nesta verídica história, e que não menos importante papel político representou nas guerras e revoltas por que passou Portugal nos fins do século XIV, é o célebre abade de Alcobça D. João de Ornelas ou Dornelas, um dos caracteres mais notáveis daquela época.

Fora Fr. João de Ornelas, quando simples monge de Alcobça, esmoler de el-rei D. Fernando e, protegido por este monarca, subira à dignidade abacial por morte de D. Martinho seu predecessor. Pouco depois faleceu D. Fernando, deixando o reino pobre e dividido em facções: uns seguiam o bando de el-rei de Castela D. João I, como representante de sua mulher D. Beatriz, filha de D. Fernando, que, antes de morrer, a declarara herdeira da Coroa, ficando regente do reino a rainha D. Leonor; outros entendiam que a um dos infantes filhos de D. Pedro I e de D. Inês de Castro, que então andavam em Castela, competia a herança do reino; outros, enfim, inclinavam-se ao Mestre de Avis, irmão bastardo do rei falecido e príncipe geralmente amado por suas muitas bondades e cavalarias. A morte do conde Andeiro, perpetrada pelo Mestre dentro dos Paços dos Infantes, onde D. Leonor habitava, foi sinal de uma revolução popular, que de Lisboa se derramou por todo o reino com espantosa rapidez. Os nobres e senhores com seus clientes encostaram-se, pela maior parte, à parcialidade de Castela, alguns à do Mestre de Avis, raros à dos filhos de D. Inês, bando que, de certo modo, era uma pequena excrescência no que seguia a voz de D. Beatriz. Grande número de fidalgos, conservando-se neutros no meio desta célebre luta ou passando de um para outro lado, segundo as probabilidades do triunfo ou segundo seus ódios e amizades particulares, ajudaram a protrair uma guerra que deixou Portugal devastado, e empobrecidos para muito tempo os remos de Leão e Castela.

Do número dos irresolutos foi a princípio o abade de Alcobça, que, senhor de quinze vilas e de dois castelos e fronteiro de quatro portos de mar, seria sem dúvida aliciado por ambos os partidos contendores para se unir a eles. De um documento, mandado exarar em Abril de 1385 pelo arcebispo de Braga, D. Lourenço, se vê que o reverendo abade favorecera el-rei de Castela, prestando-lhe abundantes vitualhas para o seu exército quando viera sobre Lisboa. É certo, porém, que quando se deu a batalha de Aljubarrota ele mandou seu irmão Martim de Ornelas com um bom troço de gente em socorro do Mestre de Avis, pelo qual se havia formalmente declarado na Cortes de Coimbra, celebradas pouco antes e em que o Mestre fora proclamado rei. Desde então este poderoso vassallo da coroa, que antevira o triunfo provável da causa da nacionalidade e da independência portuguesa, ganhou na corte de D. João I notável

importância e valia, maior porventura da que tivera como simples abade de Alcobaça, se muitos fidalgos principais não houvessem seguido a bandeira do rei castelhano. Ou fosse que o Mestre de Avis quisesse cumprir as promessas feitas para tornar D. João de Ornelas seu parcial, ou fosse, como se diz, que o movesse um sentimento de gratidão, é facto que concedeu a esse homem, a um tempo frade, alcaide-mor e fronteiro, privilégios extraordinários. Servido por pajens e escudeiros nobres, D. João de Ornelas convertera a veneranda e tranquila mansão dos monges de Alcobaça em paços de rico-homem. Acompanhavam-no em suas viagens cavaleiros e homens de armas, cujos foros e regalias corriam parelhas com os daqueles que serviam e acompanhavam o próprio D. João I. A grandeza e o luxo do sacerdote-cavaleiro eram objecto de geral admiração e inveja, a ponto de haver, até, quem dissesse que tal maneira de vida desdizia o que quer que fosse dos preceitos do Evangelho e não se casava exactamente com a regra monástica de 8. Bento, patriarca não só dos monges *negros* ou beneditinos, mas também dos monges *brancos* ou cistercienses.

Elevado a tal grau de poderio e dotado de carácter violento, ambicioso, altivo para com os grandes, opressor para com os pequenos, D. João de Ornelas chegara a obter a triste distinção de ser temido e odiado em geral por pequenos e grandes, principalmente pelos vassallos do mosteiro, que vexava sem piedade. Quando el-rei, nas contínuas jornadas que o obrigava a fazer pelo reino a guerra com Castela, ia casualmente pousar a Alcobaça, quem visse o aparato com que era hospedado diria que o monarca recebia gasalhado de um príncipe seu igual; tão bem soubera D. João de Ornelas transportar para o ermo as delícias da corte. As despesas desarrazoadas que o fastoso monge fazia, assim nestes casos especiais, como no seu trato e viver ordinário, recaíam, todavia, não só sobre os rendimentos da ordem, que por sua morte ficaram grandemente dilapidados, mas também e principalmente sobre os miseráveis povoadores dos coutos, que viam desbaratar o fruto do seu trabalho nas mãos perdulárias do muito reverendo abade, com quem, por assim dizer, viviam em contínua guerra.

Era pelo fim da tarde do belo dia primeiro de Maio em que Fr. Lourenço embarcara para Restelo, O Sol reflectia os seus raios derradeiros nos largos panos da muralha ocidental de Lisboa, e no Colégio de S. Paulo tangia a campa a completas quando chegou à portaria uma numerosa cavalgada que, subindo das Portas da Cruz, passara em frente dos Paços dos Infantes e viera para aí. Um frade bernardo alto, grosso e rubicundo, montado em uma possante mula branca, caminhava à frente da cavalgada, conversando e rindo com dois cavaleiros mancebos que o acompanhavam de um e outro lado e que sofrevam por tal arte as mulas em que vinham, que os três animais quadrúpedes, debaixo dos três bípedes, formavam uma espécie de trempe ou triângulo cujo vértice era a nédia cavalgadura de sua reverendíssima. Seguiam-se mais de trinta homens de armas entre lanceiros e besteiros de cavalo, o que bem provava a importância da personagem que os capitaneava e ao mesmo tempo o estado revoltoso do país, que obrigava um monge a viajar com tal cópia de soldados e, além disso, a vestir armas, como era fácil de notar vendo debaixo da túnica arregaçada de sua paternidade os coxotes, grevas e sapatos de ferro, que bem davam a entender não faltariam também, debaixo da cogula e do escapulário, boas solhas de arnês liso ou cota de malha à prova de lança e de espada.

Era o frade, como o leitor já terá percebido, o mui nobre D. João de Ornelas, abade de Santa Maria, esmoler-mor de el-rei, do seu conselho, donatário da Coroa, fronteiro-mor e senhor das terras e vilas dos coutos do mosteiro com alçada no cível e no crime. O motivo da sua vinda a Lisboa fora o ajuntamento de cortes, que el-rei queria celebrar, e para as quais começavam a apresentar-se na capital, onde se devia fazer o auto, os fidalgos e prelados do reino, entre os quais tinha um dos primeiros lugares o

muito reverendo abade. E ainda que o Colégio de S. Paulo não oferecia todas as comodidades necessárias para tão ilustre e respeitável magnate, todavia ele preferia fazer residência em uma casa habitada por membros da sua ordem a outra qualquer pousada grandiosa, querendo, talvez, mostrar com isso que antepunha a todas as magnificências profanas a vida monástica, áspera em si, é verdade, mas que de sabia converter em existência de suavidades e deleites, sem lhe tirar o perfume da santidade do claustro.

Apenas descavalgou, D. João de Ornelas deu várias ordens aos dois cavaleiros, que partiram com a gente de armas, e seguido de todos os frades e barbatos, que tinham vindo esperá-lo à portaria, subiu com aspecto risonho e ademanes cortesãos para a cela do reitor do colégio, que, de relance e atrapalhado, ia incumbindo ao leigo encarregado da cozinha uma ceia mais lauta que de costume e ao mesmo tempo respondia às perguntas que sobre o governo e estado da casa lhe fazia D. João de Ornelas.

Apenas tinha cessado o tumulto causado pela chegada do nobre hóspede quando Fr. Lourenço, Fr. Vasco e o mouro cruzaram o limiar da portaria.

VIII

O POSPASTO

Ca bem sabereis, senhor, que vós sois posto no mundo, por autoridade do apóstolo, para louvor dos bons e vingança dos mãos.

INFANTE D. PEDRO, *Carta a el-rei seu irmão.*

À roda de um bufete, onde se viam em pratos de metal, não rico, mas polido e brilhante, alguns restos de iguanas, estavam assentados três frades. Uma lâmpada, pendente do tecto profundo da casa por uma delgada cadeia de ferro, dava um clarão bastante forte sobre o bufete e banhava em luz as faces dos três monges, cujas feições discordavam completamente. Um tinha o aspecto alegre, com todos os sinais de vigorosa saúde, e os cabelos espessos, posto que já grisalhos; outro, cujo rosto era macilento e magro, tinha a fronte calva, os olhos encovados, porém serenos e ao mesmo tempo penetrantes, e viam-se-lhe na testa rugas que aí havia sulcado não tanto a idade como o hábito de fundo meditar; o terceiro era um destes homens, em cujo crânio Gall nada poderia adivinhar; em cujas feições Lavater gastaria debalde toda a sua perspicácia: crânio sem prominências; feições sem linguagem muda: homem que hoje prestaria, quando muito, para par do remo ou deputado, e que, apesar de lançado na vida activa, não seria capaz nem de um crime, nem de uma verdadeira virtude; enfim, um destes caracteres safados, como as moedas demasiado antigas, aos quais quadra às mil maravilhas um título que o mundo costuma dar a quem se acomoda com todos os seus preconceitos e respeita todos os vícios: o título de *excelente pessoa*.

O frade calvo e macilento tinha começado a falar, e os outros dois escutavam-no em silêncio.

– Já vejo, reverendo abade, que vos lembrais ainda do noviciado de Fr. Vasco, cuja história acabais de ouvir: agora resta-me contar-vos a de sua desgraçada irmã, para poderdes fazer-me essa mercê de que vos falei, com que se dará por bem pago o pobre Fr. Lourenço, a quem, segundo afirmais, a Ordem de Cister deve bons e longos serviços.

– Prossegui, reverendo doutor – respondeu D. João de Ornelas, que escutava o mestre de Teologia enquanto o outro frade, o reitor de S. Paulo, cabeceava e sentia cerrarem-se-lhe os olhos quase invencivelmente. Mas, primeiro que tudo, disse-me como soubestes a história da irmã de Fr. Vasco, a quem, se me não engano, destes o nome de Beatriz?

– Uma e outra cousa vos direi em breves palavras – acudiu Fr. Lourenço. – Chamado hoje para ouvir de confissão uma pobre mulher de Restelo, fui encontrar essa mal-aventurada donzela, que o seu roubador deixara entregue ao próprio destino logo que dela se aborrecera. Sozinha, abandonada por aquele malvado, sem conhecer ninguém em Lisboa, teria morrido ao desamparo, se não fosse a caridade de um pobre mouro, truão de ofício, que lhe deu gasalhado e alimentou largo tempo. Acompanhava-me Fr. Vasco; mas não a viu. Só depois de partirmos lhe disse que a pessoa que eu acabava de confessar era sua irmã; era Beatriz. Custou-me a retê-lo, impedindo que voltasse atrás e a assassinasse. Mas salvei-a e salvei-o a ele. Agora pedir-vos-ei a mercê que espero me concedais.

– E qual é ela? – interrompeu D. João de Ornelas?

– Que faleis a el-rei neste caso atroz e que imploreis a sua justiça a favor de um monge da nossa ordem e de sua mesquinha irmã.

– Atroz... sim atroz... – tornou o abade, hesitando e fazendo uma pausa a cada palavra que proferia – atrocíssimo!... Mas, em verdade, reverendo Fr. Lourenço, que quereis que el-rei faça? Tais crimes, em tempos trabalhosos como estes, convém disfarçá-los; porque el-rei há mister de bons cavaleiros...

– Perdoai-me, dom abade! – atalhou Fr. Lourenço, a cujas faces subira o rubor da indignação.

– O que mais convém a um rei em todos os tempos é ser justo. Quem tira uma filha da casa paterna sem consentimento do que a gerou; quem, para enganar uma donzela inocente, troca por nome suposto o verdadeiro nome e que, satisfeitas as suas paixões brutais, entrega a mal-aventurada à desonra e à miséria, é um infame. Que a aceite por esposa ou caia sobre ele a pena da lei: seja infamado para sempre e perca seus bens. Não faltarão a Portugal cavaleiros honestos para o salvar das mãos dos inimigos. A bênção de Deus valerá bem a el-rei a espada e a lança de um homem traiçoeiro, embaaiador e vil.

– Quê? Pois D. Vivaldo não se chama assim? – replicou maquinalmente o abade, a quem as reflexões morais de Fr. Lourenço começavam a secar sofrivelmente.

– Não! Tomou esse nome enquanto residiu nos paços de Vasqueanes. O verdadeiro revelou-o a Beatriz quando a arremessou no abismo da perdição, asseverando-lhe que o escondera, porque entre a sua família e a dela subsistiam ódios antigos que só o tempo podia destruir. Com este pretexto a persuadiu à fuga; com este pretexto a obrigou a viver oculta em Lisboa. Foi também por esse meio que pôde rir-se impunemente da vingança de Vasco, que o teria apunhalado, se o imaginário D. Vivaldo não fosse uma sombra vã, que de não podia encontrar. Sabeis quem é o miserável hipócrita? É um escudeiro cortesão e gentil-homem: um nobre fidalgo, valido de D. João I; é Fernando Afonso, o irmão mais moço de João Afonso de Santarém.

Ouvindo aquele nome, D. João de Ornelas recuou o tamborete em que estava assentado e ia soltar uma exclamação; mas conteve-se. Abaixou a cabeça e começou a esfregar as mãos e a estorcer os dedos com grande rapidez, mexendo os beiços, com quem falava consigo mesmo, sem proferir palavra.

Houve um largo espaço de profundo silêncio.

– Se vós, padre abade – disse por fim Fr. Lourenço com visível ansiedade –, não quereis tomar sobre vossos ombros o peso deste negócio, permiti que eu, monge sem valia e desconhecido, o faça; que vá pedir justiça a D. João I. El-rei é generoso e justo: não a negará ao pobre frade, quando de invocar, além das leis do céu, as da terra, que seu avô promulgou e que seu virtuoso pai soube fazer respeitar por tal arte que mereceu dos maus o nome de cru, dos bons o de justiceiro.

– Não! reverendo Fr. Lourenço! – acudiu D. João de Ornelas, como quem caía em si. – Falei de leve. Agradeço-vos essa linguagem, severa mas justa, que me revoca ao sentimento do próprio dever. Estou, pela minha situação, no caso de contribuir para a boa execução das leis. Fernando Afonso é nobre, mimoso de el-rei e protegido pelo insolente prelado de Braga; mas, à fé, que um abade de Alcobaça mostrará que não vale menos que o metropolitano da Galiza. Obrigarei el-rei a fazer justiça contra esse miserável, que abusou do gasalhado recebido; que lançou uma nódoa indelével sobre o nome de uma família honrada; que se cobriu a si próprio de infâmia. Fernando Afonso, Fernando Afonso, a espada da lei está erguida sobre a tua cabeça!... O braço que há-de descarregar o golpe é o de D. João de Ornelas. Saberás se ele é duro! Juro que o saberás!

Dizendo isto, o abade desandou uma punhada sobre o bufete, com tal violência

que o reitor meio adormecido deu um pulo e levou as mãos à cabeça. Fr. Lourenço tomou as palavras e o murro do abade por um movimento sublime de santo zelo de justiça.

Santo homem era o bom de Fr. Lourenço!

– Reverendo reitor – prosseguiu D. João de Ornelas erguendo-se –, preciso de recolher-me à cela que me está destinada. Avisai também o irmão Fr. Vasco de que ainda esta noite lhe quero falar: dispenso para isso qualquer disposição em contrário, que me possais apontar da nossa santa regra.

– Padre abade – disse Fr. Lourenço, interrompendo o reitor que ia responder –, a santa regra ordena que um monge de idade grave pouse sempre junto com um dos mancebos. Fr. Vasco é o meu companheiro desde que veio para S. Paulo. Avisá-lo-ei de que deve comparecer ante vos, e por Jesu-Cristo vos rogo tranquilizeis aquela alma, onde entraram de novo todos os sentimentos de ódio e vingança, desde que soube quem era o roubador de sua irmã e as artes infames de que se valera para a fazer desgraçada.

– Oh, por esse lado – tornou o abade – podeis ficar descansado, virtuoso Fr. Lourenço. Buscarei restituir a paz ao coração do mancebo. Espero que não resista às minhas consolações e conselhos. Fiai-vos em mim!

– Mal o conheceis, senhor! – respondeu tristemente o mestre de Teologia.

– Permiti-me, padre-mestre, dizer que conheço melhor que vós os segredos do coração humano. É que vós tendes a ciência dos livros, e eu tenho a ciência do mundo.

Dito isto, D. João de Ornelas encaminhou-se para a porta do aposento, lançando os olhos de través para Fr. Lourenço e sorrindo com um sorriso em que havia o que quer que era diabólico.

Dali a pouco os passos dos três monges soavam ao longo do dormitório contíguo.

IX

O CONCILIÁBULO

*E ja nom posso chorar,
Cá ja chorand'ensandeçi.*

CANC. DO COLÉGIO DOS NOBRES.

Havia poucos minutos que D. João de Ornelas se recolhera ao aposento que lhe destinara o reitor. Quem o visse passear de um para outro lado da estreita cela a passos largos, ora bracejando, ora rindo-se, ora carregando colérico o rosto, suspeitaria facilmente que o agitavam pensamentos encontrados e violentos; mas a suspeita se converteria em certeza, se pudesse ouvir o solilóquio em que o mui poderoso abade desafogava a violência das suas paixões, obrigado a escondê-las diante de Fr. Lourenço, cujas virtudes e respeitável carácter tinham constrangido o prelado a dar essas mostras de moderação.

O monge alcaide-mor escutara com sobrada indulgência a história do rapto de Beatriz, porque estava habituado a não considerar qualquer indivíduo dos que compõem a metade feminina do género humano senão como um pomo delicioso que a natureza pôs diante do homem para ele saborear e prosseguir no caminho da vida, sem de tal mais se lembrar. Mas, quando soube o nome do que o colhera e reflectiu em que para este se podia converter em lento veneno de infâmia e perdição, a sua alma rugiu de prazer; porque havia nessa ideia uma esperança lisonjeira de vingança satisfeita. Era meditando nisto que o reverendo abade parecia tão agitado, e fora por esse motivo que mandara chamar Fr. Vasco, com o intuito de ajuntar o seu ódio ao do mancebo e deste contacto fazer surgir um plano seguro de fulminar o comum inimigo, como do ferir do aço na pederneira se faz rebentar a chispa que, batendo nas folhas secas, vai incendiar a floresta.

Este ódio figadal de D. João de Ornelas contra Fernando Afonso procedia de acontecimentos que antecederam à época desta história, acontecimentos que se acham referidos pelos nossos cronistas civis e eclesiásticos. Foram eles as famosas dissensões entre o abade de Alcobaça e o arcebispo de Braga D. Lourenço. O que os historiadores, todavia, não relatam é que Fernando Afonso tivesse parte nessas dissensões, nem que entre ele e o arcebispo houvesse relações algumas. Nada sobre isso dizemos que não seja extraído do raríssimo manuscrito de que vamos tirando a substância desta narrativa. De tudo, porém, daremos uma breve ideia, quanto baste para o leitor perceber as causas ocultas que faziam tomar a D. João de Ornelas tão vivo interesse na punição de um crime de cujo género, porventura, mais de um lhe roía na consciência; pois que, segundo ele afirma em seu testamento, muitas vezes *a carne o perduzia a usar de pecado, consentindo em tentaç5es do diabo.*

Os antigos abades de Alcobaça costumavam ser eleitos pelos seus monges e confirmados pelo Mosteiro de Claraval em França; na eleição de D. João de Ornelas ocorrera, porém, uma circunstância extraordinária: o papa reservara para si o provimento da abadia e foi ele quem confirmou a eleição. Em consequência disto D. Lourenço, então co-leitor apostólico em Portugal, entendeu que devia exigir do novo abade a anata ou renda do primeiro ano do seu governo: mas, desgraçadamente, também D. João de Ornelas entendeu que não devia pagá-la. No mês de Fevereiro de 1385 o

arcebispo foi buscar o refractário e chegou a Alcobaça com grande cópia de homens de armas. Entretanto o abade tinha-se acolhido ao castelo e fechara as portas do mosteiro. Ainda então não existia naqueles sítios, afora o castelo e o convento, senão a primeira igreja que os monges primitivos haviam edificado em tempo de D. Afonso Henriques. Aí se recolheu D. Lourenço e passou uma das mais aziagas noites da sua vida, cheio de fome e de frio, sem que pudesse obter do cercado o menor provimento ou conforto. Depois de porfiada luta, em que nenhum dos contendores chegou a recorrer às armas materiais, mas em que se não pouparam citações, apelações, excomunhões, protestos e mútuas injúrias, o arcebispo se retirou desbaratado para o Porto, onde continuou a demanda, que finalmente foi decidida em Roma a favor de D. João de Ornelas em 1390.

Considere o pio leitor a zanga, despeito, ódio, raiva, fúria e rancor que ficaria subsistindo entre os dois religiosos varões desde aquela memorável época. Que o abade muitas vezes acoimasse o arcebispo de injusto, violento e, até, de ladrão é mais que provável; que o arcebispo lhe retribuiu com dar-lhe o nome de desobediente, traidor, perjuro e cismático é histórico e certo. Além disso, este rancor, em vez de diminuir, devia crescer lavrando ocultamente; pois que, ligados ambos ao mesmo bando político, ambos cortesãos de D. João I, eram obrigados a mostrar, se não mútua amizade, ao menos mútuo respeito. E se fosse verdadeira a célebre carta do *ruxoxó* 21 escrita pelo arcebispo ao abade, deveríamos confessar que, não obstante a virtude que a história atribui a D. Lourenço, era impossível que D. João de Ornelas lhe levasse a melhoria em dissimulação.

O ódio recíproco dos dois ministros do Altíssimo estendeu-se, como era de esperar, aos clientes de ambos. Um dos de D. Lourenço foi o primeiro que se atreveu a guerrear abertamente o capitão do bando contrário.

Eis o caso:

Os habitantes de Turquel e de Évora, povoações que ficavam dentro dos coutos de Alcobaça, cansados de sofrer as vexações de D. João de Ornelas, tomaram a heróica resolução de recorrer a el-rei para que, como pai de seus vassallos, atalhasse a destruição que, semelhante à raposa em festa nocturna de capoeira bem povoada, neles fazia sua despótica e dissoluta reverendíssima, o mui honrado padre abade. Com este intuito, redigiram uns capítulos, cuja substância poremos aqui para edificação do leitor.

Queixavam-se os povos do couto de que o abade, quando eles lhe não obedeciam cegamente, mandava prender os juizes, officiais de justiça e quaisquer outras pessoas e os fazia descer por cordas aos subterrâneos dos castellos de Alcobaça, onde *não viam sol nem lua*, até que aí cegavam; de que não lhes permitia, nem colher os frutos das próprias árvores, nem tirar a casca dos carvalhos para curtimentos, mister em que principalmente se occupavam naquelas povoações, nem cortar madeira nos matos e florestas para edificarem suas moradas ou repararem as cubas de suas adegas; de que, em havendo nobres hóspedes no mosteiro, o abade mandava rapinar as vacas, porcos, galinhas e carneiros dos miseráveis e com isso banqueteara el-rei e os senhores, pagando tarde, mal ou nunca os objectos assim furtados; de que tirava os *mesteirais* (officiaes mecânicos) a quem os tinha assoldados; de que ordenava aos homens livres lhe carreassem as madeiras cortadas nos pinhais da Pederneira e na mata de Maiorga, como se os moradores do couto fossem servos da gleba; de que, na conjuntura da batalha de Aljubarrota, tendo-se recolhido ao Castelo de Alcobaça e aos matos circunvizinhos as mulheres e filhos dos que pelejavam pela pátria, e havendo estes levado às suas famílias despojos que valiam cem mil libras, o abade lhes tomara tudo, mandando prender aqueles que para si reservavam alguma cousa; de que, para obrigar os povos a pagarem um imposto que por própria autoridade lançara, fora certo dia de madrugada pelas casas dos refractários e, pondo fora delas as mulheres e crianças nuas, fechara as portas e não

deixara entrar ninguém, sem lhe pagarem quanto ele queria; de que, ao mesmo tempo em que lhes tomava para a guerra contra Castela cavalgadas, dinheiro e mantimentos, os obrigava a trabalharem gratuitamente nos reparos dos seus castelos e até em serviços peculiares do mosteiro, prometendo, como grande benefício, descontar-lhes estes serviços nos impostos e fintas que segundo seu alvedrio lhes lançava; de que, finalmente, substituindo os juizes de eleição popular por outros da sua escolha, todas as queixas dos povos eram resolvidas a bel-prazer dele abade e não conforme os ditames da boa justiça.

Estes capítulos, escritos com eloquente aranzel em um extenso rolo de pergaminho, foram apresentados a el-rei por mão de Fernando Afonso, que, ligado por amizade e parentesco com o arcebispo D. Lourenço e por isso, como dissemos, inimigo capital de D. João de Ornelas, se prestou de bom grado a ser procurador dos queixosos. Aproveitava assim a entrada e privança que tinha com el-rei para com mostras de generoso descobrir o mau procedimento do abade e diminuir a sua influência. Todavia, o terrível prelado era demasiado poderoso e o seu poder pesava demasiado na balança das questões políticas, internas e externas, que agitavam o reino, para não ser refreado e punido em obséquio da justiça. Posto que na época de D. João I o povo fosse ainda uma cousa grande e forte, porque a vida municipal, garantia única possível de verdadeira liberdade, não era ainda convertida em comédia pela monarquia absoluta, para esta a legar, transformada em farsa de títeres, às hexarquias ministeriais que aceitamos benevolmente como governos representativos; posto que, dizemos, o grito popular de angústia ou de cólera soasse ainda tremendo nos ouvidos dos poderosos, a voz dos pequenos municípios de Turquel e de Évora era mui débil e não podia só per si sobrelevar ao tumulto da guerra de independência e fazer pospor as considerações a que, para levar esta a bom termo, era necessário atender. Assim, as queixas esqueceram-se, o clamor dos vassallos de Alcobaça souo debalde aos pés do trono, e os habitantes de Turquel e de Évora tiveram de contentar-se com aquele desafogo inútil.

Não perdeu, todavia, Fernando Afonso o seu trabalho. D. João de Ornelas soubera de tudo e jurara vingar-se. O cavaleiro devera tê-lo percebido; porque a primeira vez que o reverendo abade viera à corte tinha-o tratado com desusada afabilidade e carinho.

Era por isso que, ora exultando de prazer, ora recordando-se colérico da ofensa que recebera, o abade de Alcobaça, agitado por pensamentos diversos, esperava ansioso a chegada de Fr. Vasco.

– *Benedicite, domine!* – disse uma voz trémula, que souo à porta da cela.

– Entrai, irmão – respondeu o abade.

A porta rangeu nos gonzos. Fr. Vasco, em pé, com os braços cruzados e a cabeça baixa, estava diante de

D. João de Ornelas.

– Assentai-vos! – disse este, apontando para um tamborete dos que se viam enfileirados ao longo das paredes.

– Senhor!... – replicou Fr. Vasco duvidoso.

– Assentai-vos!

O mancebo obedeceu. D. João de Ornelas arredou outro tamborete e assentou-se defronte dele.

– Agora escutai-me e respondi sinceramente às minhas perguntas.

Fez uma pausa, fitou no mancebo o seu olhar de milhafre e prosseguiu:

– Há um homem nobre, rico e poderoso que derramou sobre vosso nome a infâmia, que assassinou vosso pai, que converteu vossa irmã em uma barregã miserável e depois a abandonou. Houve um tempo em que vós, na flor da mocidade, fidalgo, valente e cavaleiro, vos poderíeis ter desafrontado, chamando-o ao juízo de Deus na

estacada do combate. Hoje sois um pobre monge, que trocou a armadura e as esporas douradas pela cogula e sandálias, a espada e a lança pelo bordão de peregrino, o orgulho da fidalguia pela submissão monástica, o valor de soldado pelos pensamentos e terrores da morte. Nada, pois, vos resta, senão resignar-vos na infâmia, na abnegação da vingança, no esquecimento do passado. Pela santa obediência que deveis, dizei-me a verdade, a verdade nua: estais resolvido a assim o cumprir?

– Reverendo e mui venerável abade – respondeu Fr. Vasco, cujas palavras, ora rápidas, ora lentas, bem mostravam a tempestade da sua alma –, há oito horas que eu tenho provado quantas dores de espírito é possível padecer na vida: duas dessas horas passei-as sozinho a clamar ao Senhor que minorasse a minha angústia; mas o Senhor não me ouviu. Então, desesperado, invoquei o demónio e rolei-me furioso pelo pavimento da minha cela, que humedeci com o suor da fronte, não com lágrimas, porque estes olhos já não podem chorar. Daria nesse momento a vida – mais que a vida, a salvação – por vingar-me e vingar a minha pobre Beatriz, que, filha e irmã de cavaleiros, creu que nenhum neste mundo podia ser desleal: por vingar minha irmã inocente e que tanto tempo julguei culpada daria o corpo ao patíbulo, a Satanás a alma! Padre abade, quebrai, se é possível, os meus votos, lançai-me como um homem perdido fora desta santa morada e dai-me uma acha de armas, um montante, um punhal!... Eu irei arrancar Fernando Afonso, se preciso for, do paço, dos degraus do trono, da câmara do próprio D. João I. Um ferro!... e arrastá-lo-ei a Restelo, aos pés de Beatriz e far-lhe-ei pedir perdão com lágrimas de sangue, e ela lhe perdoará talvez, e esse perdão será inútil!... Mas isto é um sonho, venerável abade! – prosseguiu o moço cisterciense com voz afogada. – Que posso eu fazer! Apelar para a justiça d'el-rei, com a esperança da qual o bom Fr. Lourenço pensou que me confortava! Quisestes que eu vos dissesse quais eram as minhas intenções: fiz mais; contei-vos a infernal história do meu coração... Agora – acrescentou com um sorriso doloroso –, esperarei resignado pela justiça d'el-rei.

– E se eu vos ordenar que, no caso de D. João I não castigar o criminoso, perdoeis a este todo o mal que vos causou?

– Padre abade – replicou o mancebo com o acento da desesperação –, não vos obedecerei.

– Mas vós sabeis que no Mosteiro de Alcobaça há um cárcere, e nos fundamentos do seu castelo masmorras onde não entra o sol.

– E que importa ao coração em trevas que os olhos vejam o dia? Que importa ao espírito cativo na estreita regra do claustro que o corpo esteja comprimido entre as paredes de um calabouço? Não, padre abade, não!... A minha alma não se manchará com o pensamento insensato do perdão. O meu ódio é o último tesouro que me resta de tudo o que deixei no mundo: está muito dentro para vós haverdes de roubar-mo. Não creio que o minorasse ver cumprida essa pena que a lei impõe aos sedutores; pena mesquinha, porque não foi feita por homem que, como eu, tivesse recebido uma grande e imperdoável afronta. Mas as vossas palavras provam-me que não devo ter nem essa miserável esperança! Guardarei pois o meu rancor inteiro e, se quiserdes, amanhã mesmo parto para o cárcere de Alcobaça. Aqui ou lá, pouco me importa onde é que tem de escoar-se o resto dos meus dias. Fr. Lourenço cá fica para acudir com as suas esmolas à minha pobre Beatriz.

D. João de Ornelas olhava para Fr. Vasco com um sorriso que mal lhe despontava nos lábios, e quando o frade acabou de falar, estendeu para ele a mão:

– À fé, que encontrei finalmente um homem debaixo da estamena monástica!

O mancebo pensou por um momento que o mui reverendo abade escarnecia dele; mas breve se desenganou.

– Um homem, sim! – prosseguiu D. João de Ornelas –, porque só merece este nome quem não sabe vergar debaixo do peso das afrontas. Mancebo, eu quis experimentar-te: quis conhecer se eras como qualquer desses monges vilíssimos que julgam dever, ao cruzar o umbral de uma portaria, renegar da honra e aceitar opressões e injúrias, como se fossem benefícios e mercês. Tu não és como eles; a tua alma é grande e altiva como a de D. João de Ornelas, cujo ódio é indestrutível e fatal. A diferença entre ti e ele consiste em que o monge nada pode, e o abade pode muito; pode tudo. Mas tu poderás também; porque eu te erguerei da terra. Alegra-te, Fr. Vasco! O teu inimigo primeiramente o foi meu. Como tu lhe votaste ódio imenso, inflexível, perpétuo, assim lho votei eu. Vingar-nos-emos ambos, e o abade de Alcobaça, o senhor de catorze vilas, o alcaide de dois castelos, o cavaleiro cujo pendão se ergue na guerra sobre as cabeças de centenaes de homens de armas vai consagrar à tua vingança, que é sua, quanto vale e quanto pode. Irmão, amigo, ser-te-á D. João de Ornelas. Façamos uma liança de ódio: cavaleiro, aperta esta mão de cavaleiro. Juro ser-te fiel como a acha de armas ao braço robusto do pelejador: jura-me também tu que serás meu na vida e na morte que para ti não haverá nem hesitação, nem remorsos!

Com um movimento convulso Fr. Vasco apertou a mão do abade, e com voz rouca e lenta respondeu:

– Alma e corpo, padre abade, dou-vos tudo nesta vida: que na outra..., a minha alma pertence aos demónios!

– Outra vida! outra vida! – interrompeu o monge alcaide-mor com um sorriso. – Quem sabe lá nada da outra vida? Viste já tu o demónio? Não. Nem eu. É impossível que Deus queira que o homem, o rei da criação, em cujo seio gravou o sentimento da própria nobreza, o valor que contrasta os perigos e o engenho que domina a terra, seja um ente vil e covarde. Os teólogos dir-vos-ão: Deus fez o homem à sua imagem e semelhança: depois lembrar-vos-ão como ele vinga as injúrias que lhe fazemos, e concluirão, por fim, recomendando-vos o perdão das que vós recebeis! Boa dialéctica será essa, mas não para D. João de Ornelas. Mais forte que o amor, que a ambição, que tudo é a sede de justa vingança: neste sentimento, que não em outro qualquer, reconheço eu a origem divina do homem. O que sofre e se abraça com a cruz será, talvez, um ente sublime; mas o próprio S. Paulo chamou a isto loucura.

O frade mentia e blasfemava; mas as suas blasfémias calavam no coração de Fr. Vasco como um bálsamo suave; porque o último trago de infâmia que bebera o fizera chegar à meta da desesperação; e o desgraçado, vendo tardar a justiça divina, renegara inteiramente de Deus!

D. João de Ornelas contou então ao moço cisterciense a história das suas dissensões com o arcebispo de Braga; mencionou as antigas relações que existiam entre o primaz e Fernando Afonso, e como este, incitado, talvez, ocultamente por D. Lourenço, ousara apresentar a el-rei, acompanhando esse acto com sugestões malévolas, os capítulos dados contra ele pelos seus súbditos rebeldes de Turquel e de Évora. O abade concluiu por declarar o seu firme propósito de tirar amplo desagravo da danada ousadia do moço escudeiro e de tomar a seu cargo a defesa de uma causa tão justa qual era a de Fr. Vasco, de um homem que, como ele, vestia o hábito de S. Bernardo.

Depois disto, D. João e o moço frade aproximaram-se mais um do outro e falaram muito tempo em voz baixa, como se receassem que as paredes da acanhada cela pudessem vir a revelar alguma parte dos seus intentos. Com as faces incendidas e os olhos banhados em alegria feroz, os dois monges, conversando assim juntos à luz avermelhada das tochas com que se alumiaava esta cena, formavam um quadro semelhante àquelas visões fantásticas, repugnantes e dolorosas que passam em nossa alma, quando por noite de febre nos aperta o coração longo e aflitivo pesadelo. O

mistério de ódio implacável que aí se passou ficará patente aos olhos do leitor, se tiver paciência bastante para seguir connosco a série dos sucessos derramados nos seguintes capítulos.

X

A TAVOLAGEM DO BESTEIRO

Ordenamos e estabellecemos por ley que nós nem outrem de nosso senhorio, de qualquer estado e condiçom que seja, nom tenha tavolagem em praça, nem em escondudo.

LIV. DAS LEIS E POST. ANT., *Lei de D. Afonso IV.*

Quem hoje se encaminhar ao longo da rua vulgarmente chamada dos Capelistas, dobrar o penúltimo quarteirão da Rua Nova da Princesa e seguir pela Rua dos Confeiteiros, caminho da Ribeira Velha, terá passado por cima da sepultura das mais nobres ruínas da antiga Lisboa. A Rua Nova, designada assim por antonomásia, passava pouco mais ou menos pelo sítio em que hoje está lançada a Rua Nova de El-Rei: a sua origem remontava quase ao berço da monarquia e já no tempo de D. Fernando era o centro da actividade comercial da cidade, então frequentada de estrangeiros de diversas nações, que vinham buscar o nosso trato e comércio. Depois da feitura da nova muralha (1373-5) prolongava-se com esta e vinha findar nas proximidades da moderna Igreja de S. Julião pelo lado do ocidente, enquanto pelo topo oriental terminava no Pelourinho Velho. Aqui, a povoação dividia-se como em dois troncos: um que, subdividido em muitos ramos de ruas enredadas e escuras, subia para a Alcáçova; outro que seguia ao longo da muralha e ia desembocar fora das Portas do Mar, no bairro chamado Vila Nova de Gibraltar. Entre estas duas divisões jazia a Alfama, a cuja frente se elevava a velha catedral. A Alfama fora no tempo do domínio sarraceno o arrabalde da Lisboa gótica; fora o bairro casquilho, aristocrático, alindado, culto, quando a *Medina Achbuna* pousava enroscada tristemente no seu ninho de pedra, no que depois se chamou a Alcáçova e hoje o Castelo. Quando, porém, no século XIII a população cristã, alargando-se para o ocidente, veio expulsar os judeus do seu bairro primitivo, situado na actual cidade baixa, e os encantou para a parte do sul da catedral, a Alfama foi perdendo gradualmente a sua importância e converteu-se afinal num bairro de gente miúda e, sobretudo, de pescadores. A Rua Nova, a aorta de Lisboa, rica de seiva, chamara a redor de si toda a vida da povoação. A velha judiaria era agora o coração da cidade, e a Alfama, em parte feita plebeia, e judaizando em parte, viu pender e murchar a sua guapice, transitória e morredoura como todas as glórias do mundo.

Nesse bairro, no fim da rua chamada há séculos das Canastras, junto às Portas do Mar corria uma casa baixa, mas solidamente edificada, a qual contrastava com as que lhe estavam próximas pela sua muita antiguidade: duas janelas, cuja vergas se arqueavam à feição de uma ferradura, abertas nos dois extremos da frontaria, a igual distancia do largo e achatado portal que lhes ficava no meio, desdiziam das frestas pontiagudas e estreitas que davam luz às moradas vizinhas, bem como o portal, igualmente terminado em volta de ferradura, contrastava com as elegantes portadas góticas dos outros edifícios, cujos telhados angulosos e bordados de ameias também diversificavam do tecto daquele edifício mourisco, que oferecia aos seus habitantes um eirado espaçoso, onde, pelas madrugadas serenas ou ao pôr do Sol de um dia de Estio, podiam ir respirar uma viração mais pura, que raras vezes passava pelas tuas tortuosas, estreitas e imundas da velha cidade.

Eram perto das seis horas da tarde do dia seis de Maio do ano de 1389. No

pequeno terreiro que dizia, pela parte interior do muro, para as Portas do Mar já mal se divisavam os objectos, porque a noite descia rapidamente do lado oriental, posto que ainda o clarão avermelhado do crepúsculo tingisse os altíssimos coruchéus azulejados que serviam de topo e remate às torres da cathedral. Pelo arco escuro e profundo das Portas do Mar entrava grande multidão de povo miúdo, principalmente pescadores, que se recolhiam antes que a escuridão da noite tornasse mais temerosos os encruzilhados becos e ruas torcidas que davam para o interior de Alfama. Com estes se misturavam os judeus, que, vestidos como os cristãos e divisando-se-lhes escassamente os sinais vermelhos que traziam cosidos nas roupas sobre o estômago, corriam apressados para o seu bairro, situado mais ao oriente junto à Porta de Alfama, no angulo da velha cerca, para lhes não sair da bolsa a inevitável multa que deviam pagar, sendo encontrados fora da Judiaria depois de terem soado as três fatais badaladas do *sino da oração*. Com igual ou mais rápido movimento, se viam branquejar os albornozes alvacentos dos mouros no meio do encontrado perpassar da gente. Mais raros em número que os judeus e seguindo diferente rumo, estes encaminhavam-se para a banda da antiga Porta do Ferro, donde, atravessando pelo sopé da Alcáçova, desciam para o vale da Mouraria, cujo nome provinha de ser aí situado o bairro onde habitavam e onde, ao mesmo sinal das trindades, eram obrigados a recolher-se, sob pena de castigo igual ao que se impunha aos judeus. O dia, pois, acabava, e noite ia em breve estender o seu manto de escuridão e silêncio sobre a vetusta cidade cabeça da boa e nobre terra de Portugal.

Encostado à ombreira do portal mourisco que dava entrada para a casa contígua às Portas do Mar acima descrita, um homem, que mostrava ser de idade de quarenta a quarenta e cinco anos, tinha os olhos pregados naquela mó de mesteirais, pescadores, vilãos, judeus e mouros que passavam como torrente, fazendo um burburinho infernal de gritos, risadas, motejos, cantigas e passadas a um tempo rápidas e ressonantes; ruído tal que fazia semelhar o pequeno terreiro a uma espécie de pandemónio. O personagem que contemplava esta cena popular era, pelo seu traje, homem de armas ou, pelo menos, besteiro de cavalo e, pela sua figura e aspecto, taful de obra grossa. Baixo, refeito e roliço, nariz rombo e vermelho, faces avultadas, rebarbativo e risonho, podê-lo-ia tomar por uma figura de Sileno quem para ele olhasse, se naquele tempo houvesse alguém assaz lido em mitologias pagãs para se lembrar do jovial deus dos tonéis. Tinha vestido um tabardo de valencina azul, umas calças de pano viado, ou de riscas, de Larantona, e por cima um capeirão de barregã: cobria-lhe a cabeça um sombreiro grande de lã: tinha calçados uns sapatos de couro branco, e para completar este traje, um tanto aprimorado, trazia pendente da cinta de cordovão vermelho uma grande algibeira ou bolsa de argempel, onde já muito a custo se descobriam alguns reflexos metálicos.

A atenção com que o estafermo, cuja figura e vestuário acabamos de examinar miudamente olhava para o tropel de povo que se recolhia não indicava a mera curiosidade de uma pessoa desocupada, que neste sensabor divertimento gastasse o tempo por não saber como o ocupar melhor. Conhecia-se, pelo estender do pescoço de espaço a espaço e pelo franzir dos sobrolhos, que ele esperava ansiosamente alguém que começava a tardar mais do que o bom do besteiro entendia ser justo. A sua impaciência não foi, todavia, posta a larga prova. Um moço de monte desceu correndo do lado da Sé e, chegando de leve ao pé do besteiro, que tinha os olhos fitos no vão da porta da cidade, já inteiramente obscurecido, bateu-lhe no ombro, dando-lhe um piparote na barba.

– Olé, Lourencinho amigo! Que imaginações vos trazem assim enlevado? Esperais dessa banda os vossos amores?

– Nem migalha, Galeote – tornou o besteiro, voltando-se rapidamente e agarrando pelo braço o rapaz, que se estorcia para lhe fugir. – Dês que el-rei D. Fernando me deu

quantia para besta de garrucha, aljava de cem virotes e rocim de encavalgar; depois que o carniceiro se converteu em homem de hoste as mancebas parece que fogem do pobre de mim. Por vós esperava eu. Que novas do senhor conde?

– Aqui estará logo que tanja o sino de correr 24 Vim de volta pela Porta do Ferro, porque... Mas, com a fortuna! Já eu ia badalar por onde vim, com quem falei, o que disse... Nada, nada, meu amo! Ponto em boca!

– E que me importa a mim – acudiu o homem baixo e roliço –, a mim, Lourenço Brás, besteiro de cavalo, com tavolagem de fidalgos e homens de armas, em que pese às justiças d'el-rei, se pela banda da Sé ou pela de Vila Nova de Gibraltar Galeote Estevéns, o moço de monte do conde de Seia, me veio avisar de que seu nobre amo e senhor vinha esta noite com seus parceiros perder ou ganhar à jaldeta, ao curre-curre ou aos dados alguns centos de dobras de ouro na honrada casa de jogo das Portas do Mar, a que certos traidores cismáticos se atrevem a chamar casa de perdição? O que eu precisava de saber era se de vinha de feito.

– Virá, virá, e não só. E diz que tendes prestes a colação do costume; mas algo mais avultada.

– Então é noitada de vulto? Temos algum mercador judeu, prazentim ou flamengo a esfolar? Ou é o arrais da carraca de Alexandria que chegou há pouco, e que vem arreversar com vomitório de dados as marcas esterlingas de bom ouro por que vendeu os açúcares rosados nas boticas da Rua Nova? Ou é...

– Ou é ou é ou é – interrompeu o trêfego rapaz, imitando a voz rude do besteiro. – Não é nada disso, homem!

– Então que é?

– Eu sei lá!

E o moço de monte desatou a rir. Depois, encolhendo uma perna, agarrou-a pelo tornozelo e pôs-se a saltar sobre a outra, volteando diante do gordo besteiro e cantando uma volta antiga:

*A que vi entre as amenas
Deus! como parece bem!
E mirei-la das arenas:
Dês i penado me tem.*

– Forte doido! – exclamou o besteiro. – Boa ocasião de cantar trovas velhas como a Sé.

O rapaz soltou a perna esquerda, alevantou a outra, volteou ainda mais rapidamente em sentido oposto e começou a trautear em diversa toada:

*Dama do corpo delgado,
Em forte ponto eu fui nado;
Que nunca perdi cuidado,
Nem afã, dês que vos vi!
Em forte ponto eu fui nado,
Dama, por vós e por mi!*

Lourenço Brás era curioso. Quem não tem seu defeito? O moço de monte sabia alguma cousa que não queria dizer-lhe. Mas ele tinha receita experimentada para lhe desempençar a língua. Puxou por um braço ao dançarino cantor e arrastou-o para ao pé de si.

– Acaba já com esse chilrear de rouxinol de Maio. Se não me queres dizer quem

vem com o senhor conde, não digas. Repito-te que não me importa. Mas entra cá um pouco, e ao menos dir-me-ás se o vinho do besteiro é digno dos seus hóspedes. Entretanto eu porei a ceia ao lume para tudo estar a ponto. Tira-te daí, que a noite vai húmida e fria, e certa a porta após ti.

Proferindo estas palavras, Lourenço Brás entrou, e Galeote Estevéns, sem lhe responder nada, seguiu-o arrastado por força maior, mas sempre cantarolando. Agora, porém, a volta era moderna: uma dessas cantigas que surgem da imaginação dos Beethovens populares em épocas revolucionárias e que se nacionalizam com a rapidez do relâmpago.

*Ábide, ábide, ábide,
Mate-te a mazela:
Perro castelhano
Vai-te pra Castela.
Se é vinho de mais d'ano
Venha uma escudela.
Ábite, ábite, ábite...*

– Vai cantar dessas trovas, Estevéns, em casa do senhor conde – disse o besteiro, voltando-se para trás e rindo.

– E porque não? Ele é tão bom vassalo de el-rei como João Rodrigues de Sá ou outro qualquer dos melhores.

– Sim, depois de Aljubarrota, quando no seu castelo de Sintra já não podia ter voz muito tempo pelo cismático de Leão e Castela **27** Mas, caluda, que ambos nós somos homens de sua mercê.

Dizendo isto, os dois tinham atravessado um longo e escuro corredor e achavam-se numa vasta quadra do edifício, a qual ficava na extremidade dele junto com o muro da cidade. Cinco lâmpadas de três lumes pendentes do tecto alumiam este aposento, que durante o dia apenas recebia luz da janela mourisca rasgada no ângulo do lado da muralha, janela que pouca luz lhe podia transmitir, fechada como era por uma grade de ferro tão basta que melhor lhe caberia o nome de rede. Até a altura da cabeça de homem as paredes da sala estavam forradas de tábuas de castanho, madeira de que igualmente era tecido o pavimento e construída uma banca desconforme colocada no meio da casa. Uns como sofás, de encostos mui baixos nos topos e cobertos com mantos ou coberturas de picote de Palência que caíam até o chão, viam-se enfileirados ao longo das paredes e ao redor da grande mesa, cuja superfície estava cheia de picadas de punhal, o que provava que os jogadores costumavam ter pronto e à mão juiz, senão recto, ao menos inflexível, que pusesse termo, bem que de modo um pouco violento, às suas altercações.

O besteiro apenas entrou encaminhou-se para uma descompassada chaminé, rasa com o chão e embebida na parede, onde ardiam algumas achas de zambujeiro: puxou pata o lume dois grossos toros que estavam arrumados com outros no fundo da lareira, tirou de um armário contíguo uma perna de boi quase inteira, pô-la em uma sertã com duas alentadas postas de toucinho e pendurou esta de um gancho que ficava por cima da fogueira; depois tornou ao armário e veio colocar sobre a mesa uma grande agomia de cobre cheia de vinho e duas taças de estanho, fazendo ao mesmo tempo sinal a Galeote Estevéns para que se assentasse.

O moço de monte obedeceu, enquanto de pé o besteiro enchia as duas taças e empurrava uma para defronte dele.

– É do especial! – disse Galeote Estevéns, depois de ter bebido, pousando a taça em cima da mesa e chupando a um tempo ambos os beiços.

– Não há pinga como esta dez léguas em volta – respondeu Lourenço Brás, tornando a encher-lhe a malga, que o bom de Galeote Estevéns despejou de um golpe com o mesmo garbo.

O besteiro pegou de novo na agomia e na taça para repetir a dose, depois de ter ido virar a carne que chiava na sertã.

– Tá, tá – acudiu o moço de monte, pondo-se em pé e interpondo a mão devagarinho entre os dois vasos, nos quais se ia ainda uma vez fazer a demonstração de que os líquidos tendem a nivelar-se.

– Que diabo de homem és tu? – disse Lourenço Brás com aquele tom de mau humor que indica a boa vontade. – Impas com duas sedes de vinho? O capelão da mouraria, Zein al-Din, que, segundo dizem, nunca lhe tomou o cheiro, não creria ter quebrado o preceito do seu maldito Alcorão se não tivesse bebido mais do que essas duas lágrimas dele, que duvido te chegassem ao gasnete por pouco furados que tenhas os dentes.

– Agora por mouraria... já me passava o dizer-vo-lo!... – exclamou o moço de monte, rindo a bom rir e pondo as mãos nas ilhargas, como se receasse estourar.

– O quê? – interrompeu o besteiro, aproveitando ao mesmo tempo a retirada das mãos de Galeote para lhe encher de novo a taça até as bordas.

– O quê? Uma vergonha para tavolageiros goliardos.

– Vergonha! Pois quê? Falas comigo, rapaz?

– Falo, falo! Vós, homem baptizado tamanino, andais-me comido de pecados em demanda do inferno, e um perro de um mouro, tornadiço ¹, se não me engano, de há pouco, temo-lo daqui a nada santo! *Vade retro, Satana!*

E Galeote deitava a língua de fora a Lourenço Brás, pulando diante dele e fazendo com os dedos índices uma cruz diante da cara do besteiro.

– Terçãs me comam, se te entendo, homem! Desembucha lá. Que diabo de santo é esse? – disse por fim o tavolageiro, depois de contemplar por algum tempo, de braços cruzados, as visagens e cabriolas do rapaz.

– Adivinhei, misser Lourenço, adivinhei. Mais uma, mais duas, mais três, senão arremato. Arrematei. É o jogral de Restelo; jogral e maninelo que foi; beato e santo que será.

– Quem, o perro do Ale quinteiro que foliava por essas ruas, e que desapareceu desde o dia em que o atropelaram à Sé, quando tu e os outros velhacos da tua laia lhe estorroaram na cara lixo e terra, porque arrenegava de Cristo e de Mafamede, no meio das suas lástimas doridas?

– Falou, meu gentil besteiro.

– Ora essa!... Ah, ah, ah! – disse Lourenço Brás, fazendo a segunda à risada de Galeote. – De que freguesia é orago o novo santo?

– Ainda não vai nessas alturas; mas espero que lá suba dentro em pouco – atalhou o moço de monte.

– Tenho-o visto entrar e sair do Colégio de S. Paulo, e andar muito sisudo atrás de Fr. Lourenço Bacharel e daquele frade moço seu companheiro, com os olhos sempre no chão e com tais ademanos de converso ou beguino, que parece um homem de Deus, de guisa que, a la fé, de todos os seus momos este último é o que mais me faz rir.

– Ah! então o caso é outro – replicou o tavolageiro, bebendo o vinho que ainda tinha intacto diante de si. – Todavia, lá vai à saúde do futuro servo de Deus, que será canonizado, nanja pelo padre santo de Roma, mas pelo herege cismático que está em Avinhão. Anda, Galeote, bebe, e vamos a falar no que importa; dize-me quantos são os hóspedes que hoje...

¹ Tornadiços chamava o povo, como injúria, aos judeus e mouros convertidos.

– À saúde de Santo Ale, ex-jogral de ofício e escolar de beato na Estudaria de S. Paulo – gritou Galeote Estevéns, levando a taça à boca e já quase embriagado ao ponto em que o besteiro o queria.

Um ruído de muitas passadas reboou então pelos ecos do aposento. Tão embebidos estavam os dois no seu diálogo, que só então deram tino de que alguém se aproximava.

Estremecendo, Lourenço Brás voltou-se rapidamente: Galeote Estevéns, pondo-se em pé, deixou cair a taça e ficou com a boca semiaberta e com os olhos pregados na porta.

No limiar dela estava uma pinha de vultos, embrulhados em grandes capuzes de almáfega parda, de modo que não lhes apareciam os rostos. Lourenço Brás olhou de través para o moço de monte, como acusando-o de ter deixado a porta aberta, e saltando de um pulo ao canto da casa, lançou mão do largo cutelo que tinha pendurado de um prego e gritou:

– Olé, que ninguém dê passo sem dizer seu nome, senão com esta almárcova far-lhe-ei nas pernas um traço como o que fiz nas do cavalo de Fernão Sanches, na cavalgada entre Elvas e Badalhouse, em tempo do bom rei D. Fernando.

– Devagar, Lourencinho, devagar – disse o conde de Seia D. Henrique Manuel, deitando para trás o capelo do capuz. – Não tens de que te arreçar. Sou eu! Parecia-te o meirinho da corte com seus algozes? Hem?

– Lá a dizer a verdade, não é graça – respondeu o besteiro, largando o cutelo e coçando na cabeça. – Uma pessoa, aqui, anda a bem dizer com os tagantes nas ancas, os degraus do pelourinho debaixo dos pés ou a corda de linho cânave de três ramais ao redor do pescoço; açoutado, posto na gaiola ou enforcado por dar gosto aos fidalgos. Vossa mercê bem sabe o que rezam as posturas daquele rei velho, o avô d'el-rei, sobre as tavolagens...

– Melhor que tu! – atalhou o conde, voltando-lhe as costas e dirigindo-se ao moço de monte, que parecia uma estátua. – Galeote, patife, anda cá. Foste ao adro da Sé. Que te disse o embuçado?

Galeote aproximou-se, procurando ter-se firme no chão que lhe dançava em redor, e, olhando com aquele olhar vago que é o sobrescrito da embriaguez, respondeu com voz tarda e maviosa:

– Sem falta... Há-de vir... Ao sino de correr... Não pode tardar... Puah!

E recuando, recuando, com as mãos atrás das costas, arrimou-se à quina da ombreira da porta e ficou por alguns instantes a oscilar sobre ela, como balança no fiel, para um e para outro lado.

– Vai-te! – gritou o conde colérico. – Aquele pichel, Lourenço Brás! A culpa é daquele pichel. Anda, põe-no fora, que não sei se acertará com a saída. Cerra a porta após ti e espera. Quando sentires cinco aldravadas, abre, e deixa entrar um embuçado com que darás de rosto. Toma tento. São cinco. A não ser isso, batam uma, batam cem, faze de conta que estás mono. Lembra-te do meirinho da corte e do corregedor de el-rei. Vereis agora – acrescentou, voltando-se para os vultos rebuçados – se é fantasia minha.

Olhos no conde, olhos na sertã, o besteiro tinha neste meio tempo ordenado tudo para a refeição. O desconforme assado fumava no meio da mesa numa ampla palangana de estanho e rodeavam-no diversas veações frias: os pratéis, as agomias e os pichéis do mesmo metal brilhavam em volta, bem como as copas ou taças, as quais, no rigor da moda daquele tempo, eram de prata, como o traste de mais luxo nas mesas; nem havia já nobre ou burguês abastado a quem faltasse ao menos uma copa lavrada. Vasos de Louça grosseira, cheios de confeitos ou doces secos, alféloa e frutas, ladeavam as poucas mas suculentas iguanas que nessas eras mais singelas deviam bastar, sem outros acepipes e

manjares, para satisfazer o bom e pronto apetite de rudes barões e cavaleiros. Lourenço Brás, apesar da lida em que andava, não perdera uma das palavras do conde. Ria interiormente da repreensão que lhe dera por causa do moço de monte. Não tinha ele visto o seu nobre protector, naquele mesmo aposento, ainda em pior estado por longas noites de jogo e devassidão? Calou-se, todavia, e saiu arrastando após si Galeote Estevéns, que cambaleava e praguejava como possesso. Dali a pouco ouviu-se a bulha que fazia correndo o ferrolho com que se fechava a sólida porta da tavolagem. Depois tudo recaiu em profundo silêncio.

Os embuçados que seguiam D. Henrique tinham entretanto recuado os capelos e deixado ver os rostos, atinando depois sucessivamente os capuzes para cima dos assentos enfileirados ao correr das paredes. Viam-se-lhes os gibões de duas cores pelas aberturas dos peitilhos das jórneas, espécie de camisolas nas quais se bordavam as armas das famílias. As suas toucas ou barretes, onde uma pequena pluma, presa com um broche de ouro, se lhes arqueava sobre a testa, as calças também de duas cores, mas trocadas com as dos gibões, e os longuíssimos sapatos de bico revirado bastavam para os dar a conhecer por pessoas nobres. No meio, porém, daquela brilhante companhia divisavam-se duas figuras cujo traço singular contrastava de mais de um modo com as louçainhas dos cavaleiros. Eram dois monges de Alcobaça: um de boa idade, gordo, nédio, vermelho, reverendo tipo da mais pura raça cisterciense; outro mancebo, magro, trigueiro-pálido, ossudo, feições prominentes: um com meneios suaves e ao mesmo tempo majestosos e livres, rindo-lhe a saúde nas roscas taurinas do pescoço, onde o toucinho se fortificara contra as vãs tentativas da penitência; outro com gesto melancólico, severo, morboso, como se o devorasse febre lenta ou remorsos de grandes crimes. Ao primeiro aspecto, sentiríeis atracção para o mais velho, e repelir-vos-ia o mais moço; mas, se reparásseis atentamente nos olhos dos dois monges, os affectos se vos trocariam. Nos daquele havia o que quer que era semelhante a fulgurar de relâmpago e uma vaga incerteza que jamais lhos deixava demorar em objecto algum; nos deste, debaixo de brilho febril, havia uma expressão profundamente triste, que despertava involuntária compaixão e simpatia, de modo que as lágrimas se vos escoariam despercebidas pelas faces, se vos pusésseis a contemplar aquele gesto; porque a vossa alma sentiria instintivamente resfolegar debaixo desse exterior carrancudo um vulcão de angústias extremas e de antigos e insanáveis pesares.

Cremos que estes sinais bastam para sabermos que estamos com conhecidos nossos, e que os dois monges são ninguém menos que D. João de Ornelas e Fr. Vasco envoltos nas suas longas e amplas cogulas negras, onde apenas se distingue junto ao colo a orla do hábito branco. Agora, porém, os outros que vestem essas roupas variegadas, no meio das quais se estampam as dos dois vultos monásticos, não são frades: são mui ilustres fidalgos da corte de D. João I. Leitor, se és um peão, põe-te em pé e descobre-te: vais ouvir os nomes de vários herdeiros dos mais velhos apelidos de Portugal, dos descendentes de alguns fetos barões dos séculos XII e XIII. Eram, de feito, os recém-chegados Gonçalo Vasques Coutinho, Egas Coelho, filho de um dos matadores de Inês de Castro, e os dois Pachecos, filhos de Outro assassino seu; eram João Afonso Pimentel, o marechal Álvaro Gonçalves Camelo prior do Hospital, o senhor de Resende Fernando Vasques descendente de Egas Moniz, João Rodrigues de Sá chamado o das Galés, o reposteiro-mor Pedro Lourenço de Távora, Lopo Dias de Sousa mestre da Ordem de Cristo, e muitos outros membros dessa cavalaria brilhante que tão célebre tornou por assinalados feitos de armas a época de D. João I.

Se, para não tecermos um catálogo crucificador, à maneira de dois grandes poetas Homero e Fernão Lopes e do nada poeta Barros, sepultamos num vago *et coetera* tantos nomes famosos, soffra o leitor que mencionemos com individuação um personagem que

nesta memorável noite se achava na tavalagem das Portas do Mar e que está longe de lhe ser estranho, posto que ainda não o visse passar, senão como eco ou sombra vã, nas precedentes cenas do nosso drama. Este personagem é o D. Vivaldo dos paços de Vasqueanes, o pupilo do arcebispo de Braga; é Fernando Afonso, o camareiro-menor de sua mercê o nobre rei de Portugal.

O moço Fernando era (já noutra parte o dissemos) irmão de um dos furibundos romanistas que constituíam o conselho da Coroa, os quais, tendo por chefe o mais hábil entre todos, o chanceler interino mestre João das Regras, o ajudavam a ir alargando passo a passo os limites do poder do rei à custa da fidalguia, enquanto não chegava a vez da burguesia, e que bem providos de textos de Justiniano, de glossas, distinções e corolários, sacados dos armazéns científicos de Bolonha, de Pisa e doutras escolas de Itália, armazéns que a facúndia dos Rogérios, dos Albéricos, dos Acúrsios e dos Bártoles tinha tornado inesgotáveis, vinham aos bandos abastecer Portugal da quinta-essência de Direito Romano e as cabeças dos príncipes de ideias de absolutismo.

João Afonso de Santarém, nobre por sangue, preferira nobilitar-se pela ciência. O futuro pertencia aos juristas: soube conhecê-lo e lançou-se na estrada que conduzia a uma influência sólida e real, abandonando a do esplendor e dos privilégios, ainda numerosos, mas já em parte vãos, da classe a que pertencia. E de feito, pela profundidade dos seus estudos e por talentos indisputáveis, João Afonso tinha chegado a tornar-se uma espécie de oráculo entre os conselheiros de el-rei.

Oposto em índole a seu irmão mais velho, entre o qual e ele pouca afeição mútua havia, Fernando seguira inteiramente os instintos da sua casta, casta opressora e daninha, a qual ia principiar essa expiação secular que, com breves intervalos, se protraiu até o dia fatal em que a altiva frente do duque de Bragança pendeu sobre o cepo de D. João II. Tão ignorante como altivo, a raça burguesa era para ele uma raça vil e réproba: para ele a situação dos antigos malados ou clientes dos fidalgos e dos colonos das terras senhoriais, de que ouvira mais de uma vez falar a velhos cavaleiros que ainda haviam conhecido na infância os terríveis barões do século antecedente, era a situação natural de todos aqueles cujas famílias não podiam ir entroncar-se nos vinte e cinco ou trinta *padrões* ou troncos das primitivas linhagens do reino. No seu foro íntimo, um vilão pouco acima estava de uma alimária na escala da criação, e, se uma vez parecera interessar-se a favor da vilanagem dos coutos de Alcobaça, isso não provava senão quanto rancor nutria na alma contra o abade D. João de Ornelas, ou por causa das rixas deste com o primaz ou por algum outro motivo hoje desconhecido.

Ainda com estas preocupações políticas, Fernando podia, como tantos outros nobres de igual pensar, ter uma alma bela e generosa. Mas estava longe disso. Ao homem habituado a ler no gesto dos indivíduos a sua história moral e íntima não seria difícil descortinar-lhe no aspecto uma índole má ou pervertida. O camareiro-menor era um mancebo de vinte e cinco anos, de airosa figura, meneios engraçados, feições regulares, olhos rasgados e negros, onde se reverberavam ardentes paixões. Todavia, no seu olhar voluptuário, nas rugas quase imperceptíveis mas frequentes das faces, no descorado dos lábios e no perfil levemente suíno do rosto descortinavam-se-lhe os sentimentos ignóbeis e as ruínas que naquele corpo e naquela alma tinha causado o excesso dos deleites. Simples pajem no tempo de D. Fernando, servira na revolução do Mestre de Avis como escudeiro de uma lança, o que o habilitava para receber, mais ano menos ano, as esporas douradas de cavaleiro, mira das ambições de todos os homens de guerra numa época em que as ideias cavaleirosas tiveram maior voga em

Portugal e em que se liam com avidez, se traduziam e até se compunham, com geral aplauso, romances, como os de *Tirante o Branco* e de *Amadis*. O grau de cavaleiro, não raro bem cabido em valentes homens de armas, era também (salva a ideia

enérgica e generosa que representava) a fita, a comenda, a grã-cruz, o dixe enfim, com que no século XIV se regalava muitas vezes a fofice de paspalhões e parvos.

D. João I, homem austero, tinha notável predilecção por Fernando Afonso. Era um facto aparentemente contraditório, mas cuja razão é fácil de alcançar. Semelhantes simpatias entre caracteres opostos são mais vulgares do que se cuida; porque o tocarem-se os extremos é uma das grandes verdades do mundo moral. Escolhido para camareiro-menor de el-rei, o mancebo, cujas inclinações viciosas se haviam radicado e desenvolvido na vida aventurada da guerra, obrigado a reportar-se na corte severa do Mestre de Avis, corte benigna e cerimoniação, onde reinavam os usos e pontualidades inglesas, afez-se a representar dois papéis, a revestir sucessivamente dois caracteres, o de cortesão, medido pelo génio e pelas ideias do rei, e o de soldado licencioso, que era o seu próprio e que, excitado pelo constrangimento, se tornava ainda mais desfaçado quando o jovem escudeiro podia lançar fora o manto da hipocrisia. Modesto e circunspecto, lhano e serviçal perante o monarca, perante D. Filipa, a boa rainha, e ainda perante os barbas-grisalhas do conselho e privança de sua mercê el-rei, vingava-se do viver monótono e constrangido do paço nas ocasiões em que, com qualquer pretexto, podia obter liberdade. As tavolagens e as outras espeluncas de devassidão não tinham freguês mais frequentador, nem mais digno de as frequentar. Incapaz de afectos puros, sinceros e duradouros, a crónica dos seus amores era um tecido de anedotas mais ou menos asquerosas, mais ou menos atrozes, só brilhante aos olhos dos outros escudeiros e cavaleiros moços, consócios das suas orgias ou das suas aventuras. Gloriava-se de ter murchado ao sopro mirrador da desonra mais de uma flor de inocência, de mais de uma vez ter profanado o santuário doméstico, de muitos desses triunfos, enfim, que o mundo saúda com sorrisos aprovadores e que só revelam as trevas da consciência, o ateísmo brutal e estúpido acerca dos mais poéticos e generosos sentimentos do homem. Ambicioso de uma triste reputação, julgava-se completamente feliz quando nas festas nocturnas de embriaguez era, no meio do tinir das taças, aclamado com vivas frenéticos vencedor de todos os seus émulos em devassidão.

Tal era o indivíduo sobre o qual não podíamos eximir-nos de chamar especialmente a atenção do leitor; o indivíduo que tanta influência tivera nos destinos de Vasco e de Beatriz, de cuja triste história ele era o verbo, ele, que, iludindo-a, se pode dizer assassinará pelas costas um velho para substituir um anjo.

Apenas os cavaleiros ali reunidos deram com os olhos nos cistercienses ficaram suspensos. Sabiam agora quem eram os dois desconhecidos que tinham encontrado com D. Henrique Manuel na alpendrada do Colégio de S. Paulo, junto da qual o conde lhes dera ponto de reunião. A presença do abade de Alcobaça naquele lugar era tanto mais inesperada, quanto era certo que muitos dos circunstantes ignoravam ainda a sua chegada a Lisboa, e todos qual partido o poderoso monge seguiria nas questões políticas que então se ventilavam e em que os prelados, cujas fileiras se recrutavam já largamente entre os doutores, se inclinavam pela maior parte a favor da Coroa. Admirados, pois, daquela súbita visão, imóveis e sem proferirem palavra, os fidalgos olhavam alternativamente para o conde de Seia e para D. João de Ornelas.

Dessa situação constrangida os tirou, todavia, em breve D. Henrique Manuel. Metendo-se entre os dois frades, tomou pela mão o prelado cisterciense e, dirigindo-se aos que o rodeavam, disse:

– Cavaleiros, estranhais, por certo, a presença do nobre abade de Alcobaça neste lugar e a estas horas. Com a singeleza de que vos tenho dado mil provas, dir-vos-ei a causa disso. Quando a souberdes, agradecer-mo-eis. Não ignorais que depois da batalha de Aljubarrota entreguei ao Mestre de Avis o Castelo de Sintra, que eu tinha por D. Beatriz de Castela. Leal enquanto pude sê-lo ao preito que fizera, havia anteposto o meu

dever de alcaide-mor ao amor da pátria, às minhas afeições, a tudo. Cedi só quando conheci que a mão de Deus fazia pender irresistivelmente a balança a favor de D. João I. A voz da consciência não me acusava do procedimento que seguira – O preito antes de tudo! São estas as tradições das nossas linhagens; estes os exemplos de nossos avós... E, todavia – continuou o conde, depois de uma breve pausa, durante a qual cravou os olhos em João Rodrigues de Sá e no reposteiro-mor –, ao apresentar-me na Corte não achei lábios que me sorrissem, peito de amigo que se estreitasse ao meu!... Era o tempo do domínio dos burgueses; eram as orgias da vilanagem, e a nobreza curvava-se a tão vis senhores, embora no exterior mostrasse ademanes de orgulho!... Já lá vão quatro anos: não falemos mais nisso... Mas eu mentia dizendo-vos que não achei na Corte um amigo. Ei-lo aqui. Achei o nobre D. João de Ornelas... Agora, apenas soube que o mui reverendo abade era chegado a Lisboa, expus-lhe a situação dos negócios. Supunha-o, e suponho-o ainda, interessado como nós na conservação dos privilégios que nossos avós compraram em mil batalhas contra os Mouros e contra Leão; não podia, não devia esconder-lhe as nossas esperanças e desígnios. Quis que ouvisse as revelações antecipadas que esperamos. Os seus conselhos prudentes ser-nos-ão úteis para começarmos com vantagem o combate; para prevenirmos com tempo a ruína total dos nossos antigos foros e liberdades. Senhores D. João de Ornelas está connosco: connosco para a luta; connosco para a vitória. Peço alvissaras da boa nova.

– Merecei-las, conde de Seia – exclamou o prior do Hospital, estendendo a mão para o abade, que lha apertou, ao que parecia, cordialmente. A maior parte dos outros fidalgos abraçaram sucessivamente o monge, que recebia aquelas demonstrações com afabilidade tão excessiva, que, a serem mais cautelosos, teriam desconfiado dele. Quem lhe conhecesse a fundo o carácter diria que D. João de Ornelas estava no meio de inveterados inimigos, tal era o excesso da sua benevolência. Fernando Afonso foi o único que se não moveu, e o leitor que sabe qual ódio subsistia entre estes dois indivíduos compreende, sem dúvida, o procedimento do camareiro-menor. Acabado o burburinho, o abade fez sinal para que o escutassem.

– Devíeis ter contado comigo no vosso empenho, senhores meus! – disse ele. – Sabeis que detesto as ousadias vilãs dos tristes tempos que vão correndo. E, graças à Virgem bendita, nos coutos de Alcobaça as víboras populares não alevantarão as cabeças; que hei-de sempre calcar-lhas, como a mulher forte da Sagrada Escritura.

– Má comparação – murmurou Fernando Afonso, virando-se para o senhor de Resende, mas em tom que o abade o ouvisse. – Devia dizer: como a raposa no galinheiro, a ginetá no pombal, o lobo no redil, o magarefe no matadouro...

– Imprudente! – interrompeu em voz submissa o conde de Seia, que tossia com toda a força dos seus excelentes pulmões, puxando-lhe pela falda da jórnea.

Pois não são mais verdadeiras estas?

– Louco!

O abade, cujo olhar penetrante se cravara de relance no mancebo, prosseguiu, apenas cessou a tosse extemporânea do conde, como se nada tivera ouvido:

– Senhor de terras, alcaide de castelos, fronteiro de portos de mar pelo pesado cargo que sem merecimento ocupo e com que a Providência quis provar o meu sofrimento, sou parte na vossa demanda em que se ventila também a causa dos abades do santo Mosteiro de Alcobaça, contra o qual, creio-o firmemente, nunca prevalecerá o inferno. – E depois de uma pausa acrescentou: – Nem enredadores covardes!

Ao proferir estas palavras, D. João de Ornelas fitara a vista, sorrindo com dobrada afabilidade, em Fernando Afonso.

Entre os olhos do moço escudeiro, que se torceram obliquamente para o prelado, vincaram-se três rugas profundas, e uma praga rouca e ininteligível de cólera lhe passou

por entre os lábios que mordera. Foi a passagem do relâmpago.

Depois tornou a aproximar a boca ao ouvido de Fernando Vasques e murmurou no mesmo tom anterior um novo segredo, demasiadamente audível:

– O cachaço vermelho do frade anafado e nédio bem mostra as mortificações de sua reverência. Velhaco!

Todos se voltaram, como tocados por vara mágica: a provocação era grosseira e directa. Não havia já tosse no mundo capaz de a encobrir.

Todavia no rosto do terrível monge reinava o mesmo plácido sorriso.

O escudeiro, porém, não estava ainda satisfeito: lançou mão da taça que Lourenço Brás deixara cheia sobre a mesa e disse em voz alta:

– Permitti, cavaleiros, que eu saúde a aurora da salvação da nossa causa. Desde que o illustre abade de Santa Maria (*abbas pretor*, como lhe chama em gira de breviário o seu digno amigo, meu irmão) se declara por nós, está a vitória certa. Quem ignora que ele tem digamos assim, debaixo de chave a sorte da vilanagem insolente!

A alusão sangrenta às violências praticadas por D. João de Ornelas na vila de Évora não pareceu fazer a mais leve impressão no ânimo do prelado. Esperou tranquilamente que Fernando Afonso acabasse de beber. Chegou-se então a ele com passos lentos, pegou na taça, que o escudeiro espantado largou da mão sem tentar retê-la, e foi pô-la sobre a mesa. Depois, cruzando os braços, voltou-se impassível para o mancebo e, com o mesmo sorriso benévolo, disse-lhe:

– Mantenha-vos Deus, senhor, que tanto fiais de um pobre frade. Sou eu, somos nós todos, que, nesta justa demanda, devemos pôr em vós a esperança; em vós que sois poderoso e valido; que sois valente e generoso; que sois, enfim, um nobre, franco e leal cavalheiro.

Um calafrio de susto coou pela medula dos ossos de alguns circunstantes que conheciam o abade, ao ver a insólita humildade de um dos mais orgulhosos prelados de Portugal, e ao ouvir-lhe a cortês resposta, em que, todavia, dera à palavra *leal* uma expressão singular. O coração do próprio Fernando Afonso bateu mais rápido ao ouvi-la: e contudo, buscou esconder a sua perturbação. Estendeu o braço para Fr. Vasco e tocou-lhe levemente no hábito. O monge estremeceu e recuou, como se uma serpente o houvera mordido, e os seus olhos cavos despediram estranho fulgor.

– Perdoai, nobre e illustre prelado – disse o camareiro-menor, dirigindo-se a D. João de Ornelas. – Leio no rosto destes cavaleiros certa inquietação, que naturalmente desperta a presença de um desconhecido no meio de nós. Este vosso companheiro... este monge ou fantasma, hirto, mudo, misterioso...

– Quanto a este monge – replicou D. João de Ornelas em voz baixa e com um gesto de compaixão – nada temais. Pobre moço! Idiota, absolutamente idiota. Escolhi-o por isso para me acompanhar, segundo a santa regra da ordem. Verá e não terá visto: ouvirá e não terá ouvido. – Depois, sacudindo pelo braço o companheiro, bradou-lhe: – Vasco, filho de S. Bernardo, tomaste sentido? Responde ao que te perguntaram.

Como se aquele movimento e aquelas palavras o houvessem despertado de uma espécie de sonolência, o moço cisterciense alçou a cabeça, olhou sucessivamente para o abade e para os fidalgos, encolheu os ombros e caiu de novo no seu aparente dormir.

As atenções tinham-se naturalmente derivado para esta cena. A tempestade que ameaçava estourar parecia espalhar-se. O conde de Seia, porém, foi um dos que não ficaram tranquilos com a moderação do abade.

No momento em que ia a renovar-se a conversação, distraída até certo ponto do seu objecto pela impetuosa malevolência do camareiro-menor e pela tremenda humildade do chefe dos monges brancos, cinco fortes aldravadas na porta exterior da tavolagem a vieram positivamente interromper. Fez-se então profundo silêncio, porque

era o sinal esperado.

– Cavaleiros – disse o conde de Seia depois de escutar um instante e aproximando-se da mesa –, assentai-vos. Marechal, à cabeceira. Que ninguém ocupe esse lugar junto a vós. É para o bom do vilão. Tudo em pé apenas ele entrar. Graves como dez garnachas negras a disputar sobre as leis imperiais.

Os fidalgos obedeceram a estas disposições, como às de caudilho que os ordenasse em batalha. Só João Rodrigues de Sá pareceu hesitar, murmurando algumas palavras ininteligíveis, que, sem ofensa, se poderiam comparar à rosnadura de um rafeiro irritado. O abade de Alcobaça puxou pela manga a Fr. Vasco e dirigiu-se com ele para a mesa. No meio daquele movimento confuso e apressado os dois frades segredaram um com outro. O que disseram ninguém o ouviu: foi, todavia, um curto, mas significativo diálogo.

– Representaste excelentemente o papel que te coube no auto – dizia D. João de Ornelas em voz sumida e rápida. – Conheces enfim o nosso comum inimigo! Insolente e infame; roubador de tua imã, assassino de teu pai, procurador dos meus vilões. O miserável ainda crê que os seus insultos me ferem. Insensato!

– Dom abade! dom abade! – murmurou Fr. Vasco, apertando o braço do seu interlocutor. – O coração, verteu-me sangue de novo ao ouvir a sua voz. Adivinhou-o o meu ódio, e nunca a sua detestável imagem me fugirá da memória...

Não puderam dizer mais nada. Os fidalgos tinham-se assentado, e tudo recaíra em absoluto silêncio. Só o interrompia o som baço das lentas passadas de Lourenço Brás e de alguma outra pessoa que o seguia.

XI

DOCTOR MATER-GALLA

Penson sempre nas cousas de sua vantagem, nem lhe nembrando de seus peccados, males e falecimentos.

LIV. D'EL-REI D. DUARTE, *Conselho I.*

Pouco havia que cessara o bulício na vasta quadra da tavolagem, quando os que ficavam defronte da porta interior viram sair dentre os umbrais um punho de mão calosa, que sustinha candeia afumada e de luz frouxa, depois dela um braço estendido e uma cabeça de perfil, e depois o corpo achavascado do besteiro, que, caminhando lentamente, olhava para trás de *si*. Após ele, não tardou a surdir do corredor escuro um vulto que, atentas as suas formas extravagantes, reteremos um instante no limiar para que se possa reparar nele. *Prima facie*, dir-se-ia que era um cepo de açougue, equilibrado por mecanismo oculto sobre duas achas de pinho, e servindo de pedestal a uma abóbora moganga para cima da qual se houvesse atirado ao desdém a cabeleira ruça e cerdosa de um desembargador da antiga Mesa da Consciência ou da Casa da Suplicação. Esta cousa com pretensões de figura humana vinha ensacada em um gibão de engrês preto e numas calças de atrás da mesma cor, que, descendo justas até aos pés, iam meter-se nuns sapatos tombos de couro negro, trajo burguês, que, se no talhe desdizia um és-não-és da pragmática de Afonso IV, ao menos respeitava-a na qualidade da matéria-prima, ao passo que no grave da cor indicava que seu dono pertencia por algum lado a uma das duas classes que naquele tempo se arrogavam a posse quase exclusiva da ilustração, à dos jurisconsultos ou à da clerezia.

O personagem recém-vindo, averiguado bem o caso, era uma criatura da nossa espécie e ninguém menos que o licenciado Mem Bugalho, de alcunha Pataburro, alcunha enxertada na família por culpa ou por virtude de seu pai, cidadão de Celorico, que tivera tanto de casmurro quanto o filho tinha de bonacheirão e comunicativo. Cursara Mem Bugalho a escola de *degredos* ou decretais na Universidade de Lisboa e voltara à terra natal com a reputação de mui visto em direitos e de sabedor consumado. Devera isso principalmente às suas propensões eruditas, propensões que sobrenadavam nos seus discursos, lardeados por via de regra de bastos textos, dos quais fizera em estudante arrazoado pecúlio. O reitor da colegiada de Santa Maria de Celorico, posto que assaz duro da orelha latina, ou antes porque o era, não se cansava de elogiar o licenciado pela sua proficiência na língua do Mantuano. Jurava e tresjurava que mais de uma vez lhe ouvira citar passagens de autores romanos que até ele reitor não saberia de golpe reduzir a português. Daqui se vêem duas cousas: primeira, que o prelado de Santa Maria era modesto; segunda, que Mem Bugalho era um sábio. Sábio? Que dizemos nós? Sapientíssimo. Era cousa conhecida de todos em Celorico, e ainda nas aldeias dos arredores, o como ele herdara a designação paterna. É caso que lhe faz honra, aliás calar-nos-íamos. Quando chegou da Universidade, seu pai estava já debaixo do chão, e a alcunha de Pataburro andava, digamos assim, à matroca e quase apagada da memória dos homens. Mem Bugalho queria aceitar a herança, não absolutamente inglória, que lhe legara o seu defunto progenitor, burguês honrado e pé-de-boi, embora se chamasse Pataburro, nome na verdade áspero e malsoante, mas que nem por isso desacreditaria moralmente quem a si o apropriasse. Pôs-se a cismar o bom do licenciado, e tanto

cismou que lhe veio uma ideia feliz. Foi a de alatinar aquela alcunha, satisfazendo assim à piedade filial e às orelhas pechosas. Reflectia, e com agudeza, que Pataburro se compunha de dois vocábulos *pata* e *burro*; que *pata*, falando do animal homem, a quem muitas vezes é aplicado e aplicável, vinha a ser sinónimo de pé, e que pé, se não mentia o *Catholicon* de Joanes de Jânua, espécie de *Magnum Lexicon* da Idade Média, soava em latim *pés*; que *burro* era a olhos vistos o mesmo que asno, e que asno latinizado dava *asinus*, quer natural, quer metaforicamente. Restava uma dificuldade: *Pes-asinus*, versão literal de Pataburro, cheirava a uma ou antes a duas heresias, uma contra a elegância, outra contra a gramática, ao passo que, transpondo *pés* e declinando *asinus*, estava achado um bizarro apelido, o de *Asinipes*, onde, estampada, a piedade filial passaria aos tempos vindouros em ressonante coriambo. Já daqui se conhece que, se o nosso decretalista houvera vivido nos princípios do século XVI ou nos fins do XVIII, não teria sido Pedro Nunes o inventor do nónio ou Watt o das verdadeiras máquinas de vapor. Faculdade inventiva, até ali. E ainda não era nada. Mem Bugalho *Asinipes*, ou *Dictus Asinipes* (para conservar a natureza característica de alcunha), constituía um todo contraditório, monstruoso, macarrónico. A esta desordem acudiu ele com o mesmo tino. Um erudito de água doce contentar-se-ia com *Menendus Bugalius*. Veio-lhe essa ideia à cabeça, é verdade. Mas que fez? Desatou a rir. *Menendus Bugalus?!...* Pelo amor de Deus! Vocábulos tais fariam arrear debaixo da lousa as cinzas de Cícero. Digam lá o que disserem os que vão para aí. Eram bárbaros, barbaríssimos. A velha palavra portuguesa *madre* já começava a ser dulcificada pelos pintalegretes do tempo de D. João I em mãe, e *Mem*, pronunciado rapidamente, não fazia diferença sensível. Estabelecido este facto, é evidente que, traduzindo *Mem* por *mates* não só ficava latim da gema, mas também dava uma graciosa adivinha. Assentou nisto o licenciado e, se é lícito julgar um varão tão grande, parece-nos que assentou bem. Quanto a Bugalho, o negócio resolvia-se por si mesmo. Desde que no mundo há bugalhos e latim, nunca o leve e oco fruto do robusto e vividouro carvalho se chamou senão *gaita* no idioma venerando de Varrão, Columela e Virgílio. Foi por esta série de raciocínios, não menos agudos e severos que os do *Livro da Razão Pura* de Kant, que o ilustre pimpolho da viçosa Celorico chegou a organizar definitivamente o seu nome, digamos assim, de guerra, nome indispensável naquele e nos seguintes três séculos, em que um doutor que se assinasse em vulgar cometeria um pecado tão grosso como nestes nossos tempos um adepto que, ao entrar no templo do supremo arquitecto para chorar pelo defunto Adonirão, não se desbaptizasse, no átrio, do seu nome de baptismo.

Se o leitor achar um pouco estranhas estas particularidades biográficas do licenciado Mater-Galla-Dictus-Asinipes ou Mem Bugalho Pataburro, dir-lhe-emos que redondamente se engana. Se o apresentássemos em público sem dar explicações acerca do seu nome, aparentemente extravagante, saltavam-nos todos os críticos de fôlego curto e letras rabudas que há nesta bem-aventurada terra de Portugal; e nós respeitamos sobremodo os ditos críticos; porque de mais ciência, tacto e agudeza não cremos que se achem em todo o mundo, sem exceptuar o reino de Pegu, a Polinésia e a Cafraria.

Em compensação das miudezas a que descemos e que eram indispensáveis para se completar pelo lado moral o retrato material que fizemos do indivíduo ultimamente chegado à tavolagem das Portas do Mar, passaremos de fugida pelo resto da sua história. Eleito vereador poucos anos depois de voltar a Celorico, não tardara a ocupar cargo mais importante, o de juiz de foro ou ordinário da sua terra. Então é que bendisse o talento e ciência que Deus repartira com ele e deu por bem empregadas as vigílias que dedicara a fazer a conversão do próprio nome. As palavras *Doctor-Mater-Gaiia-Dictus-Asinipes*, escritas em letra grande e garrafal no fundo de um pergaminho, davam às suas sentenças uma solenidade, um ar de mistério científico, um grandioso que infundia

santo e salutar temor na gente de Celorico, embora no trato ordinário, e sobretudo pelas costas, lhe chamassem o doutor Pataburro. Depois, para diversas cortes que sucessivamente foram celebradas, após as de Coimbra de 1384, no Porto, em Coimbra, em Braga e agora em Lisboa, o licenciado fora constantemente eleito procurador do município.

À força de repetidas viagens à capital, no ardente contacto das paixões políticas, Mem Bugalho mudara muito. Circunstâncias que fora tão longo como inútil narrar tinham estabelecido entre ele e D. Henrique Manuel, conde de Seia, certa intimidade, sincera da sua parte, calculada da parte deste. Nas mãos do conde, o honrado procurador era um instrumento que ele ia afeiçoando às suas miras na grande luta, ora oculta ora patente, do povo e dos conselheiros da Coroa com as classes privilegiadas, entre cujos chefes (segundo se depreende do pulverulento e vetustíssimo manuscrito de que nos aproveitámos para tecer esta verídica história) D. Henrique Manuel tinha um dos mais distintos lugares. Sem o sentir, Mem Bugalho estava outro homem. Chegara, enfim, a crer uma cousa que nunca sonhara, isto é, que os concelhos nas suas invectivas contra a nobreza e contra o clero podiam alguma vez não ter razão. Determinar os pontos em que esta circumstancia se dava, eis o que excedia a sua capacidade, apesar de ser, como vimos, tão descomunal. Deste modo não era raro achá-lo sucessivamente no mesmo dia, na mesma hora até, de duas opiniões diversas acerca dos negócios públicos, opiniões que, seja dito sem ofensa do carácter moral do ilustre decretalista, também vacilavam um pouco segundo a direcção que lhes imprimiam os particulares instintos e pretensões deste.

Resta-nos, por último, saber quais eram as causas por que Mem Bugalho se achava naquele lugar assim a desoras e em companhia de personagens tais e tão fidalgos, ele pobre vilão da Beira; porque no fim de contas o licenciado não passava de um vilão.

Exporemos essas causas nas mais breves palavras que soubermos.

Os artigos, agravamentos ou capítulos que os procuradores de cortes traziam às assembleias políticas da nação eram de duas espécies, gerais e particulares. Estes diziam respeito às necessidades, pretensões e queixumes de cada concelho; aqueles aos de todo o país. Uns, os especiais, eram determinados e escritos pelos magistrados municipais, e nesta parte o mister de procurador traduzia-se no de mensageiro; outros, os gerais, é evidente que deviam ser redigidos de comum acordo pelos representantes das cidades e vilas, aos quais neste ponto cumpria deixar um livre arbítrio maior ou menor. Mas era justamente essa parte da sua missão que importava mais directamente às classes privilegiadas: era nos artigos gerais que se agrediam os abusos da nobreza e do clero e que os delegados do povo combatiam com mais ardor os seus naturais inimigos. Ai, a grande voz do homem de trabalho fazia-se, muitas vezes sem ele o saber, intérprete dos desejos da Coroa, que parecia ceder às petições populares e que na realidade só cedia ao instinto do próprio interesse. Assim, os terríveis missionários do poder real, os juristas, deviam promover aquelas manifestações da má vontade dos pequenos contra os grandes, e estes últimos buscar amortecê-las ou anulá-las. O saber de antemão quais das seriam facilitava os meios de as combater, ou predispondo o ânimo do monarca, ou recorrendo-se a outro qualquer meio, dos muitos que costumam excogitar os temores, os ódios e as ambições políticas.

As cortes que se iam celebrar em Lisboa na época em que se passaram os sucessos contidos na presente narrativa começavam então— Os procuradores tinham chegado e faziam repetidas conferências, a algumas das quais, segundo se contava, assistira já o próprio chanceler. Por ditos soltos, que haviam escapado aos menos prudentes, difundiam-se notícias que inquietavam os chefes do bando aristocrático e que indicavam

não estarem os concelhos resolvidos a abandonar a situação vantajosa em que os acontecimentos dos últimos quatro anos os haviam colocado. Preparavam-se, portanto, os nobres também para a luta, e nos seus conventículos ideavam os meios a que recorreriam para embargar o curso à torrente.

Antes de tudo, importava conhecer exactamente qual era a substância das petições populares, e num desses conventículos o conde de Seia havia-se gabado de que obteria antecipadamente a revelação dos artigos gerais dos concelhos. Contava com a fragilidade de Mem Bugalho e com as seduções de que costumava valer-se para o embair. Era dificultoso o empenho, e os outros fidalgos tinham-se mostrado incrédulos. Excitado pelo amor-próprio, D. Henrique Manuel foi mais longe. Ofereceu-se a apostar uma soma avultada em como lhes faria ouvir da boca de um dos procuradores as revelações em que tanto interessavam, uma vez que quisessem executar o que ele lhes ordenasse. Foi aceita a aposta e a condição, e naquela noite decidia-se quem devia perder ou ganhar.

Os cavaleiros estavam a mira: apenas o honrado Asinipes entrou, ergueram-se a um tempo. A luz das lâmpadas batera de chapa no rosto cucurbitáceo do antigo magistrado de Celorico. O *brrruu* do riso mal comprimido sussurrou, posto que indistintamente, por cima do estrépito que faziam ao levantarem-se; mas o bom do procurador ficara demasiado perplexo por se achar de súbito em tão esplêndida companhia; mal podia reparar em que nos gestos se revelava um sorriso dúbio, que não chegara a romper em estrondosa gargalhada.

Os únicos que haviam conservado imperturbável seriedade eram o conde de Seia e os dois monges de Alcobaça.

– Ah, sois vós?! – exclamou D. Henrique Manuel, dirigindo-se ao sábio decretalista. – Ainda vos não esperava! Embora. São todos amigos nossos quantos vedes. Iam partir depois de uma frugal colação; mas folgam, por certo, de os haverdes colhido em flagrante. Favoreceu-os a fortuna, porque poderão conhecer de perto um dos mais eminentes letrados de Portugal. Não é isto, meus amigos? Não folgais assaz?

Todos, à excepção do das Galés, se inclinaram profundamente em sinal de completo assenso.

Mem Bugalho estacara: olhava alternativamente para o conde e para as duas fileiras de vultos variegados e brilhantes e desfazia-se em vénias e rapapés. Quis falar; mas só lhe ocorreu a fórmula então vulgar: «Mantenha-vos Deus, senhores!» As mãos, sobretudo, incomodavam-no. Não sabia o que fizesse das mãos. Levou-as a cabeça para se coçar: viu que não iam para ali bem. Pôs-se a dar piparotes na gola do gibão; mas o gibão não tinha pó. Desceu com elas para a barriga, mas a barriga, posto que de respeitável prominência, não ameaçava desabar. Sentia que também aí eram inúteis. Achou, enfim, um mister em que as empregar. Deu alguns passos para diante e deitou-as ao braço do conde, levando-o agarrado para o ângulo oposto do aposento e dizendo-lhe em voz baixa:

– Mas respondestes-me que, para estarmos sós, era necessário vir esta noite à tavolagem das Portas do Mar, e acho-me...

D. Henrique Manuel interrompeu-o no mesmo tom:

– É verdade! E que remédio, se o diabo meteu na cabeça a estes estafermos cearem aqui? Não podia, nem tinha direito a despedi-los. São, como vedes, as mais nobres lanças de Portugal. Mas se o negócio é urgente!...

– Trago os artigos – replicou Pataburro, abaixando ainda mais a voz.

– Os artigos? Quais artigos?

– Os artigos de cortes.

– Agora, agora! Mas que tenho eu...?

– Pois não me pedistes com multiplicadas instâncias e com promessa de inviolável segredo que, apenas resolvidos, vo-los mostrasse?

– Ai meus pecados! Perdoai, doutor! Esta minha cabeça! esta minha cabeça! Não me recordava de tal. Também era simples curiosidade!

– Curiosidade, ou interesse – interrompeu o procurador de Celorico, que não era absolutamente parvo – cumpro a minha palavra.

– Bem! – replicou D. Henrique. – Deixaremos sair a turba e vê-los-emos. Todavia, cuidei ser negócio vosso, objecto para mim de maior monta...

O doutor Pataburro tomou o ar de misteriosa gravidade.

– Este não é de pouca. Os procuradores estão bravos; muito bravos...

– Arreda, Castela! – replicou D. Henrique Manuel, com um riso que bem se conhecia não vir da alma. – Nós os amansaremos. Agora trata-se de outra cousa. Aqueles cavaleiros vê-se que nos esperam. Vamos assentar-nos.

– Mas eu não sou da parçaria – disse o procurador, encolhido e forcejando por soltar o braço da mão do conde, que o obrigava agora a retroceder pata a mesa, donde ele o afastara.

– Uma pessoa como vós é sempre desejada e bem-vinda em toda a parte em que houver espíritos grandes e que saibam quanto valeis.

Dizendo isto, D. Henrique tinha literalmente arrastado Mem Bugalho até junto da mesa. Os fidalgos, que se haviam assentado e cochichavam rindo, calaram-se.

– O doutor Mem Bugalho anui às rogativas que lhe fiz de ser nosso convidado.

– Viva o doutor Bugalho! – exclamaram os fidalgos.

Um lugar para o doutor Bugalho... onde há i lugar para o doutor Bugalho?

– Aqui, aqui! – bradou o marechal.

– Vinde, doutor, vinde – insistia o conde, levando após si o decretalista, a quem tanta lhaneza animara, e que dizia lá consigo:

«E teimam aqueles diabos que os fidalgos são inimigos do povo! Queria que vissem isto! Ah, senhores procuradores, senhores procuradores, sois demasiado injustos! Ainda que cuide de vender os meus torrões em Celorico e de sacudir na portagem o pó dos meus sapatos, não assinarei os capítulos. O meu voto é livre, livre e desapaixonado. Digo que não quero. Que me importa o chanceler? Nada.»

E na força deste acto mental de fervor contra as injustas preocupações dos seus colegas, Mem Bugalho chegou ao topo inferior da vasta mesa de castanho. O conde largou-lhe a mão; mas o licenciado começava a entrar em si. Tomou resolutamente pela esquerda, dirigindo-se ao lugar que lhe fora oferecido – Os cavaleiros enfileirados daquele lado ergueram-se e, arredando os tamborettes, voltaram-se com toda a gravidade. No momento em que passava por diante de cada um deles, o digno procurador de Celorico virava-se, desbarretava-se, curvava-se, tornava a virar-se, a endireitar-se, a cobrir-se, para de novo se revirar, desbarretar-se e curvar-se. Achara todo o seu elastério ante aquela renque de vultos esplêndidos, multicores, ridentes, que também o saudavam. Apenas o viu ao pé de si, o marechal, segurando-o pelo braço, fê-lo assentar com doce violência. Como um mar que se achana depois do frémito da procela e do banzar das vagas, o alto rumor da tavolagem asserenou gradualmente até cair em calma silenciosa.

Seguindo o exemplo do conde de Sei a, os cavaleiros pegaram a um tempo nas taças:

– À saúde – exclamou D. Henrique, levantando alto a sua copa cheia a trasbordar – ; à saúde do sabedor que não vai buscar na ciência das leis armas para combater a nobreza de Portugal: à saúde daquele que por ódios ruins e vilãos não quebra os laços da boa amizade! Honremos o homem que, procurador do povo, tem o ânimo desafogado

de tristes rancores e não duvida assentar-se entre nós, como irmão, como igual nosso que é, porque a sabedoria e o lustre que dela vem à pátria comum o enobreceram e ilustraram.

E levando a taça aos beiços, repetiu:

– À saúde do doutor Mem Bugalho.

– À saúde do doutor Mem Bugalho – ecoou a chusma dos fidalgos.

E as amplas copas, empinadas vagarosamente, ficaram por alguns instantes assestadas para a grande lâmpada pendente do fecho da abóbada.

O licenciado ergueu-se. Estava comovido; e a comoção puxava-lhe as lágrimas aos olhos, ao passo que o desejo de se mostrar senhor de si lhe impelia o sorriso às faces. Naquela contradição de inflexões, o seu rosto espaçoso, vermelho, curvilíneo, daria à risada mais doida, mais garganteada, mais inextinguível, um título indisputável de legitimidade.

As ideias e os afectos emaranhados, tumultuosos, não lhe inspiravam uma única frase. Contentou-se com pôr a mão sobre o peito, curvando-se até onde lho consentia a borda da grande mesa da tavolagem.

Depois, pegou na taça e, fazendo razão à saúde, começou lentamente a despejá-la.

Entretanto Álvaro Gonçalves Camelo, prior de S. João e marechal da hoste, isto é, chefe militar imediato ao Condestável, como o Condestável o era ao rei, sopesando um pesado talhadouro de cabo esmaltado ou de obra de Limoges, ia retalhando a magnífica peça de assado que fumegava: os pratéis reluzentes passavam de mão em mão, e as conversações interrompidas recomeçavam já entre dois, entre quatro, entre seis; acaloravam-se, esmoreciam, limitavam-se, expandiam-se, generalizavam-se, bem como as chispas numa tela queimada da qual o fogo tornou a apoderar-se, que correm trémulas, incertas, fugitivas, separando-se, unindo-se, serpeando, alastrando-se, até a retingirem toda da sua cor abraçada.

No meio daquele sussurro, dois escudeiros mancebos, lançando de relance a vista ao digno procurador de Celorico, murmuraram ao mesmo tempo um para o outro:

– Não vês? Não vês?

E, abaixando as cabeças, riam de socapa a bom rir.

– Ih! – fungou um terceiro, que, ouvindo aquilo, olhara também.

O conde de Seia, que estava ao pé deles, voltou-se com semblante severo para os três estouvados.

Mas o rir mal supresso grunhia de todas as partes.

O conde, olhando então para o topo da mesa, deu de rosto com o licenciado e custou-lhe igualmente a conter-se. Que alma chorona poderia, de feito, ficar impassível ao contemplar o gesto do pobre Asinipes?

Estava em pé ainda, com a cabeça enterrada de todo entre os ombros; os olhos esbugalhados revolviam-se-lhe nas órbitas; com a boca escancarada, aspirava ansiosamente, quase sufocado, o ar que lhe pipitava nos brônquios; o vinho jorrava-lhe pelos narizes, e a sua tez cor de rábano requintara na de beterraba roxa.

Perturbado, ao corresponder à saúde dos fidalgos, dera-lhe o vinho no goto. Estava engasgado.

D. Henrique Manuel viu o perigo; uma gargalhada que destruísse o encanto do decretalista fazia-lhe perder a ele uma soma avultada, ao passo que feria todas as conveniências políticas. Era necessário conter aquela imprudente hilaridade.

– Sabeis o que corre, senhores? – perguntou em voz alta.

Voltaram-se todos.

– João das Regras está enfermo, muito enfermo.

Fora a primeira mentira que lhe lembrara.

– Muito enfermo o chanceler! – exclamou a turba admirada.

– Perdoai, conde – disse o mestre de *Christus*. – Ainda esta manhã vi o velho raposo no paço.

– Também eu!

– E eu.

– E eu.

Pois ouvi-o de mais de uma boca esta tarde... – balbuciou o conde.

– História! – interrompeu Fernando Afonso.

– Esta tarde o vi eu à porta de Martim Docém. Vinha da Sé e voltava ao Arco do Caranguejo. Por sinal que o maldito ia mesmo com uma cara! Cara de pecado.

– Então, enganaram-me – replicou D. Henrique.

– Trocais-me as alegrias em tristezas.

Mentia. Estava a rir-se lá por dentro; porque tinha obtido distrair a atenção geral do pobre Mater-Galla, que começava a desembuchar, e cujo rosto ia voltando à cor nativa de rábano.

– Não; de doença não morre ele – prosseguiu o camareiro-menor. – Só se for a tiro daqueles trons infernais que os Castelhanos trouxeram a Aljubarrota, ou então, se lhe cair em cima a sorte do que rezam os astros.

– Os astros!?! – perguntou D. Henrique. – Que quer dizer isso?

– Não vos contei ainda de uma profecia que há tempos me fez mestre Guedelha, o físico judeu?

Nunca vos ouvi tal!

– Referir-vo-la-ei, pois, agora. Examinando os aspectos dos planetas, mestre Guedelha leu neles sinais infalíveis que anunciavam a morte próxima de uma pessoa notável. Até aqui nada há estranho; mas o que é monstruoso e horrível é o modo!. – Não imaginais qual... Se a sorte caísse naquele velho malvado!...

– Mas o modo? o modo?! – interromperam várias vozes, porque a reputação de vidente do, depois tão célebre, astrólogo de el-rei D. Duarte já era assaz ruidosa para excitar viva curiosidade.

– O infeliz morrerá amarrado a um poste, na Praça de Valverde, queimado pela mão do algoz.

– Santo breve! – clamaram muitos com o acento irónico da incredulidade. – O astrólogo é descaroável!

– Caso singular! – acudiu com gesto pensativo o senhor de Resende. – Mestre Zacuto do Porto fez-me o ano passado a mesma profecia. O físico Guedelha não vos disse mais nada?

– Nada.

– Pois mestre Zacuto asseverou-me que, em conjunção com os sinais que indicavam esse terrível sucesso, se viam no céu um hábito de monge, uma garnacha de doutor e uma opa de rei, e três vezes escrita a palavra *Joane*.

– Quereis que vos interprete o prognóstico?

– perguntou a rir Fernando Afonso.

– Venha a interpretação! – foi o brado geral.

– Quer dizer que el-rei há-de fazer queimar a ossada podre e bolorenta do chanceler por conselho do escrivão da puridade. Três vestiduras: de frade, de doutor e de rei; três Joanes: Fr. João Martins, mestre João das Regras, D. João I. Será ou não será?

Estrondosos aplausos vitoriaram a feliz inspiração do áugur extemporâneo.

– Prouvera a Deus, Fernando – disse Gonçalo Vasques Coutinho –, que o teu prognóstico se verificasse!... Mas por que motivo há-de el-rei atirar a uma fogueira

aquele velhaco? Tem-no servido bem. Contra nós é que ele desafoga a sua maldade, o vilão ruim!

– Quem sabe? Os decretos da Providência são inescrutáveis! – interrompeu o digno prelado de Alcobaça, num tom que fora difícil determinar se era místico se irónico. – As afeições dos reis parecem-se com as grimpas dos campanários no Inverno. Raras vezes viram só por metade. Depois da nortada o sul: depois do vendaval a nortada. O sorriso e a sentença de morte não se repelem quando se topam nos lábios dos príncipes. Tem-se visto tantas vezes perpassar!

Proferindo estas palavras, fitou o olhar de gerifalte no camareiro-menor.

– Que Deus vos ouvisse, dom abade! – exclamou o prior de S. João. – Nesse dia estávamos salvos.

– Salvos? – acudiu Gonçalo Vasques. – Como assim? Não rezam todos os do conselho pelo mesmo breviário?

– E porque seria um deles o sucessor do bendito chanceler? – observou o conde de Seia, o qual no jeito que levava a conversação achara ensejo de lisonjear indirectamente a sua vítima. – Não saem do estudo que el-rei D. Fernando trouxe de Coimbra para Lisboa doutores em leis e em decretais?

A tormenta em que se debatera o glorioso pimpolho da viçosa Celorico tinha asserenado. A glote do honrado procurador voltara ao seu estado normal. O licenciado fitou a orelha ao ouvir a patriótica reflexão do seu ilustre amigo.

– Sim há – replicou Gonçalo Vasques. – Mas falai a el-rei em qualquer que não seja dos de Itália. São os seus homens...

– Dizei antes que são os homens de João das Regras. Tirai-o afora, e a seita cairá em pedaços.

– Duvido!

– Não duvideis. Só aquele embaidor soube igualar e, talvez, exceder o Condestável na privança do Mestre de Avis. Se morresse, credes que Nun'Álvares e nós com ele não teríamos influência bastante para pôr ao lado de el-rei um chanceler afeiçoado à nobreza e para arredar pouco a pouco esse bando de harpias que, empoleiradas nos degraus do trono, não cessam de dar bicadas em nossos privilégios e liberdades?

– Vamos lá! – redarguiu o prior. – Suponde que o vento da morte varreu o pestífero hipócrita da face da terra. Quem escolheríeis para seu sucessor?

– Ninguém determinadamente – respondeu D. Henrique, fitando os olhos no procurador. – Mas que não seja um desses echacorvos roazes de Bolonha, de Pádua ou Pisa. Seja um discípulo dos Sanches ou dos Albernazes: um homem que não despreze as leis dos nossos maiores, os bons usos da sua terra, o direito claro e simples do velho Portugal, para nos enredam não sei em que subtilezas estranhas, que só os tais doutores de Itália entendem. Seja qualquer, menos um dos doutores de Itália!.. Doutores! – prosseguiu ele com gesto de profundo desprezo. – Perguntai-lhes o que anuncia o aspecto dos astros; interrogai-os sobre os mistérios da alquimia, com que se transformam as pedras em metais; falai-lhes dos preceitos mais triviais da cetraria ou da montaria, das nobres artes de justas e torneios, de solaus e rimances, de padrões e linhagens! Ignoram tudo; tudo quanto é útil, difícil e belo na ciência humana. Contentam-se com a geringonça não sei de que leis pagãs, com que pretendem governar cristãos. É ou não é isto verdade?

– Tendes razão, tendes razão! – exclamou a turba.

– Eis aí porque eu quero um chanceler português de alma; um chanceler alumiado, que saiba respeitar a justiça e o direito antigo, e não um dos garnachas italianos.

– Abaixo os italianos!

– Dor de reira consuma o Regras, o ignorante, o hipócrita!
 – Ou levadigas de peste, de peste que o mate!
 – E os outros? O que dizeis dos outros?
 – O Gomide, por exemplo; o escrivão da câmara?
 – E o da puridade; aquele beato de Fr. João?
 – Oh lá, esse tem a alma negra como o hábito. Não fora ele bento! Ema melhor que o reverendo se metesse em Pombeiro a governar os seus frades...
 – Deixa ver se ele faz assar o das Regras.
 – Ah, ah, ah!
 – Então, esquecem-se do chanceler-mor, do Fogaça, porque está em Inglaterra?
 – Nada: o Fogaça nada, que é fidalgo-cavaleiro e dos nossos.
 – Não é, não é!
 – Sim senhor; é!
 – Nada, não: o Fogaça não!
 – E o corregedor da Corte, o santarrão de Gil Eanes?
 – Falai-me nesse! A terra com ele!
 – Todos, todos os garnachas negras! A terra os garnachas!
 – E Pisa e Bolonha? Arrasadas sejam Pisa e Bolonha!
 – Amen Jesus! – rosnava Lourenço Brás, que chegara por aquela parte com o pichel na mão para encher as taças e que ouvira o nome de Gil Eanes, com quem tinha antiga teiró.

Falavam, gritavam, bracejavam, riam, enfureciam-se. O que se passava na tavolagem das Portas do Mar era a repetição de cenas anteriores, representadas em mais numerosas reuniões de fidalgos, donde estes safam asseverando que trabalhavam em derribar João das Regras, o terrível valido, que tanto detestavam.

E João das Regras sabia-o, calava-se, abaixava humildemente a cabeça e, quando via ocasião oportuna, destruía-lhes um privilégio, promulgava uma lei que os ferisse, lançava-lhes às pernas os molossos populares.

Era um santo e pacato tomem aquele João das Regras!

Mas, digamos a verdade inteira: tão bom homem como o licenciado Asinipes, lá isso não era.

De orelha fita, o doutor Bugalho tinha escutado aquela conversação, a que suprimimos as pausas e entremeios, produzidos pela masticação, deglutição e haustos conviviais. Vinham assaz transparentes as alusões à sua respeitável pessoa, e uma voz íntima dizia-lhe: <(Não te fazem favor nenhum!)> Era o testemunho da própria consciência. Infelizmente, isto de consciência, se fosse entidade de músculos e ossos, iria muitas vezes dar com eles nas galés ou em África por testemunha falsa. As cócegas de ambição insensata e impossível em que se espreguiçava a sua alma não tem expressão condigna na linguagem dos homens. Tão enlevado estava nessas delicias, que se transportou mentalmente à quadra superior da Torre da Escrivaninha, onde algumas vezes entrara mais tímido e acanhado ainda que na tavolagem do besteiro. Repotreadava-se na poltrona de João das Regras; dava ordens aos escribas, assinava mercês, aconselhava el-rei, citava textos das decretais, ralhava, governava enfim. Governar Lisboa, o reino inteiro, ele, juiz de foro de Celorico; ele, a cujo talento e ciência o mundo ainda não fizera justiça! Ema uma ideia suavíssima, bem-aventurada. Mas o vulto severo do chanceler interino (e todavia mais efectivo que o chanceler-mor Lourenço Anes Fogaça), robusto, sadio, noivo nesse mesmo ano, apesar dos seus sessenta bem medidos, começava de novo a coagular-se-lhe na imaginativa, donde momentaneamente se desvanecera, e em breve lhe converteria os dourados sonhos em água chilra, se antes disso a matinada diabólica do *tutti* final dos fidalgos, nas suas imprecações contra os

barbas grisalhas do conselho de el-rei não o houvesse revocado à realidade da situação, fazendo-o cair de alturas onde um momento revoara nas asas extáticas da esperança.

As copas ou taças giravam de novo. O pichel do besteiro, provido e esgotado três ou quatro vezes, alimentava o bom humor, e o restrugir das risadas sobrelevava de quando em quando por cima da algazarra, em que todos falavam e ninguém se entendia. O grave prior de S. João, o conde de Seia e o abade de Alcobaça eram os únicos que pareciam preocupados e que mediam pelas suas forças digestivas o número das libações, enquanto Fm. Vasco se abstinha de tocar na taça, inutilmente cheia diante dele, como se abstinera de entrar em conversação com alguém. O prior-marechal, que parecia interessado em fazer ganhar a aposta a D. Henrique Manuel, olhava repetidas vezes para de, interrogando-o com um meneio de cabeça, e a cada aceno de D. Henrique fazia sinal a Lourenço Brás para que enchesse a malga do procurador, cujo raio visual ia começando a representar-lhe na alma dois vultos por cada circunstante. Pataburro sentia-se verdadeiramente feliz. Estava capaz de abraçar Belzebu, se ali lhe aparecesse, e até de mostrar boa cara a seu compadre João Boroa, mordomo de Celorico, com quem tivera uma demanda de cinco anos, antes de ser juiz ordinário, sobre as horas de água que tocavam a cada um para a rega de dois campos limítrofes.

As disputas, os motejos, o comer e sobretudo o beber prolongaram-se por mais de uma hora. D. João de Ornelas distinguia-se entre os mais pela sua jovialidade, e ninguém diria que esse monge flório, vermelho, folgazão, era o terror dos desgraçados moradores dos coutos de Alcobaça. Pelo contrário, o seu companheiro jamais saía daquela espécie de insensibilidade que mostrara desde o princípio. Lisboa repousava profundamente, e só do edifício mourisco das Portas do Mar transpirava um ruído duvidoso de orgia, que, sussurrando ténue a alguma distância, se escoava pelos estreitos becos da judiaria mais próximos da catedral e fazia durante alguns momentos pôr à escuta a molda estremunhada dos homens de armas do alcaide-mor, que passavam cabeceando ao longo da vizinha muralha.

XII

VILÃOS NÓS: RUINS VÓS!

Dizem alguns fidalgos que elles nom conhecem outro rrey em ssua terra ssenon a ssii.

CORTES DE LISBOA DE 1456, Cap. 9.

As ágeis mãos do roliço besteiro tinham, enfim, feito desaparecer de cima da mesa os restos da mais sóbria que abstinência colação nocturna.

Depois, entre o correr e tombar dos dados o ouro rolara profusamente. Aproximava-se o quarto de alva, e ainda três vultos agrupados junto à cabeceira da tábola disputavam o favor do acaso, que parecia teimoso em proteger um deles exclusivamente.

Eram o conde de Seia, o prior do Hospital ou de S. João e o licenciado Asinipes, e este o mimoso da fortuna.

Os outros jogadores haviam-se enfim alevantado pouco a pouco, e de pé e em circulo, para o lado oposto do vasto aposento, pareciam entregues a disputa desordenada e violenta.

A turbação dos ânimos causada, senão pela embriaguez, ao menos pelo quase delírio que a semelha e precede, não fizera esquecer aos useiros e vezeiros da tavolagem o númen a quem esse lugar era especialmente consagrado, númen a cujo culto, fatal para tantos, apenas punham frágil barreira as severas cominações das leis do reino contra um dos vícios mais radicados naquela época. Assim, a maior parte da noite passara na luta ardente de jogo desenfreado.

Esses montes de ouro e prata que haviam mais de uma vez mudado de dono, conforme os caprichos da sorte e no meio das facécias e pragas, das contestações violentas e até das injúrias e ameaças, fazendo subir do coração às faces rubras, aos olhos irritados e aos lábios trémulos o lodo das paixões hediondas que lá dormitavam, eram o fruto de uma alquimia mais verdadeira do que essoutra que naqueles tempos se acreditava ser apanágio dos adeptos da ciência hermética. Eram os vis reais, pojeias e mealhas do povo, condensados e transmudados nos metais preciosos de boa e nobre moeda, que rolavam na grande mesa de castanho, agora convertida em mesa de jogo ou tábola.

Dissemos os vis reais, pojeias e mealhas do povo. De feito, no decurso de dois para três séculos uma grande revolução se operara no sistema da fazenda pública de Portugal. Em virtude dessa revolução, enquanto o rei e os conselhos, empobrecidos pelos males da guerra, se debatiam na miséria, as classes privilegiadas achavam ainda recursos para a devassidão e para o luxo, sem empenharem inteiramente nas mãos dos judeus as rendas das suas honras e solares.

O Estado, que, nos primeiros tempos da monarquia, copiara na sua organização económica o modelo que lhe oferecia a família; isto é, que vivera do produto das suas propriedades, dos frutos das terras chamadas então regalengas e das rendas e foragens a troco das quais cedera os terrenos onde não só se fundavam grandes povoações, mas também se estabeleciam os herdamentos, as aldeias, e até as pequenas arroteias, desbaratara gradualmente este rico património. Os reis tinham ido distribuindo essas granjearias, destinadas a alimentar a vida colectiva da sociedade, pelos seus ricos-

homens, pelos seus infanções e pelos seus validos; pelos seus bispos, pelas suas catedrais e pelos seus mosteiros. D. Fernando, cujo carácter foi um misto singular de grande príncipe e de grande mentecapto, esgotara os derradeiros estilicídios que manavam das antigas fontes do rendimento público, e a nobreza respigara até o último grão o que restava da recolhida seara. O Estado continuava, todavia, a achar com que suprir as suas necessidades, porque, ao passo que as primitivas contribuições, sem deixarem de subsistir para os contribuintes, cessavam para os cofres públicos, os célebres *pedidos* de cortes iam lentamente habituando o rebanho popular a uma dupla tosquia, tratamento que, seja dito de passagem, os alveitares políticos sempre acharam altamente higiénico e salutar.

O sistema das contribuições gerais, que se estabeleceu e caracterizou definitivamente nas sisas de D. João I, recebeu depois, nos séculos que mediam até nós, o seu inteiro desenvolvimento, enquanto as rendas, ou tributos locais, convertidos em património nobiliário, apesar dos mais solenes e repetidos protestos feitos em cortes contra essa espoliação flagrante, continuaram a ficar enraizados no solo português com uma vida admiravelmente tenaz. Veio, enfim, neste nosso tempo, um príncipe que, convertendo em charrua a sua espada de soldado, arrancou pela raiz esse esterilizador escalracho. Quando, porém, viram morto o terrível lavrador; quando estiveram bem certos de que os seus restos eram cinza que nenhum sopro de vida reanimaria jamais, agarraram todos os tronquinhos dispersos da planta maldita, espalharam-nos de novo pelos campos da pátria, apiedaram-nos, regaram-nos, cofiaram-nos e, qualificando de revolucionário o grande acto de justiça nacional, a lavagem que o herói fizera no estábulo de Augias, apelidaram-no de salteador. Faltou atirarem-lhe as cinzas ao mar. Depois alevantou-se a ignorância jurisperita, o molinismo político, a erudição bastarda e disseram ao povo: «O escalracho incomoda-te? Bom remédio. Arranca-o. Mas paga primeiro a faculdade de o arrancar. É uma bagatela: apenas pouco mais de três quartos do valor dessa terra, que regas com o teu suor e que libertaste com o teu sangue.» E os agricultores lá vão vendendo a camisa para poderem livrar-se da planta daninha. Abençoados sejam eles e os que souberam conhecer-lhes a índole para a explorar!

Era, pois, o produto dos terradegos, chavadegos e maninhadegos, das osas, gaiosas e ltuosas, das eiras, angueiras, perangueiras, carreiras e fossadeiras e dos mais foros, direituras e costumagens em adegos, em osas, em eiras e em todas as terminações possíveis de rapina legal e tradicional que se jogava na tavolagem das Portas do Mar. Aquele atractivo divertimento fizera voar as horas. De quando em quando, a voz estridente do galo anunciava a proximidade do dia, bem como a indicava o amortecer das lâmpadas que alumiam a vasta quadra.

Segundo dissemos, o prior-marechal, o conde de Seia e o procurador de Celorico, atentos aos pontos que marcavam os pequenos cubos de marfim, pareciam esquecidos de tudo o que os rodeava.

Não era assim: D. Henrique preparava o golpe que lhe havia dar a glória de vencedor na aposta que fizera, e ao mesmo tempo as vantagens mais positivas de ganhar uma avultada soma e de conhecer definitivamente as odiosas pretensões populares.

De acordo com o prior de S. João, o conde seguira o método inverso dos jogadores professos. Ambos eles o eram: sabiam a tempo repelir a fortuna ou até-la ao seu carro triunfal. Fazendo vacilar a sorte a princípio, começaram a ceder a vitória quando viram o licenciado assaz engolfado no jogo para que o seu coração se dilatasse no delicioso enlevo de ilimitada felicidade. De oitos fitos nas boas dobras que os dados, pintando a flux, iam passando para diante dele, o honrado burguês nem sequer ouvia o ruído das falas que soava do lado oposto do aposento.

E, todavia, o objecto da conversação era assaz importante!

D. João de Ornelas tinha provado naquela noite ao seu silencioso companheiro, que, assentado a um canto, parecia entregue a uma habitual sonolência, quão útil aliado era para obterem os fins que ambos se propunham. Como o destro capinha, que, sem acometer de frente o bravo novillo, falseando-lhe as arremetidas, o fere de soslaio, e, obrigando-o a inúteis esforços, o cansa, irrita e desespera, até o fazer cair exausto e vencido pelo próprio furor, assim o diabólico frade, excitando os ânimos, ora com a contradição indirecta, ora com ironias pungentes, ora com capciosos conselhos envoltos em reflexões austeras, levava os cavaleiros menos prudentes e sobretudo o homem que ele jurara perder, o jovem valido do rei, a manifestarem intentos e esperanças que, habilmente interpretados, se poderiam tachar, não só de violência, mas até de deslealdade. Fernando Afonso não se contentara de invectivar contra os ministros de D. João I: aprovara os queixumes dos fidalgos contra o próprio monarca e a resolução que muitos manifestavam sem reboço de se recusarem a servir na guerra, se os resultados das próximas cortes fossem novas quebras de seus privilégios. Mais de um exemplo anterior autorizava a crer que nesta ameaçada recusa se continha a ideia de irem pôr as suas lanças ao serviço de D. Beatriz de Castela.

Foi então que, a um aceno do conde de Seia, o prior de S. João, observando que era alta noite e que ninguém mais se via ao redor da tábola, propôs que terminassem o jogo, e, com mágoa do tão feliz procurador, se levantou para ir reunir-se ao grupo que altercava na oposta extremidade da quadra.

A sós com o licenciado, D. Henrique começou a falar em voz baixa. Depois de entreter a sua vitima com vários objectos insignificantes, conduziu a conversação de modo que veio a tocar na circunstância que fizera com que o muito honrado doutor Mem Bugalho se achasse de um modo inopinado naquele lugar, aquelas horas e em tão estranha companhia. Lamentava-se de que as cousas tivessem corrido de modo que lhe não fosse lícito aproveitar-se das provas de confiança que ele lhe dera, querendo comunicar-lhe os capítulos populares, acerca dos quais tantos boatos contraditórios se espalhavam: acusava-se de não ter reflectido em que podia encontrar na tavolagem aqueles estafermos nem na possibilidade de eles se demorarem ali quase até a madrugada: sentia ter ajustado com o marechal partirem ao romper da manhã para uma caçada nas terras da Flor da Rosa, onde se deviam demorar uma ou duas semanas: deplorava a impossibilidade em que se via de ouvir aquela leitura, a qual, a confessar a verdade inteira, posto que o fizesse com o sacrifício de nobre e legítimo orgulho, não lhe era de todo indiferente; mas que não ousaria exigir dele que cumprisse diante de tantos cavaleiros, a muitos dos quais tratava pela primeira vez, a promessa que lhe fizera, posto que ele conde de Seia pudesse responder, como pela sua própria, pela lealdade e circunspecção de todos e de cada um em particular: protestava, finalmente, que guardaria em perpétua lembrança o novo testemunho que recebera da mais pura e generosa amizade.

As palavras do conde haviam sido tão insinuantes e lisonjeiras, o ouro que o illustre Mater-Galla tinha ante si molificara tanto o seu coração naturalmente bondoso, e, semelhante ao espinho do remorso na consciência do criminoso, a ideia de poder algum dia ser elevado ao cargo de chanceler por influência da nobreza era tão viva e perene na sua alma, que, depois de cismar alguns momentos, exclamou, como arrastado por inspiração irresistível:

– E porque não os ouvireis agora? Quisera que dependesse de mim cousa de maior preço para vós e em geral para a fidalguia...

Ah, Mater-Galla, Mater-Galla! O demónio da ambição tinha-te catrafilado! Despenhavas-te no abismo!

– Perdestes a vossa aposta – disse o prior, que entrara na roda dos que altercavam;

o prior que, ouvido numa parte, ouvido noutra, percebera a exclamação do burguês.

Estas palavras dirigiam-se ao mestre de *Christus*, ao senhor de Resende e a Gonçalo Vasques, que eram os da aposta com o conde de Seia.

– Como assim? – replicou D. Lopo Dias.

– É quase madrugada; vamos partir, e o vilão ainda não disse uma palavra. Foi o conde quem perdeu.

– Mas escutai – atalhou o marechal.

Todos fizeram silêncio.

– Eu sei!? – dizia o conde ao seu interlocutor.

Seria talvez imprudência...

– Quando vós afirmais que respondeis pela lealdade de todos estes cavaleiros, posso depositar neles ilimitada confiança.

– Na verdade passaríeis a meta das minhas esperanças...

– Basta! Eis aqui os artigos!

E desabotoando a abertura do gibão, tirou resolutamente um rolo atado com um cordão tecido de cores e começou a desdar o nó.

O grupo dos fidalgos tinha-se insensivelmente aproximado.

– Amigos – disse D. Henrique dirigindo-se à turba, antes que o burguês se arrependesse –, quereis escutar um momento? Ouvireis alguma cousa que há-de interessar-vos.

– O quê? o quê? – perguntaram várias vozes.

– Os artigos de cortes por parte do povo.

– Ah!

A interjeição, que fugira ao mesmo tempo de todos os lados, era inclassificável; misto confuso de escárnio, de admiração, de malevolência e de curiosidade.

Mem Bugalho não gostou daquele ah.

– Senhores – balbuciou ele –, era uma promessa feita há muito.. – Só hoje posso cumprir a minha palavra. Nada arrisco em desempenhá-la na vossa presença. Sois nobres, sois honrados: não podeis trair-me.

– Oh, oh!

Esta nova interjeição ainda azoinou mais o procurador de Celorico; porque lhe pareceu mais inclassificável que a primeira.

Era, porém, tarde para recuar.

Os cavaleiros tinham-se acercado ao redor da mesa. Pataburro desenrolou o pergaminho. Era uma tira longa e estreita, escrita em cursivo miúdo e esguio. A luz das lâmpadas, mortiça já, alumiaava frouxamente o rosto vermelho e amplo do decretalista, que, de pé, com a esquerda firmada na borda da mesa, e elevando o pergaminho a certa distância, inclinou pata trás a cabeça. A leitura ia começar.

O que é verdade é que, apesar dos *ahs* e dos *ohs*, ouvia-se o cicio do respirar mal comprimido, porque a atenção geral pendia inquieta dos lábios do doutor Asinipes.

A trovoada dos artigos era formidável!

Não estafaremos o leitor transcrevendo na íntegra os intermináveis quíries de uma ladainha de agravos municipais dos fins do século XIV. Esses monumentos de grandes opressões e de longas e tenazes resistências; esses brados enérgicos da cólera dos oprimidos, que, semelhantes a Sansão, derrocaram enfim a tirania do privilégio, sepultando nas mesmas ruínas as liberdades populares; esses monumentos, lá os achará aquele que desejar contemplá-los na sua rudeza nativa sumidos, talvez, no fundo da arca mais carunchosa do seu próprio município.

Os agravos acerca dos quais os conceitos exigiam providências eram vários e complexos, e a exposição deles vinha redigida no estilo sorna e estafado que então

parecia sublime de singela eloquência. A primeira pretensão dos homens-bons, no que respeitava à nobreza, consistia na extinção das coutadas, negócio grave numa época em que o exercício da caça, tanto de montaria como de altanaria, era tido na conta de uma das mais dignas ocupações de qualquer fidalgo; em que o próprio Mestre de Avis consagrava parte das horas que lhe deixavam os cuidados da guerra e da política a escrever um tratado de cetraria, ou da arte de caçar com açores, falcões e gerifaltes; em que, finalmente, os monumentos nos representam os barões e damas de alta linhagem trazendo como distintivo uma ave de rapina empoleirada sobre o punho, distintivo, de feito, assaz significativo e epigramático. A vilanagem, porém, que não compreendia a idealidade que havia em ver os seus campos e bouças arrasados pelas lebres, veados e javalis, com sem-cerimónia blasfema pedia também para si o direito de enviar alguns tiros de besta a hóspedes tão incómodos como frequentes. Não satisfeitos com isso, queixavam-se amargamente dos alcaides-mores dos castelos, que, recebendo soldos da Coroa para pagarem a homens de armas que guardassem as boas fortalezas de el-rei, entendiam, e entendiam bem, que era melhor comer ou jogar os subsídios que recebiam e constranger os moradores dos concelhos a suportarem gratuitamente esse encargo. Ousavam também os impertinentes burgueses lançar em rosto a famílias tão ilustres e antigas como Noé ou Matusalém, se não mais, outra miséria, tal, que estivemos por um és-não-és a omiti-la. Queixavam-se dos senhores que, rodeados dos seus vassallos e clientes, costumavam residir nas terras a eles sujeitas e que, para evitarem os tédios da triste vida provinciana, consumiam em lautos banquetes, às vezes num mês, as subsistências de um ano, esquecendo-se de pagá-las, queixa absurda, visto que eles por serem nobres não eram exemplos das debilidades da retentiva humana; e se por aí violavam donzelas e viúvas, segundo os artigos rezavam, menos por fartar paixões más o faziam, que por benevolência para com essa raça achavascada, meio mourisca, meio servil, de labregos desagradecidos. Abusando das largas que lhe dera a revolução de 1384, a arraia-miúda engrimponava-se a ponto de lançar em rosto ao seu querido rei bastardo o haver mais de uma vez, em hostes e cavalgadas contra os cismáticos de Castela, confiado as bandeiras dos concelhos a escudeiros fidalgos, em quebra do antigo foro e uso de as levarem aos combates alguns dos próprios burgueses. Não paravam aqui as sandices populares. Representantes do supremo poder nos distritos cujos senhorios eram, os fidalgos exerciam pelos seus corregedores e ouvidores a alta magistratura judicial. Em consequência, as demandas eram intentadas, pelos que nisso interessavam, na instância superior, e os juizes ordinários ou de foro ficavam às moscas, enquanto os litigantes eram arrastados de terra em terra ao tribunal ambulante do senhor e reduzidos à mendicidade pelos gastos da demanda e das forçadas viagens. Assim, pediam que, em tudo o que fosse possível, girassem os litígios dentro da órbita municipal; desconchavo de marca maior, porque ninguém os obrigava a ser demandistas. Por último repetiam em especial contra os mestres das ordens, contra o prior do Hospital e contra Nun'Álvares Pereira, denominado por antonomásia ou por abreviatura o *conde*, e em geral contra todos os fidalgos, a acusação de serem um bando de salteadores, que, vagueando pelo país, tiravam aos cidadãos e mais arraia-miúda tudo aquilo de que precisavam, sem curar de saber quanto custava.

Tais eram os artigos resolvidos entre os mandatários dos concelhos acerca da nobreza e ainda da clerezia; mas a malevolência comunal não se resumia em tão pouco. A caldeira popular fervia e trasbordava. Propunham-se muitos outros, qual deles mais acre, que vieram a formular-se nas subseqüentes assembleias políticas, mas em que o acordo não era ainda completo, se não quanto à essência, ao menos quanto aos acidentes. A intervenção dos nobres nas eleições municipais; o aquartelarem-se em certos bairros das vilas, transformados por eles em ninhos de abutres, em vez de residirem nas

alcáçovas, que tinham por dever guardar; o impedirem nos coutos e honras o pagamento de fintas para as obras públicas, como fontes, estradas e pontes; o deixarem cair em ruínas os prédios urbanos que possuíam nas povoações como uma inutilidade, visto servirem-se dos alheios; as assuadas e violências com que embargavam nos paços dos concelhos o livre exercício da justiça nos seus actos mais solenes; o exigirem o abatimento de um terço do preço nas cousas que se dignavam de pagar, abuso antigo e contrário às leis do reino; enfim, muitos e diversos pontos em que o povo via uma quebra dos seus foros ou um atentado contra a sua propriedade constituíam a série dos artigos pendentes, que se ventilavam, refundiam, renovavam, para ainda serem reconsiderados em relação ao tempo e modo de se apresentarem ao rei, posto que os delegados municipais concordassem uniformemente na sua justiça e necessidade.

A leitura acabara. Nem um movimento, nem uma palavra tinham interrompido a atenção geral. A voz do procurador levemente trémula deixara de vibrar, e um silêncio de túmulo lhe sucedera. Era o atordoamento que no primeiro ímpeto produzem o assombro e a indignação. Como o oceano, que, ao enovelar-se a procela, parece dormente, subjugado pela mão da terrível mensageira do Senhor, mas que, soltando um mugido ao encrespar-lhe o dorso a primeira lufada, eriça os velos de espuma e coleia em serranias de vagas, estourando sobre os continentes com alto fragor, assim a cólera acumulada rebentou, enfim, impetuosa.

A primeira lufada da tempestade saiu dos lábios do mestre de *Christus*.

Uma punhada sobre a tábola, tão violenta que fez dar um pulo ao pobre Pataburro, anunciou esse primeiro furacão.

– Pelo santo templo de Cristo! – exclamou o orgulhoso chefe dos novos templários. – Tratar-me a mim e aos cavaleiros da minha ilustre ordem como um bando de salteadores e devassos, de glutões e tiranos! Muito é, vilanagem; muito é! D. João! Filho de D. Pedro! – prosseguiu ele, depois de uma pausa e estendendo a mão para o lado dos Paços de S. Martinho, como se o seu gesto e a sua voz pudessem romper os obstáculos intermédios. – Eis aí o fruto das largas que teu pai deu e que tu dás aos populares! Ousarão insultar os teus cavaleiros em S. Domingos, e tu, em vez de os condenares à força, ainda lhes prometerás desagravo. Vai, vai afagando esses ursos, que forcejam por abater a fileira de nobres e valentes lanças que te rodeiam o trono, para depois porem as patas felpudas nos degraus dele, e irem com os colmilhos imundos partir-te nas mãos ou nas mãos dos teus herdeiros o ceptro do poder real. Roubo ao que é um direito! Quem deu a essa raça de víboras os campos que cultivam, as aldeias onde moram, os matos e bosques donde tiram desde os madeiros dos seus alvergues até as aivecas dos seus arados e o cepo do seu lar? Foram nossos avós, que conquistaram esta terra à mourisma; que a regaram com sangue próprio e alheio; que edificaram os povoados, as igrejas e os mosteiros; que, ao deporem a acha de armas, pegavam no venábulo e desinçavam as brenhas dos animais ferozes ou daninhos...

– Cujos restos – interrompeu Fernando Afonso – os vilãos querem também montear. Chegou-lhes o seu S. Martinho.

– Não me parece fora de razão isso – acudiu o abade de Alcobaça, a quem a passada leitura não alterara os meneios repousados, nem o olhar vago e tranquilo, nem o bondoso sorrir.

E deu uma destas risadas alvarmente velhacas ou velhacamente alvares que tanto podem significar o escárnio do queixoso como a aprovação do queixume.

– Sim! – continuou com veemência o mestre de *Christus*. – A nobreza, que arrancou a Leão a mais bela das suas províncias para instituir um reino; que, gerações após gerações, tem comprado com milhares de vidas os privilégios inerentes aos seus senhorios, às alcaidarias desses castelos cujas pedias estão unidas por cimento amassado

com o mais puro sangue; cujas cárcovas estão calçadas com os troços das armaduras e com as ossadas de dezenas de ricos-homens e de centenaes de infanções; a essa nobreza nem ao menos se permitirá usar dos direitos que lhe deram o valor e a morte, a vitória e o sacrifício? Negar-se-lhe-ão, até, poucos palmos de chão maninho e algumas alimárias bravias para seu desafogo inocente? Pela santa casa de Jerusalém! São senhoris e anchos os vilãos. Apertemo-nos nós... Façam praça a suas mercês que passam... E vivam os doutores que os protegem e que tão bem regulam pelas leis romanas o direito e a justiça!

As sobranceiras carregadas, os olhos chamejantes, os frocos de escuma que nos cantos da boca se lhe penduravam do negro e arqueado bigode davam ao filho de D. Maria Teles um aspecto feroz. Nos gestos dos outros fidalgos, as rugas profundas das testas, que a moda anticastelhana dos cabelos excessivamente curtos tomava mais espaçosas, os dentes cerrados, que um sorriso ameaçador fazia alvejar, e nuns a palidez súbita, noutros o afoqueado das faces pintavam com terrível eloquência o tumulto que ia naquelas almas. O próprio conde de Seia, que a princípio exultara na sua vitória, estava colérico – Só o abade de Alcobaça conservava, ao menos na aparência, inalterável placidez de espírito.

O senhor de Resende tomara a mão depois de Lopo Dias.

– Que sobretudo – vociferava ele – não ponham mão fidalgos-escudeiros nos pendões dos concelhos, embora el-rei haja dado cavalaria a burgueses, e estes homens de linhagem sem linhagem se estreiem nas batalhas ao lado dos cavaleiros de boa e generosa avoenga; embora a bandeira do solar tremule muitas vezes entre os ridículos farrapos metidos em haste de lança no fundo de alguma tenda da Rua Nova, ou...

– E porque não? – interrompeu um dos Pachecos. – Levem também caldeira para sustentarem em hoste gente de guerra e, montados em mulas de corpo, tragam atrás de si pajens com os cavalos de batalha.

A voz gasta e aflautada do reposteiro-mor chilreava entretanto:

– Isso, isso! Derroguem, até, a postura do grande rei D. Afonso sobre os vestidos: que tragam pelotes e calças de cor, e que façam choutear os seus jumentos e azémolas, não com acicates de ferro bruto, mas com esporas douradas. Trajem, vivam, andem como iguais nossos... Não digo bem... Troquemos antes os trajos! São eles os senhores; nós os antigos malados... Cochinos!

– Vedes vós: negarem-nos os bairros coutados!

– E quererem vender-nos nossas mantenças como lhes aprouver!

– Ou não no-las venderem...

– Matarem-nos à fome quando passarmos pelas vilas!

– Salteadores!

– É que lhes reina o sangue de mouros em veias de judeus!

– Pífia ralé!

– Cachorros!

Estas e outras exclamações e brados irritantes, acres, afrontosos, choviam de todos os lados, não, como nós os escrevemos, sucessiva e pausadamente, mas cruzando-se, atropelando-se, confundindo-se. A frente de Pataburro anuviava-se. Soltara pano de mais ao vento, que, saltando de oposto rumo, o colha desprevenido. Embasbacado, atónito, não compreendia como se usasse de tal linguagem diante dele, burguês, antigo juiz de foro, doutor em degredos e procurador de uma vila como Celorico. Debalde o conde de Seia, apesar do próprio despeito, buscava restituir o sossego: a indignação, semelhante a incêndio mal comprimido, lavrava de instante para instante com mais força depois da explosão.

No meio da confusa algazarra uma voz trémula e estridente sobrelevou por cima

das outras – Era a de João Rodrigues de Sá. O camareiro-mor estivera calado toda a noite, mostrando associar-se de mau grado àquela mistificação, e mais de uma vez no seu gesto e meneios se manifestara a impaciência. Homem tão violento de gênio, como duro de braço e esforçado de ânimo, a petulância do povo tinha-o irritado a ponto, que, finda a leitura, sentia prenderem-se-lhe na garganta as palavras enoveladas, digamos assim, num turbilhão. Afinal a torrente trasbordou, e o fio das ideias tempestuosas do cavaleiro foi prender-se aos motejos insultuosos de Lourenço Pires de Távora.

– Meu senhor, meu igual, um vilão! Por S. Jorge! Quem o disser do fundo da alma, dir-lhe-ei eu que mente. Que me importa que os burgueses tentem elevar-se até mim? Eu é que não desço até eles. Tenho-vos mais de uma vez ouvido falar não sei em que enredos escuros, em recorrer à influência da rainha, em enganar procuradores com promessas que jamais se hão-de cumprir...

– Tal nunca se disse – murmurou a medo D. Henrique, prevendo que estas palavras bastariam para desvendar os olhos do licenciado acerca do seu procedimento anterior para com ele.

– Tal nunca se disse?! E para que trouxestes aqui esse tonto e iludido vilão? Conde, fazei mercê de dizer-mo; que a vossa aposta, essa já a ganhastes. Oh, ao que vejo reduzida a nobreza de Portugal! Momices, rodeios, misérias!... Vergonha, vergonha!... Era eu bem pequeno e ainda pajem quando foi a do Salado: vi aí os corredores infiéis combaterem volteando ao redor do inimigo para o ferirem a descuido: entre cavaleiros de Espanha é que nunca tal vi! Por esses caminhos tortuosos não sei eu andar. Como o Condestável; como todos os ânimos generosos, não gasto nem tempo nem cuidados com as insolências de vilãos. Se me espoliarem do que me pertence, pedirei justiça a el-rei: se não ma fizer, fá-la-ei eu. Somos surdamente ameaçados de violências e revoltas populares – Que importa? Os arneses dos nossos homens de armas são bem temperados, ge as nossas espadas não estão ainda tão botas como isso! Nas minhas terras, o rei sou eu. Aceito dos concelhos a paz; mas não recuso a guerra. Hei-de repelir as injúrias e usurpações, quando com elas me quiserem pagar as feridas à custa das quais – das minhas e das de tantos outros – mais de uma vez ficaram grunhindo e chafurdando tranquilos nas suas pocilgas esses javardos imundos. Mantenha-vos Deus, amigos; que, segundo creio, o arremedilho é findo. Podeis despedir o jogral.

Debalde o das Galés tentara dar às últimas frases um tom de placidez e frieza que contrastava com a violência e desordem delas, e que o metal e o trémulo da voz desmentiam. Lançando um olhar de profundo desprezo a Mem Bugalho, embrulhou-se no capuz, saiu pelo corredor escuro, e dali a pouco a porta exterior soou rijamente nos batentes fechada de golpe.

Às palavras «tonto e iludido vilão», o pobre decretalista arregalou os olhos. Estava petrificado. As palavras de João Rodrigues de Sá tinham passado como clarão infernal. Sem transição, tinham-no despenhado de um mundo ideal de esperanças num pélago de afrontoso ridículo. A sua desonra fora consumada perante testemunhas de sobra para ser divulgada. O rubor e a palidez sucediam-se-lhe no rosto como os estos do oceano. Quis falar, e a língua seca e tolhida não podia meneá-la: desejara fugir, mas sentia-se como grudado ao pavimento. A sua situação seria capaz de comover o ânimo mais duro, se a irritação não houvera subido ao último auge.

Longe de inspirar piedade, o gesto transtornado do procurador suscitou unicamente a irrisão.

O primeiro tiro partiu dos lábios de Fernando Afonso; do homem, para quem os trances da agonia alheia eram um recreio como outro qualquer, ainda quando o furor ou o ódio não excitavam a sua índole perversa.

– E que pensas tu, vilão, de tanta insolência? – disse ele, voltando-se para o

estupefacto Mater-Galla, cujo olhar espantado errava por aqueles gestos incendidos. – Que pensas; que pensas?... Oh!... Pensas o que pensam os outros. Não é isto?... Fala, homem; que me pareces um odre assoprado posto no canto de uma taberna judenga.

Tal um papo de peru cheio de vento que, pelo Entrudo, serve de juguete ao rapaz travesso e sem estourar retumba uma e muitas vezes nas costas de galego boçal, mas que encontrando o bico do mais subtil alfinete se lhe extravasa o ar comprimido, engelhando de súbito, assim o licenciado, que despertara dos seus dourados sonhos em realidade cruel, para cair numa espécie de paralisia interior, aguentara o rugir da procela sem proferir palavra; mas, brutalmente interpelado, saiu daquele torpor com energia. A injúria do moço escudeiro fora a picada do alfinete subtil. A exaltação moral, ímpeto doloroso de um coração barbaramente esmagado, ilumina de terrível luz ainda os entendimentos mais broncos e alevanta-os às vezes até as inspirações do sublime. O olhar, até aí vago, do procurador fitou-se ardente no mancebo. A palidez de uma cara opada triunfara enfim da vermelhidão nativa do seu rosto rechonchudo e rutilante. Golfavam-lhe da boca as palavras lentas, baixas, mas firmes, e a indignação e tristeza davam-lhe subitamente aos ademanos, até então acanhados, e ao gesto pouco expressivo a dignidade das grandes agonias.

– O que parece ao vilão? – murmurou ele, rangendo os dentes e alimpando com a manga do gibão os olhos arrasados de água. – Parece-lhe que vos sobra razão para vituperardes o fraco e desleal que atirou o angustiado gemido dos pequenos e oprimidos como um desporto às jogralidades e ludíbrios de ilustres truães! Homem do povo, traí o povo. Tinha prometido guardar um segredo; guardá-lo religiosamente até ao dia em que a voz dos concelhos de Portugal, trovejando pelas abóbadas de S. Domingos, bradasse a el-rei com um acento ainda não ouvido por ele: «Justiça!» Deixei-me embair por lisonjas, por fingidas demonstrações de amizade. Sou um insensato!... Ride e folgai, valentes cavaleiros, que abusastes da fraqueza, além de imprudente, criminosa, de um homem chão. Mas, se eu fui culpado e fraco, pergunto: que serão aqueles que, sem respeitarem o bom nome de sua linhagem, o seu grau de cavalaria, os títulos, enfim, de que se vangloriam e, o que mais é, desprezando todos os preceitos do céu e da terra, abusam da simplicidade e afeição de quem deles se fiou? Que serão aqueles que, semelhantes a salteadores e a assassinos, trazem enganada a sua vítima, de noite e a lugares escusos, para lhe matarem, não o corpo, mas a alma; para o amarrarem, não à árvore de caminho solitário, mas ao poste da desonra? O que estes são e o que valem dir-vo-lo-á a consciência, quando o prazer de uma acção infame houver passado. Ride e folgai, meus nobres senhores! No meio das trevas apunhalastes pelas costas um homem desprevenido, que nunca vos fez mal, que vos amava, que sacrificou o único tesouro de burguês humilde mas honrado, a reputação de leal à sua palavra. Ride, ride!

– Mas, doutor, deixai-me explicar-vos... – ia a interromper o conde de Seia, algum tanto comovido com ver rolar duas lágrimas pelas faces do licenciado.

Foi pior.

– Cal-te, satanáas enganador e bulrão, que creste comprar-me com as tuas promessas e com o teu ouro. Guarda-as e guarda-o! – Dizendo isto, Mem Bugalho deu um revés com a mão por cima da mesa e espalhou no pavimento as dobras que ganhara. – Ouvi tudo calado: agora toca-me também falar... Ide; assoalhai por toda a parte que o procurador de Celorico vos vendeu o segredo dos seus companheiros. O preço da venda, isso deixai-mo a mim, que eu contarei qual foi! Lançastes lodo de mais, meus cavaleiros, sobre o peão escamido; mas o peão há-de fazer-vos espadanar algum para o rosto... Dantes, o nobre homem de armas a quem se dissesse «és um vil embaiador» lavaria em sangue o doesto; porque, segundo rezam os vossos livros de cavalaria, o engano e a dobrez eram impossíveis em ânímos e em bocas de nobres senhores; e eu

agora posso dizer-vos que sois embaidores e vis, meus ilustres fidalgos. Doem-vos os artigos? Conformai-vos!... Vede vós: é que o povo, esse pode ser injusto, voluntarioso, insolente, cruel; pode arrastar pelas ruas bispos traidores, donas prostituídas, alcaides vendidos ao rei estranho; mas tem uma virtude: é franco e sincero; franco e sincero no seu amor e no seu ódio; usa verdade e di-la, sem curar se dói ou não dói. Fazia-vos mal o meu silêncio? Pois bem! Dir-vos-ei que sobra justiça aos concelhos e que vos, meus ricos senhores, sois uns ladrões e uns devassos...

– Eu te respondo, vilão! gritou Fernando Afonso, encaminhando-se para a cabeceira da mesa, com a mão no punhal que tinha na cinta.

– Que é isto? Sangue aqui! – exclamou o abade de Alcobaça com voz de trovão, e avançando também alguns passos. – Se...

Não pôde continuar. Fora interrompido por uma risada descomposta, que partira dos pulmões bovinos de D. Henrique Manuel.

Fernando Afonso parara. O prelado parou também.

O despeito, quando facilmente podemos esmagar quem o causa, tende a manifestar-se antes pelo insulto que pela violência. Esta tendência fez com que o conde evitasse um assassínio. A sua intimidade leonina com o procurador acabara: era um mal sem remédio. Abaixou-se, pegou numa das dobras espalhadas no chão e, chegando-se a ele, fingiu que obrigava a aceitá-la.

– Bem cantado, jogral maltrapilha! Canta-nos agora a oração do justo juiz.

Uma gargalhada geral, retumbando dos quatro ângulos da mesa, correspondeu a estas palavras.

A situação moral do desgraçado Asinipes, qualquer a pode avaliar. Tinham-no arrojado como uma pedra de catapulta para as ideias burguesas, ou antes despertado nele todas as paixões odientas que naquela época ferviam nos ânimos populares. Estava furioso. Acudiam-lhe tumultuariamente aos lábios as frases mais violentas das muitas filípicas que ouvira uma e outra vez nas conferências secretas dos procuradores, e, sem disso dar fé, ia ajuntar aos capítulos que lera os desordenados comentários que, até certo ponto, os explicavam.

– Ah, sim, continuarei – acudiu ele, e a voz gutural tremia-lhe de raiva, ao passo que nos seus olhos, agora enxutos, brilhava o furor. – Muitas mercês vos devo, senhor conde, que me obrigam a obedecer-vos!... Mas porque não consentistes vós outros que esse esforçado escudeiro me assassinasse? Depois da deslealdade a covardia... Um só no meio de tantos!..., um só e desarmado!... Bem vos ficava, que sois cavaleiros de Portugal... de Portugal ou de Castela, segundo o vento fizer esvoaçar as bandeiras das torres e besantes ou as dos leões e castelos., – Repito-o, meus fidalgos: os concelhos têm razão. O povo é roubado pelos vossos juizes, pelos vossos ovençais, pelos vossos acostados e por vos mesmos. Aves de rapina, porque viestes de novo cevar-vos e anafar-vos em terras de Portugal? Porque não ficaste pairando ao redor do cismático de Castela? Antes da de Aljubarrota não rompíeis lanças por D. Beatriz? Os traidores eram dos mais nobres: porque não os imitou o testó? Ora sus, e cavalgar para Burgos, que lá tendes o coração. Com os aquantiados e besteiros dos conceitos e com os Lanceiros de pé, nós os do povo defenderemos o rei e o reino. Saem-nos muito caros os arnesados de mula de corpo, cavalo de batalha, estoque e misericórdia, elmo e solhas dourados. Afirmais que vos devemos tudo quanto possuímos, campos, moradas, igrejas, liberdade, independência! Que mais? A luz, o espaço, o ar, a água? Talvez. Pretendemos cercar-vos os privilégios, dizeis vós: mas donde vos vêm eles? Da mercê dos reis antigos. O rei moderno, o eleito do povo pode tirar-vo-los. Qual é o vosso direito de despojar os que não resistem? A força. Quando o povo, que oprimis, for o mais forte, porque não vos esmagará? Somos ingratos? Livrai-vos de que os conceitos ajustem contas!... Eu

poderia dar-vo-las...

– Venham elas, birbante! – interrompeu Fernando Afonso, que respondera a cada frase de Mem Bugalho com uma gargalhada, pensando fazer assim penitência por haver querido sujar o punhal no sangue de um vilão. – Sabes de algarismos? É que teu pai e teu avô não passaram de judeus sacadores ou rendeiros de direitos reais.

– De que nunca viram nem uma pojeia – acudiu Pataburro – porque vosso pai e vosso avô não passaram de homens de armas dos alcaldes ladrões, que chamam suas as ovenças da Coroa e que o santo rei D. Pedro usava esquarterar.

A fúria ia quase fazendo agudo o triste Mater-Galla. Nem com isso, porém, alcançou pôr termo ao tom de mofa dos cavaleiros. A resposta à injúria do burguês foi, como até aí, uma risada geral.

– Assim seja! – continuou o camareiro. – Mas aponta, fariseu, as nossas dívidas e ajunta no fim o preço de uma boa corda, que desde já me obrigo a pagar no dia em que te enforcarem num carvalho bem alto. Quanto soma?

– Quereis as contas, gentil escudeiro? Assinadas e seladas dos selos de cem concelhos as vereis em S. Domingos dentro de poucos dias. Antes disso, não faleis tão arrogantes em tantas cousas que chamais vossas. Vossos os castelos, vossas as terras da Coroa, vossos os direitos reais, porque os compraste com sangue? Por Deus, que sois esquecidos! Com os tributos do povo, que combate de graça, melhor que vós e nunca nas azes do senhor estrangeiro, vos pagaram sempre avultados soldos para vos enxotarem dos vossos ninhos de abutres e virdes enristar as lanças nos campos de batalha ou fazer reluzir os montantes nas quadrelas das muralhas. Quite está convosco o rei que vo-los dá; quites estamos nós que para isso repartimos com ele o fruto do nosso suor. É invocando a todo o momento esse uso antigo que vós, meus generosos senhores, não quereis servir hoje nesta luta de morte com Castela a troco das rendas das terras, que, sem encargo algum, tendes até agora desbaratado. Alevantai-vos com a esmola e é a nós outros que chamais vilãos ruins?! Parti a contenda ao meio. Vilãos nós; ruins vós. Pensais, acaso, que o povo ignora quantas vezes tendes ameaçado D. João I, se vos não pagar as quantias, de vos retirardes para os vossos solares? Para os de Portugal ou para os de Castela, meus leais cavaleiros?

– É mentira! é mentira! – exclamaram com ímpeto, mas involuntariamente, quase todos os circunstantes, porque o licenciado acabava de lhes lançar em rosto uma duríssima verdade,

– Se é mentira ou não, sabei-lo vós e sei-o eu – retrucou Mem Bugalho, que sentia desapertar-se-lhe algum tanto o coração, vendo que, enfim, achava uma juntura por onde falsar as armas dos seus contrários.– Conheço as causas do vosso ódio contra o povo. Quereis dinheiro, mais dinheiro, muito dinheiro, e Portugal não o tem; porque o pai da vossa D. Beatriz o desbaratou com a fidalguia portuguesa e castelhana. Há vinte e dois anos que morreu o santo rei D. Pedro, e há outros tantos que somos roubados – É por isso que os concelhos vos dizem: «Basta!» Basta, homens que consumis em saraus, em torneios e em justas toda a substancia pública: basta, demónios de orgulho, de luxúria, de embriaguez, de cobiça! Levastes-nos já a pele, a carne e o sangue: não nos levareis os ossos!

O heróico Mater-Galla estava em pé, fronte alta, perna retesada, braços estendidos, punhos cerrados, grandioso, sublime, terrível e, força é dizê-lo, esfalfado. O sangue tinha-lhe retrocedido gradualmente do coração ao rosto: não podia piar. E não era pela extensão do discurso: era pela veemência das ideias, da voz, do gesto. Os fidalgos, irritados pelos tiros que lhes despedira o furioso procurador, balbuciavam entre o escárnio e a vingança brutal. Houve um momento de silenciosa hesitação. A insolência da altivez triunfou enfim, e as últimas injúrias de Mem Bugalho tiveram em

resposta ainda outra vez um coro de repetidas gargalhadas.

Mas era um rir triste, frio, forçado, como os aplausos dos cortesãos que se espicaçam para achar esperteza e sal em sensaborona tolice que saiu da boca do monarca.

O procurador não pôde resistir mais a esta atmosfera de inexorável desprezo. Com passos vacilantes, rápidos, desiguais, fugiu da mesa. Precisava de ar, de espaço, de frescor. Queria sair: foi esbarrar numa parede. Recuou: foi encontrar-se com outra. Começou a correr em volta do aposento. Não atinava com a saída. Então é que o rir se tornou espontâneo e estrugidor. Naqueles sons discordes havia imitações de todas as vozes possíveis de alimárias: o nitrido, o regougo, o pio, o zurro, o rugido, o trinado, o sibilo, o mugido, o urro. Dir-se-ia que a tavalagem era a Arca da Aliança, ao abrir-se no cimo do Ararat. Lourenço Brás, que adormecera estirado no lar, acordou ao ruído e, esfregando os olhos, pôs-se a mirar, no meio de um tremendo bocejo, o atarantado burguês. «Ui!», disse o besteiro lá consigo. «Jogam à cabra-cega? Bonito!... Nada; não: já veio. Tem os olhos destapados. Que diabo será Isso?!»

– Lourenço Brás, Lourenço Brás! – gritava Fernando Afonso. – Ajuda a sair aquele varão com dois couces nas pousadeiras!

O besteiro não era homem que fizesse repetir duas vezes a mesma ordem ou que se pusesse a filosofar sobre ela. Ergueu-se e dirigiu-se para o licenciado. Felizmente este atinara, enfim, com a saída, e Lourenço Brás teve de segurar-se com ambas as mãos a uma das ombreiras, porque, ao despedir um pontapé para o corredor escuro, onde desaparecera o designado padecente, feriu em vão no ar e, faltando-lhe a resistência das nádegas municipais ao impulso da perna, sem aquela precaução ficaria infalivelmente estatelado.

Entretanto os cavaleiros cobriam-se com os amplos capuzes deitados por cima dos bancos que circulavam o aposento, rindo e falando todos a um tempo. Os dois frades esses tinham-se apressado a sair.

A sós por alguns instantes com o seu companheiro, na passagem estreita, o abade disse de manso para Fr. Vasco:

– Vai, corre!... Busca detê-lo à Porta do Ferro, enquanto eu me livro destes diabos. Quero falar com ele: quero persuadi-lo a ir amanhã ter comigo ao Colégio de S. Paulo. Assegura-lhe que é o meio de obter pleno desagravo. Jura-lho até *in verbo sacerdotis*. Anda depressa: não te demores!

Nada mais pôde dizer. O moço frade saiu correndo e sumiu-se pelos becos que iam dar ao terreirinho da Sé. O abade tomou ao longo da muralha para o lado das Fangas Velhas, e os fidalgos seguiram-no maquinalmente.

Como ele soube esquivar-se à turba que o rodeava é o que não diz a crónica. Só refere que, daí a alguns minutos, junto ao arco da muralha de D. Afonso, que, perto da Torre da Escrivania, dava passagem do átrio da catedral para a Rua Nova, e que se chamava a Porta do Ferro, as sombras de três vultos se estiravam moveiças no terreiro, escassamente alumado pela lâmpada que ardia na Capela da Senhora da Consolação, sobranceira ao arco. Depois de falarem algum tempo com veemência, os três vultos separaram-se afinal. A conversação, que parecia interessar-lhes vivamente, de ninguém foi ouvida, porque o sítio estava deserto. Daí a pouco, D. João de Ornelas, seguido do seu companheiro, puxava fortemente pela sineta da portaria do colégio, onde, morto de sono, ora passeando, ora assentando-se, o esperava ainda, não por caridade, mas por ordem do prior, o converso Fr. Julião, cansado já tanto de rezar e de se encomendar a Deus, como de encomendar a todos os diabos sua mui poderosa e ilustre reverendíssima, o abade D. João, fronteiro e alcaide-mor de Alcobaça.

O converso abriu a porta rosnando, e os dois frades entraram. Não tardou muito

que no sino do coro batessem as badaladas que anunciavam a hora de prima. Era que o céu ia-se afogueando já com os primeiros fulgores de uma bela madrugada.

XIII

QUASE SUICIDA

*Dos males em que ha cura
 Todo benefycio val;
 Mas o mal que é immortal
 Quem lhe remedio procura
 Perde todo o cabedal.*

CANC. DE RES. *Trov. de Álv. de Noronha.*

—...Eis aqui, meu irmão, com que artes detestáveis aquele homem cruel alcançou arrastar-me ao abismo. Agora examina tu por teus olhos como eu tive de medir lentamente, esmagada debaixo da mão de ferro de inúteis remorsos, a profundidade desse abismo de perdição e de miséria.

Assim falava a pobre Beatriz, referindo a Fr. Vasco a dolorosa história das suas desventuras. O monge quisera ouvir-lhe da própria boca essa terrível narrativa, a qual tinha sido mais de uma vez interrompida pelos soluços e lágrimas da desditosa, que exaurira, enfim, toda a energia que lhe restava em volver as negras páginas dessa história fatal.

O lugar da cena era um aposento modesto, mas decentemente adereçado, na Rua de D. Mafalda, rua velha como a Sé e da qual a rasoura do terremoto não deixou vestígios na moderna topografia de Lisboa – Próxima do Colégio de S. Paulo, prolongava-se por entre a pinha de casarias que, retalhada num sem-número de vielas de seis ou sete palmos de largo, cobria o terreno ladeiro limitado ao oriente pela rua que ia da Sé até as Portas de Alfofa, e ao sul pela de Santa Justa, a qual passava por fora do muro de D. Afonso III, desde o adro da igreja dessa invocação até o da Madalena. O mestre de Teologia, que vimos em Restelo providenciando tudo, não só para salvar Beatriz, mas também para tornar menos amarga a sua situação, concluíra a obra aí encetada destinando-lhe naquela rua pouco frequentada uma habitação humilde, mas onde nada faltava dos cómodos necessários à vida. Sem Fr. Lourenço, Fr. Vasco mal poderia ter suavizado a sorte de sua desgraçada irmã. Vestindo o hábito cisterciense, o moço cavaleiro reservara apenas uma limitada porção da herança paterna para não abandonar à miséria a velha idiota Brites, cuja tutela encarregara ao seu venerável pastor, doando o resto à Ordem de S. Bernardo, que lhe dera abrigo e lhe prometera a subsistência até o dia em que pudesse ir repousar debaixo de uma lájea do claustro, envolto nessa mortalha de estamena que a ordem também lhe dera e que de vestira uma vez para não mais a despir.

É preciso, todavia, confessar que este foi um dos negócios que tirariam o sono a Fr. Lourenço, se um feliz acaso não tivesse vindo em seu auxílio, porque o padre-mestre não era homem que deixasse aquecer-lhe na algibeira o dinheiro – Era um mãos-rotas; e a sua ilimitada caridade extorquia-lhe rápida e insensivelmente até a derradeira mealha. Se pôde em Restelo ocorrer aos gastos das incumbências dadas ao chocarreiro e à velha, foi que nas vésperas recebera umas cinquenta dobras de D. Pedro e algumas dezenas de barbudadas dos salários que se lhe deviam como leitor de Teologia no Colégio de S. Paulo, em conformidade do que deixara estabelecido o bispo-chanceler D. Domingos Jardo. Com essa pouco avultada soma o cisterciense fizera milagres. Dêmos, porém, o

seu a seu dono. Naqueles arranjos Fr. Lourenço tivera uma hábil executora das suas ideias. A tia Domingas era uma jóia, e Ale podia gabar-se de ter posto o dedo na pessoa mais adequada aos desígnios do caciz cristão. Com admirável presteza e economia, a santa velha correrá as tendas da Rua de Santa Justa e da enciclopédica Rua Nova, girara, espiolhara, mirara e remirara tamboretas, bancas, arcas, bufetes, côcedras, almocelas, manténs, roupas, pratéis, agomias, caldeiras e mais adereços domésticos: tinha apreçado, prometido, desdenhado, barateado e pago em pojeias de cobre (pelas quais trocara com lucro as dobras validias de Fr. Lourenço nos *cambos* ou lojas de rebatedores judeus e prazentins) pelos preços mais somenos e ratinhados que era possível. Foi, voltou, andou para trás e para diante, de corómem traçado, touca à banda e guedelhas caídas em desalinho; falou, gritou, bracejou, barafustou, suou e esfalfou-se, de modo que, à noite, não podia ter-se já nas pernas. Mas bem empregada lida! Quando, no outro dia, o mestre de Teologia veio examinar como as ordens que dera tinham sido cumpridas, não pôde deixar de exprimir o seu contentamento e espanto. O arranjo e o asseio de tudo quanto se via no simples e severo aposento eram admiráveis. Beatriz, assentada no estrado raso que então servia ainda, às mais nobres damas do gótico Portugal, de marquesa, sofá, otomana ou não sei que outros assentos esdrúxulos, em nome e feitio, que as modas estrangeiras têm hoje introduzido, empregava-se em bordar uma tela, mais delicada pelo labor que aí se ia alevantando que pela finura do tecido, enquanto a tia Domingas, depois de ter dado contas ao monge, com um sem-número de notas, observações e comentários, que o secaram sofrivelmente, ia assentar-se num banquinho mais alto que o estrado e, metendo no clássico ourelo da cintura a toca tradicional, acompanhava com o submisso rangido do derriçar nas barbas do linho e com o leve zumbido do fuso os discursos cheios de suave unção com que, por largo espaço, o virtuoso sacerdote tentou consolar a alma atribulada da desditosa Beatriz, por cujas faces as lágrimas deslizavam a quatro e quatro sobre a tela que tinha ante si.

Apesar da actividade de que a bojuda tia Domingas dera tão irrefragáveis documentos; apesar dessa espécie de tonel das Danaides, de contínuo despejado e repleto, chamado a roca e o fuso (e aqui aprenderá o leitor como um fuso se pode comparar a um tonel), as suas ocupações, passada aquela primeira balbúrdia, não eram bastantes para nos deixarem mentirosos, se dissermos que a veneranda censora dos costumes depravados de Rui Casco achara, enfim, aquilo por que tantos lidam e que tão poucos alcançam, o *otium cum dignitate* de uma existência farta, pacífica e até, não diremos deliciosa, mas assaz esparecida. Bem agasalhada no seu pelote e saia nova de valencina e no seu corómem de arrás, com melhores bocados e habitação mais confortativa, conchegada e tranquila do que na pobre aldeia de Restelo, devia dar-se por completamente feliz, ao menos quanto feliz se pode ser no desterro deste mundo. Todavia, certa propensão que mais de uma vez lhe fora fatal (e disso vimos uma prova deplorável à porta da sua barraquinha em Restelo) a acompanhara, como verme roedor, para lhe toldar a límpida corrente da vida. Era o prurido crónico e sarnento do mexericar e bisbilhotar e moralizar acerca das vidas alheias. Era esta a cruz da senhora Domingas do Sacratíssimo Lado, nome integral da beata. Cuidou de estourar de silêncio nos dois primeiros dias que passou na Rua de D. Mafalda, e, se não fosse o conhecimento que em breve travou com uma cuvilheira da vizinhança, correrá risco de algum acidente grave de mexericos recolhidos; porque, no meio daquela lida, nem sequer pudera dar uma saltada a 8. Francisco, aonde tinha a devoção de ir todas as semanas depositar nos ouvidos do padre Fr. Isidoro, franciscano de formas atléticas e letras gordas, as faltas do próximo de envolta com as próprias topadas e torcicolos na carreira da perfeição espiritual. Tirado este mas, e a tia Domingas cogitava seriamente em removê-lo, podemos dizer, sem receio de erro grosso, que a sua vida se escoava suavemente na Rua

de D. Mafalda; porque, dotada de conformidade e resignação heróicas, não a afligiam demasiado as tristezas de Beatriz, nem as dolorosas vigílias das suas noites solitárias, em que a infeliz, a sós com as memórias do passado, invocava a morte, enquanto ela dormia a sono solto com o místico repouso e religioso egoísmo de uma pia e resignada devota.

Isto que vamos dizendo refere-se ao que sucedia poucos dias depois dos acontecimentos que o leitor presenciou, por ter tido a condescendência para conosco e para com Fr. Lourenço de nos acompanhar a Restelo. Agora que já lhe expusemos qual era a situação da tia Domingas, é necessário que lhe digamos o que foi feito do mouro truão, a quem não é possível que deixasse de ficar, como nós, afeiçoado. O mestre de Teologia tomara Ale debaixo da sua especial protecção, e não lhe fora difícil fazê-lo aceitar por *sergente* ou moço-de-porta-a-fora na estudaria. Verdade é que o converso Fr. Julião, inimigo declarado de tudo quanto cheirava a judaísmo ou maometismo, o recebera a princípio com a afabilidade com que um grave rafeiro recebe um gozo esperto e brincalhão, que o pastor lhe deu por companheiro na guarda do rebanho; isto é, rosnando e mostrando-lhe as presas. Não obstante, porém, a teiró do donato, como todos no Colégio de S. Paulo amavam e respeitavam Fr. Lourenço Bacharel, o mui reverendo porteiro não teve remédio senão ir-se habituando aos gracejos de Ale, que dentro daquela santa casa voltava frequentes vezes ao antigo humor jovial e mordaz, como se a consciência de ter praticado um acto nobre e generoso, abnegando de si próprio por causa de uma desgraçada mulher, houvesse apenas sido um paliativo temporário contra a loucura, meio natural meio voluntária, em que por tantos anos vivera e que de novo lhe reagia na alma, tendo-lhe faltado o estímulo moral, que durante algum tempo lhe emprestara a máscara de cordura, com que se compõem os loucos só por dentro, chamados homens de juízo.

O pensamento de Fr. Lourenço, trazendo consigo o mouro, fora conduzi-lo gradualmente a abraçar o cristianismo – Conhecera que no seio do chocarreiro batia um bom coração, como é vulgar encontrar-se nas últimas camadas sociais, onde o contínuo roçar das privações e dores predispõe os ânimos para a compaixão, e o bom do monge sabia que os olhos purificados pelas lágrimas da piedade facilmente se hão-de abrir sempre à branda luz do Evangelho. Mas D. João de Ornelas, semelhante a cometa perdido no espaço, que, aproximando-se dos orbes, os dissolve e incorpora no seu vulto ardente ou os atira para novas solidões, onde flutuam mortos, como nau abandonada sobre as vagas incertas do mar; D. João de Ornelas, que logo percebera não lhe ser possível amoldar inteiramente aos seus desígnios o mal-aventurado Fr. Vasco, enquanto não o separasse do robusto cedro que o amparava, enviara o mestre de Teologia por visitador aos mosteiros de Cárquere e Bouro, sob pretexto de que a vida monástica aí corria soltamente fora dos preceitos austeros da regra de S. Bernardo. O monge obedecera; e assim, ao passo que Ale parava na carreira de catecúmeno, Fr. Vasco precipitava-se para um tenebroso futuro, insondável ainda para ele, mas em cujo mistério a consciência lhe afigurava o que quer que era monstruoso e horrível.

Aproveitámos o silêncio de Beatriz para instruímos o leitor da situação de algumas das personagens que têm intervindo nos sucessos que nos propusemos narrar, personagens que, tempo há, perdemos de vista. Agora pedimos-lhe cortesmente que volte de novo a atenção para o que se passava na Rua de D. Mafalda ao começarmos o presente capítulo; isto é, oito dias depois do grande conciliábulo na tavolagem das Portas do Mar.

No estrado pouco mais alto que o pavimento da câmara, ao qual já aludimos, estava assentada Beatriz. A luz de uma lâmpada de dois lumes, colocada sobre uma trípode de ferro, via-se passar pelo chão branco da parede fronteira uma sombra que se

movia lentamente. Era o vulto acurvado e emagrecido de Vasco, o bom cavaleiro da ala de Mem Rodrigues nos campos de Aljubarrota, agora Fr. Vasco, vergando já para velhice prematura debaixo da mão férrea dos pesares. Sem consciência do que fazia, o mancebo passeava de um para outro lado do aposento, trazendo na mão um maço de pequenas tiras do que então se chamava *pergaminho de papel*, cuja raridade e frágil contextura faziam com que somente fosse usado quando havia a escrever cousas destinadas a terem curta duração. Eram muitas folhas oblongas de pequenas dimensões, dobradas cuidadosamente e cingidas, cada qual sobre si, com um nastro de seda de cores. O frade não despregava os olhos do maço, e por mais de uma vez, enquanto durava a narrativa de sua irmã, tinha parado como impaciente por desdar os nós que lhe impediam conhecer de antemão o último acto do drama doloroso cuja protagonista ela era, e cujo desfecho essas cartas deviam explicar-lhe – Conteve-se, porém, e logo que Beatriz, tendo recobrado alento, fez sinal de que ia continuar o que restava da sua história, o frade parou e, cruzando os braços, pôs-se a escutar de novo com a mais viva atenção.

– Assim – prosseguia ela – eu esperava, dia após dia, o momento em que pudesse dizer perante o mundo quanto amava esse homem, a quem sacrificara família, orgulho, virtude, liberdade, tudo; perante o mundo, como mil vezes lho dissera a ele perante o Céu; o momento em que pudesse lavar com as lágrimas suaves de uma felicidade pura e legítima o ferrete de infâmia que estampara no nome da nossa linhagem e em que obtivesse de nosso pobre pai o esquecimento e o perdão; de nosso pai, que eu e ele assassinámos, e cuja morte cuidadosamente me escondera. Trazia-me cega um amor crédulo, infinitamente crédulo, porque era infinitamente sincero: por isso cria quanto Fernando Afonso imaginava para alimentar a minha esperança; e posto que, às vezes, nos momentos em que solitária conversava com a própria consciência, uma voz de remorso e de terror me passasse cá dentro, quando ele voltava, as suas palavras afectuosas e os seus juramentos varriam-me do espírito essas ideias tristes, como o norte varre as nuvens que toldam momentaneamente o esplendor do Sol.

«Pouco a pouco, porém, começaram a perturbar-me o espírito inquietações mais vivas. Sentia que o seu amor esfriava. As suas palavras eram visivelmente estudadas, as expressões da sua ternura tinham o que quer que fosse triste, e a impaciência, que ele comprimia na alma, revelava-se-lhe no gesto e modos, sem que o percebesse. Oh, a quem ama com paixão ardente e profunda não é possível esconder o desamor, e eu amava-o com todo o enlevo de um coração que se lhe rendera ainda virgem! Meu irmão, tu que, no meio das desventuras da nossa família, buscaste abrigo à sombra pacífica do claustro; tu que, puro diante de Deus, mal sabes o que são tais afectos, não imaginas que infernal tormento seja o ter confundido a própria existência com outra existência, o ter edificado todo o nosso futuro sobre esse enlace íntimo e ver desvanecer-se o mais formoso, o mais santo dos sentimentos; ver decair, agonizar e morrer o pensamento de todos os dias, de todas as horas, de todos os instantes, e achar ao pé de nós, amarrado ao nosso amor cheio de viço e de vida, um amor contrafeito e gelado! Conhecia que esta era a minha situação, e ainda buscava iludir-me recuando ante a fatal realidade; porque a minha desgraçada afeição parecia redobrar, como se houvesse recolhido em si essoutra, que se extinguia.

O monge, que tinha os olhos fitos em sua irmã, com um sorriso de indizível amargura murmurou:

– Eu sei de mais fundas agonias!...

– Pode ser, Vasco – prosseguiu Beatriz –, mas eu experimentei-as. Contar-tas?... Como tas contaria? Que palavras podem pintá-las? Lê essas cartas. Saberás depois quanto a punição excedeu um erro que nunca poderei esquecer, senão quando a terra

cobrir eternamente o meu opróbrio. Deus e Nossa Senhora tragam em breve tal dia!...

E cobrindo o rosto com as mãos, desatou a chorar.

Os olhos de Fr. Vasco arrasaram-se também de lágrimas: eram de sangue que se lhe espremia do cotação. Correndo por eles a manga do hábito, enxugou-os, e com um movimento convulso foi assentar-se junto da lâmpada. Depois, quebrando os fechos das cartas em vez de os desatar, desdobrou-as e começou a lê-las pela ordem das datas.

Seria demasiado longo transcrevê-las aqui. Escritas, a princípio, com breves intervalos, tinham sobretudo por objecto explicar frequentes ausências de quem as escrevia. A imaginação de Fernando Afonso mostrava-se fértil em idear embaraços que lhe impediam, segundo afirmava, o ir testemunhar a Beatriz, mil e mil vezes, que o seu amor era tão vivo e ardente como no primeiro dia em que a amara. Posto que a linguagem do moço escudeiro revelasse por vezes a pouca delicadeza dos seus sentimentos, via-se, contudo, que tinha bastante dissimulação e astúcia para iludir a apaixonada credulidade de uma pobre mulher. Nas mais recentes, porém, que pareciam escritas em resposta a outras e cujas datas eram cada vez mais distantes entre si, escapavam de vez em quando, como clarões infernais, frases coléricas de impaciência contra queixas e terrores que o hipócrita sedutor fingia considerar como absolutamente infundados. Algumas pressupunham a existência de cenas violentas passadas entre ambos, e conhecia-se que era sempre Beatriz quem implorara piedade, quem se humilhara ante o seu tirano, em cujas respostas transluzia o despeito, porque a doçura e resignação da vítima lhe roubavam todos os pretextos para um rompimento decisivo. Devia ser bem profundo o abismo onde se despenhara a desgraçada, para aceitar este combate repugnante e para esgotar assim, gole a gole, o cálix da abjecção e do infortúnio. As cartas caíram então das mãos trémulas do monge, cujos olhos chamejantes, cujas faces incendidas, cujo feroz silêncio anunciavam uma crise terrível.

Fr. Vasco ergueu-se. Mediu o aposento a passos largos, de ângulo a ângulo. Parou de novo, cruzando os braços, e pôs-se a contemplar sua irmã, que, assentada no estrado, com a cabeça entre as mãos, sobre as quais lhes caíam desalinhas as louras madeixas, semelhava a estátua da amargura, reclinada, como símbolo da saudade, nos degraus de um túmulo. A vida revelava-se-lhe somente no seio, que arfava com os mal comprimidos soluços.

Por fim alçou os olhos para o monge, que sem pestanejar tinha os seus cravados nela, e, com acento inexplicável de dor, murmurou:

– A última! a última!

De feito, o frade conservava ainda nas mãos uma carta. Começou então a examiná-la exteriormente com uma espécie de hesitação. Dir-se-ia recear que ao abri-la surgisse ante ele o que quer que fosse fantástico e diabólico. Enfiado, desde lentamente o nó e, não menos lentamente, desdobrou o papel fatal. Correu-o com a vista. Então compreendeu quantas agonias se resumiam no olhar e na exclamação de Beatriz.

Crer-se-ia que esse papel, que tremia nas mãos convulsas de Fr. Vasco, fora escrito com uma pena arrancada das asas negras do demónio da desesperação e da ironia.

Friamente, longamente, sem cólera e sem piedade, Fernando Afonso punha diante dos olhos de Beatriz o quadro medonho da situação da desventurada com toda a nudez da horrível realidade. Revelava-lhe que seu velho pai deixara de existir; que seu irmão, conforme o que todos diziam, aparecera e desaparecera nos paços paternos como um meteoro, e que também ou morrera ou abandonara a pátria. Ponderava que para ela a existência actual fechava-se a curta distância num horizonte de ferro e pendia unicamente da vontade do homem de quem se fizera escrava. Confessava depois que por muito tempo buscara ocultar-lhe o affecto ardente e irresistível que nutria por outra

mulher; mas que, enfim, o prostrar a luta com o próprio coração se lhe tornara impossível, e que ela apressara esta revelação cruel com o excesso de um vago ciúme. Jurava-lhe que, se, desiludido do seu amor, não podia vencer a paixão que o devorava, nunca se esqueceria dos deveres de cavaleiro para com aquela a quem devera um amor imenso e muitos dos mais deliciosos instantes da vida. Como condições, porém, da protecção que lhe oferecia, ordenava-lhe duas cousas: que não buscasse torná-lo a ver, nem tentasse descobrir a sua rival. Quanto à primeira, ele saberia impedi-lo; quanto à segunda, asseverava-lhe que todos os seus esforços seriam baldados para o obter; porque os laços em que se havia enleado eram um segredo sabido só dele, da sua amante e de Deus. «Para ti, Beatriz», concluía a carta fatal, «vai sorrir uma aurora de obscura e tranquila felicidade. Mas se acaso, cega de uma indignação inútil, quiseses lançar-te como obstáculo entre mim e o céu de ventura a que aspiro, sabe, pobre e frágil ente, que a minha mão de bronze iria esmagar-te sem remorsos, sem piedade e sem que o mundo sequer suspeitasse o teu inútil sacrifício».

Tal era em substância a última carta do moço escudeiro. Mal imaginava ele que verdade aí escrevera! Desses amores ocultos, cuja revelação dirigia como um punhal ao seio de Beatriz, sabia Deus. Ao tenebroso mistério a inexorável testemunha devia dar no dia da sua cólera uma publicidade terrível... Não antecipemos, porém, os sucessos, e sigamos, como até aqui, a ordem em que os achamos colocados no velho manuscrito.

– Oh, santa mãe de Deus! – prorrompeu, redobrando os soluços e lágrimas, a filha de Vasqueanes, quando seu irmão acabou a leitura. – Não caí morta ao ver esse papel horrível: não! Mas era forçoso morrer... Como ponto único no horizonte do meu futuro onde reverberava ainda alguma luz, no meio de trevas sem fim, aparecia-me a sepultura. O martírio do contínuo sobressalto, das vagas incertezas avivava-mo, em vez de o suavizar, a duvidosa esperança que ainda alimentava. Ela expirara enfim, e por alguns instantes quase que achei refrigério no desfalecimento da desesperação. Nessa espécie de medonha bonança, medi toda a extensão da minha desdita. Uma escrava que me servia, o tecto que me abrigava, os trajos que trajava, o pão que me nutria, era Fernando quem mos dera. Enquanto o preço das minhas poucas jóias bastou para me suprir, tinha-me esquivado a aceitar as suas ofertas; mas, quando todos os recursos desapareceram, fora constringida a consentir na sua vil generosidade, que ainda cria nobre e honesta. Abandonada por ele, o viver um dia mais que fosse naquela odiosa morada seria gravar mais fundo o selo da própria infâmia. Era preciso sair dali; porque essas paredes, esses adereços, essas alfaias, tudo parecia insultar-me. Mas em Lisboa não conhecia ninguém: não saberia sequer como atravessar essa multidão de ruas e praças, que, vivendo quase oculta, nunca ou raramente cruzara. «E que importa?», exclamei eu no auge do meu delírio. «Não conduzem todos os caminhos à morte? Ou necessito eu de testemunhas para esconder no seio dela a minha desventura e o meu opróbrio?»

«Era ao lusco-fusco da tarde. Duma janela do aposento descortinava-se a baía do Tejo na sua amplidão até onde a encobria um grande edifício enegrecido pelos anos e situado a pequena distância da cidade para o ocidente. Tinham-me dito que eram os paços reais de Santos. Sabes que antes desse dia fatal em que abandonei sem remorsos nosso velho pai nunca vira o mar. Quando pela primeira vez, daquela mesma janela, contemplei essa imensa cópia de águas, apesar do insensato prazer que sentia de me achar então ao lado de Fernando, experimentei uma violenta impressão de terror e, não sei porquê, veio-me ao espírito a ideia de me ver mergulhada no imenso pego que brilhava trémulo, debatendo-me nas ondas e afundando-me, afundando-me sem que ninguém me socorresse. Foi tão enérgica esta impressão que recuei horrorizada, dando um grito agudo. Assustado a princípio, vendo-me trémula e demudada, Fernando não pôde conter o riso apenas lhe expliquei a causa do meu súbito terror. Posto que, depois

desse dia, fosse gradualmente desaparecendo aquele susto infundado, nunca chegava à janela donde a primeira vez vira o mar sem sentir o receio invencível que gera em nós o aproximarmo-nos da beira de um precipício.

«Havia já bastante tempo que não lançara os olhos para o rio. No tumulto, porém, de paixões que essa carta cruel me acendera no seio, sentia uma opressão intolerável: abri maquinalmente a janela para respirar. Tinha ante mim o vulto das águas, que mal se enxergava à claridade ténue do crepúsculo fugitivo. A impressão que tal vista me produziu no espírito foi inteiramente nova. Representava-se-me a imagem de morte irremediável na solidão das ondas, como da primeira vez que as contemplara: o terror, porém, desaparecera. Atraía-me, ao contrário, para aí um sentimento de aprazível saudade. Até esse momento nem uma só lágrima me assomara aos olhos: pousavam-me todas condensadas, espessas, sobre o coração. Correram então com abundância, e pude, enfim, respirar.

«A noite vinha tempestuosa. Um negrume cerrado alevantava-se dalém dos montes de Almada e corria ao longo deles impellido por vento rijo e tépido, que murmurava pelas ameias dos eirados e pelos coruchéus dos palácios e fazia gemer o rolo do Tejo, batendo mais violento e encapelado lá em baixo, na praia da judiaria. Não se descortinava no céu uma estrela, e a chuva miúda e frequente começava a fustigar-me as faces. Pus-me a cismar e cismeí muito tempo. Uma voz parecia dizer-me: "Ao mar! ao mar!" Era o demónio que me tentava? Assim o cri a princípio. Ajoelhei e rezei a Nossa Senhora e ao meu anjo-da-guarda. A mão de ferro da angústia bastaria para me matar: porque havia, pois, de tentar contra os meus dias? Foi a ideia que me veio depois de muito rezar. Ergui-me e tornei à janela. Olhei: era noite escura: já não via senão o alvejar ao longe das carneiradas que corriam pela superfície do rio. "Ao mar! ao mar!", repetiu-me a mesma voz íntima que ouvira. Íntima? Não digo bem: juraria que me soava distintamente nos ouvidos. A terribilíssima recordação de que tudo quanto me rodeava pertencia ao homem que me abandonara; de que só à miséria e à desonra podia naquele momento chamar minhas; de que, sem aceitar um nome infame, não me era lícito demorar-me naquela morada, nem sequer para estalar de dor; tudo isto, junto com a voz imperiosa que ouvia, excitava em mim tal delírio, um frenesi tão insensato, que não hesitei mais em obedecer a esse preceito infernal. As dificuldades que poderiam obstar a semelhante resolução nem sequer me passaram pelo espírito. Imaginei que, além dos paços de Santos, por entre essas vinhas que os rodeavam, estendendo-se para o ocidente, algum outeiro escarpado, algum promontório bojando sobre as águas me facilitaria um ponto sobranceiro às vagas donde pudesse precipitar-me. A margem de cá do Tejo devia ser como me parecia a de lá, áspera e debruçada sobre as ondas. Achava-me só: a escrava saíra. Cobri-me com um capuz, escondi a cabeça e o rosto com o capelo e obedeci ao impulso que me arrastava. Parti.

«A chuva começava a cair grossa e pesada. A minha boca, durante esse dia, não tocara em nenhum alimento, e contudo sentia-me robusta. Só as veias das fontes, batendo-me com força, e uma viva dor de cabeça me perturbavam. Segui o caminho que me pareceu dirigir-se para o poente da cidade. As rajadas do vento, que soprava rijo daquele lado, serviam-me de guia, através das ruas tenebrosas e confusas, que sucediam rapidamente umas às outras. Os raros vultos que encontrava sentia-os parar um momento; mas os meus passos eram tão ligeiros, e a escuridade tão profunda, que logo cessava o reparo, e seguiam avante. Brevemente me achei numa rua ladeada de arcarias: grandes edifícios como que passavam para trás fugindo: devia ser a Rua Nova, em que tanto ouvira falar. Atravessei um terreiro, encaminhei-me ao longo de uma corredoura ou passagem estreita e solitária e cheguei a uma das portas ocidentais da cidade. Estava aberta ainda. Apesar da cerração, divisava-se um largo pano da muralha pardacenta,

sobre a qual duas torres da mesma cor se me representavam como dois espectros gigantes de pé em cima de extensa lousa. Estremeci de terror. Lembrei-me de que essa porta era a da vida para a morte e de que, talvez, pouco depois de a haver transposto, ela se fecharia eternamente após mim. A imagem de nosso pai, a tua, meu irmão, e até a da nossa pobre Brites pintaram-se-me na alma com tanta viveza, tão repassadas de saudade, que parei e, assentando-me num marco junto ao vão da porta, desatei a chorar.

«Foi, porém, um momento. Depois dessas imagens tão queridas, outra com um sorriso de escárnio as substituiu. Adivinhas qual fosse... A repugnância sucedeu ao terror. Senti que já não amava; que antes de me soltar da vida este coração morrera! Ao mesmo tempo, a voz que mais de uma vez ouvira pareceu-me que repetia as palavras fatais: "Ao mar! ao mar!" Diria que os lábios desse vulto que a imaginação febricitante me afigurava se haviam agitado para as proferir. Ergui-me então. Tinha os olhos enxutos, e com passos firmes atravessei o profundo portal.

«Além dele era uma estrada chã. Por entre algumas choupanas que demoravam da esquerda, via-se um reluzir vago, e ouvia-se estourar e murmurar, espriando-se, o rolo das ondas. O vento abrandara, as nuvens rareavam, e a Lua passava a correr por cima delas diante de mim. À direita erguia-se um monte empinado. Era necessariamente o de Santa Catarina, cujos cimos, cobertos de verdura e coroados de algumas casarias, eu dantes avistava ao longe por cima dos adarves da muralha ocidental. Depois de observar rapidamente o que me ficava dos lados, ornei ante mim para me afirmar no caminho. Lá estavam a curta distância os paços de Santos, cujo vulto negro o luar nublado me deixava reconhecer, posto que mal distinto.

«Desde então em nada mais reparei senão nesse edifício tristonho que tomara por baliza. Em breve o transpus, descendo para estreito vale. Com desvaivada alegria, vi que a estrada subia de novo, prolongando-se com o rio. Era como o previra. Pendurava-se acima da água em ribas despenhadas e fragosas. Ali ia achar, enfim, a noite verdadeira e eterna em que repousasse das angústias desse infernal dia.

«Mas a espécie de ebriedade frenética, de feroz contentamento que agitava a minha alma, durou bem pouco. A estrada que seguia quase à borda do precipício estava amparada por um muro que a ia acompanhando até se curvar para outro vale. Prossegui sem desanimar ainda, esperando achar alguma passagem para a ribanceira. Debalde: nenhuma havia. Pensei então em retroceder... Para onde e para quê? "Eia!", disse comigo. «Aqui ou mais adiante, que importa?" Continuei.

«Ou que o cansaço me houvesse quebrado as forças, ou que a humidade, que me traspassava os membros, me houvesse acalmado um pouco a febre em que ardia, eu caminhava menos rapidamente. Não tardei a passar uma ponte. Além dela, a um lado ficavam brenhas e arvoredos que murmuravam com o vento; ao outro, a Lua, descoberta um momento por entre as nuvens rotas, prateava o mar. Alonguei os olhos: diante de mim dilatava-se a margem pantanosa e solitária, que, estreitada pelos montes e semelhante a uma faixa mosqueada, se estendia a perder de vista. Parei outra vez. Começava a desanimar: o frio coava-me até a medula dos ossos. Corri à praia para meter-me às vagas, deixando que elas me arrastassem; mas aos primeiros passos que dei, penetrando na água, recuei horrorizada. Pelo rio revoltado do temporal vinha a aproximar-se, a aproximar-se um rolo enorme, que ao tocar em terra se espriou em lençóis de espuma. Era medonho ver vir assim pouco a pouco a morte para me dar a mão e pouco a pouco, retirando-se, arrastar-me ao abismo.

«Tua irmã, meu Vasco, que já desonrara uma vez o sangue generoso de nossos avós cedendo a uma paixão insensata, desonrou-o outra vez com a covardia. Não tive o valor de morrer!...

Um como rubor héctico passou pelas faces pálidas de Beatriz, que as cobriu com

ambas as mãos, ficando assim por alguns instantes. Depois, afastando as madeixas que lhe haviam pendido sobre o rosto, prosseguiu:

– Tornei a meter-me ao caminho; mas já não tinha inteira consciência do que fazia, e nem, até, me recordava bem do motivo por que me achava ali. A dor violenta que sentira na cabeça desaparecera: deslumbravam-me, porém, umas fitas de fogo que frequentes vezes via passar ante os olhos. Estonteava-me um zumbido estridente, que impedia chegar-me aos ouvidos outro qualquer som, e a estrada afigurava-se-me uma cobra monstruosa coleando-me debaixo dos pés, que fugiam para trás sobre o dorso escorregadio do réptil. Estendi as mãos para me segurar. Dei um estremeção violento, e nada mais senti.

«O resto sabe-lo tu, meu irmão.

Beatriz calou-se: e após largo silêncio, o frade na mesma postura, de braços cruzados e com a cabeça pendida sobre o peito, parecia escutar ainda.

Depois, alçou subitamente a fronte, estendendo para o ar os punhos cerrados, blasfémia muda dita pela sua alma ao Céu. Reverberava-lhe outra vez o fulgor nos olhos, a cor da vida no gesto, e sem proferir palavra recomeçou o seu anterior ir e voltar de um para o outro lado do aposento. Havia naquele movimento o que quer que era de tigre encerrado em gaiola de ferro.

Deixemo-lo cismar e passear e, enquanto cisma e passeia, aproveitemos o tempo para irmos espairar os olhos numa cena bem diversa.

XIV

DESÍGNIOS

*Contas na mão, e demo no coração.
Onde o ouro fala, tudo cala.*

ADÁGIOS ANTIGOS

As frases abruptas por onde concluímos o precedente capítulo fizeram, talvez, com que o leitor se capacitasse de que, semelhantes ao coxo Asmodeu, o arrebatávamos da modesta habitação da Rua de D. Mafalda para o transferirmos em bolandas a algum lugar ou escuso ou remoto, na cidade ou extramuros, para assistir a estranhas cenas, só atadas às que já presenciámos pela progressão dos sucessos que temos a glória de ir desenterrando do pó do esquecimento. Quanto são errados os juízos humanos! Enganar-se-ia o conversável e pacífico leitor que assim o pensasse. Posto que a literatura destes nossos tempos – o drama e a novela – tenham levado tanta vantagem em rapidez e locomoção às vias férreas, quanto levam as faculdades da imaginativa às forças mais enérgicas do mundo material, a nossa mutação, apesar disso, respeitará as sãs doutrinas da unidade de lugar e de tempo.

Abramos a porta da antecâmara onde estão, fechados por dentro, o monge e sua irmã, e desçamos por esta estreita escada que fica à nossa direita. Bem. Estamos numa casa térrea. O lar com um resto de brasido, ali o vemos daquele lado; uma banca de pinho no meio da quadra; defronte a cantareira com o vermelho e encerado pote, por cima do qual pende ao desdém grosso mas limpo bragal, reluzindo em volta, na prateleira mais alta, uma renque de caldeiras, agomias, pratéis, salsinhas e outros trastes análogos, sobre o chão alvo da parede irrepreensivelmente caiada. Evidentemente, o aposento onde nos achamos é uma bem arrumada cozinha.

Mas para que descemos, para que revistámos, para que viemos aqui?

Esperai, que ainda não vimos tudo.

Olhe o leitor para aquele recanto escuro, aonde mal chega a claridade quase crepuscular da chaminé que de vez em quando espirra no candeio de ferro pendurado dentro da chaminé fuliginosa. Não divisa lá o que quer que seja? uma janela aberta; umas adufas alevantadas; um raio de luz de estrela, que escapa por entre a rótula? Não enxerga um vulto roliço, curvado sobre o peitoril, posto nos bicos dos pés e com a cabeça torcida, meio para o lado, meio para o ar, como se espreitasse algum planeta ou esmasse, pelo curso de nuvem passageira, donde viria o vento? Não conheceu ainda pelas linhas do perfil, pelas roscas espirais do pescoço, pela touca farfalheira, pela rotundidade das ancas, pelo lombudo das costas, a boa da tia Domingas? Pois é ela. Cheguemo-nos pé ante pé; tenhamos a respiração: apliquemos o ouvido, e convencer-nos-emos de que não foi inútil para a inteligência deste importante livro devassarmos o interior da morada de Beatriz, nem descermos aos domínios culinários da cuvilheira, enquanto Fr. Vasco anda filosofando, lá em cima no sobrado, à maneira dos peripatéticos.

A respeitável matrona de Restelo fora excluída da larga conferência do moço cisterciense com sua irmã. Mandarem-na sair do aposento buliu-lhe com a subjetividade. Fr. Lourenço nunca mostrara semelhante falta de consideração. Desceu resmoneando para a cozinha e começou a arrumá-la, trauteando a devota loa do justo

juiz, indício supremo das horas aziagas de mau humor e perrice da tia Domingas – Andava tudo numa poeira: as tripeças iam-lhe adiante dos joelhos; a banca de pinho levou mais de dois empurrões: esteve quase meia hora a raspar numa caldeira com um talhadouro velho e cheio de mossas: fez cair no chão uma barda de pratos de estanho, querendo matar com uma vassourada uma barata que ia a correr pela parede, e por fim de contas quebrou um lindo púcaro de Estremoz, ao enchê-lo de água para apagar o brasido. Depois de todas estas façanhas e cavalarias, abriu a janela, alçou a adufa, escarrou, tomou ruidosamente a respiração por três vezes e concluiu esta série de actos expressivos com dois ai! ai! seguidos da exclamação sacramental:

– Coitado de quem atura filhos alheios!

– Que tem, vizinha? – murmurou de uma janela lateral voz adocicada que parecia de mulher moça.

– Que tem, que está agoniada? Passou bem? Já não há quem a mereça.

– Que hei-de ter? A minha vida; a minha vida! Parece que me não benzi ou que tenho pecado mofento. Se esta semana me não confessei! Fui hoje a S. Francisco. Qual Fr. Isidoro, nem meio Fr. Isidoro! Tinha ido pregar a Restelo. Meu rico padre espiritual, que foste deitar as mas pérolas a porcos. Sempre lhe digo, vizinha, que gente assim... Elas: cal-te boca: e eles... Ai, Virgem bendita! Mancebias, mancebias, que é um tremer. E não há-de haver peste, fome e guerra?! Não; que não há-de. Pecados e mais pecados: onzenas, mortes, roubos, murmurações; e querem que Deus tenha paciência? Demais a tem ele tido. Mas, como lhe ia dizendo: tudo me sai esta semana torto! Sábado de Nossa Senhora é hoje! Ainda bem que está acabada. Jesus, santo nome de Jesus! E a vizinha como vai?

– Bem, tia Domingas; obrigada. Diga-me cá: não tenho visto o frade bernardo já idoso que aí vinha todos os dias... frei.. – frei...

– Fr. Lourenço, não é que diz?

– Falou; que cant'ao moço, ao irmão de sua domna, esse vi-o eu entrar ainda agora...

– Mandaram-no lá para um convento de cima. Cousas da governança, conforme ouvi rugir. Era frade de lei! Cá nos deixou a chaga do companheiro. Forte casmurro é o tal Fr. Vasco. T'arrenego! Lá está em cima a azaranzar a coitada da irmã. Hum, hum, hum. Sempre a rosar o maldito! É focinho com que não engraço. Ainda não lhe vi os cunhos ao dinheiro, nem lhe ouvi boa palavra. Escute... Aí anda ele com a veneta: dá-lhe que dá-lhe, a passear. Gasta naquilo horas esquecidas. A irmã chora que se mata. O que lhe ele canta, isso não sei eu. Olhe: sabe o que lhe digo? É que há gente que nasceu para castigo dos outros.

– Então, visto isso, não tem podido intrujir...

– Nada: por ora nada. Ele a entrar, e a acenar-me com a mão que saia. Parece um fidalgo! E pam, porta nas costas; e zás, volta à chave. Já estive uma noite a escutar na escada; mas o excomungado, Deus me perdoe, que falo do bento cercilho abaixo e com a devida reverência ao hábito do nosso padre S. Bernardo, parece que me presentiu, porque asse para a irmã (aqui a tia Domingas fez uma voz do papo): «Toma tento, Beatriz: se esta cuvilheira for curiosa, é preciso despedi-la.» Depois escarrou e tossiu. Fiquei sem pinga de sangue, e o suor era em bagas. Desci pé ante pé. Abrenúncio! Não; lá isso não! Ainda que se matem um ao outro não saio da cozinha.

– Ora, ora! É esquisito o irmão da sua domna! Irmão: creio que não tem dúvida que é irmão – disse a outra com uma certa inflexão de voz maliciosa.

– Essa é boa! Pois eu parava aqui um instante, vizinha? Menos isso! Com Domingas do Sacratíssimo Lado não faziam farinha. Coma-se de rala; mas cara descoberta. Irmão carnal de pai e mãe. Disse-o Fr. Lourenço, está dito: para mim é um

evangelho. Bem sei que haverá praguentos e murmuradores que deitem peçonha; mas nesse ponto ponho as mãos no fogo. E demais: ninguém pode tapar as bocas do mundo. Melhor era que certa gente olhasse para si! As cousas a mim não me caem no chão. Já cá ouvi uns zunzuns, e por isso canto por esta solfa. A propósito – acrescentou a tia Domingas em voz ainda mais submissa – : como vão os namoricos da vizinha do segundo andar, da filha do tabelião? Tem visto passar o cujo?

– Isso pergunta-se? Ainda hoje: eram trindades. Cavalgava um cavalo raudão: trazia saio de cetim azul, empenado à volta de martas, e calças roxas brosladas, chapéu chapado à francesa, borzeguins de gamo, todo airoso e bem-posto. É um mocetão: lá isso é! Chegou ali defronte e pôs-se a sofrer o cavalo, que principiou a saltar e a recuar e a fazer um estrupido na calçada, que até veio à porta o vizinho armeiro, e mais estava azafamado a acabar umas grevas. Alçou-se então a adufa, aí mesmo por cima da câmara da sua domna, e apareceu aquele rostinho de alfenim, com um riso e olhar que matavam. O gentil escudeiro, que não despregava os olhos da janela, depois de fazer suas gaifonas, partiu a galope. Creio que o pai não estava em casa...

– Não estava; não – interrompeu a velha Domingas. – Hoje, a horas de terça, vinha eu pelas Fangas acima, da banda dos cobertos do Pelourinho, de fazer as minhas mercancias. Com quem havia de dar de rosto, mesmo à porta do paço dos tabeliães? Com o mestre Bertolameu.

«– Olé, vizinho! Hoje não se dormiu a sesta? – perguntei-lhe eu a rir. Vai ele e diz-me:

«– Pois que quer, senhora Domingas? Nestas vésperas de cortes não há mãos a medir. Os procuradores não se tiram do paço a pedir traslados autênticos, certidões, autos, e quanto lhes vem ao bestunto. Temos que dar à unha até o serão. Guarde-a Deus, vizinha.

«– Vá na graça do Senhor – respondi-lhe eu e vim arrastando a ossada até o alto da Madanela". Cheguei estafada a casa. Eu a entrar e a moura de mestre Bertolameu a sair. Ia tão estonteada, que me pisou o melhor calo que tinha. «Terçãs te comam, demónio!», disse-lhe eu. «Seja pelas chagas de Cristo!» Pois, que pensa que ela fez? Desatou a rir e foi-se esgueirando. Se a apanhasse, esbofeteava-a. Rir-se de mim aquilo! Eu, que a conheço de Restelo e mais o perro do pai. Às três o diabo os fez. Deram em pantana com um tratante dum almuinheiro, com quem ela esteve de casa e pucarinho. Agora meteu-se a soldadeira, até ter outro cómodo... Mas cal-te boca! Certas cousas é melhor não falar nelas, para não cair em pecado de murmuração. Só lhe digo que a tal Zila há-de ser uma alcaiota de truz.

– Lá isso é verdade, Tem-no escrito na cara – replicou a outra cuvilheira. – Mas diga: ainda não perguntou quem era o bargante? Tenho ideia daquela verónica. O especieiro prazentim ali de baixo creio que o conhece.

– Conhece, conhece! Fui lá ontem comprar um pouco de açúcar rosado de Alexandria e uma dinheirada de pimenta. Era misser Richarte em pessoa que estava ao balcão. Boa laia de homem que é aquele misser Richarte! Fala como um breviário, e até lhe dá graça a sua meia-língua. Derriçámos o nosso bocado: veio o negócio à balha, e pôs-me tudo em pratos limpos.

– Então quem é? quem é? – interrompeu a interlocutora, que rebentava de curiosidade.

– É um tal Fernandafonso, camareiro de el-rei ou o que é. Fernandafonso parece-me que disse misser Richarte... É isso, é.

– Quê... tu... nã... tão! – exclamou a colega da tia Domingas, carregando naquelas quatro sílabas, que, proferidas assim lentamente por uma boca de mulher, significam: «Muita pena tenho de que não seja o caso comigo.»

– Sim!?! – replicou a velha. – É o que se vê neste tempo. *Oh tem para amoras!* como diz aquele santinho de Fr. Isidoro por seu latim, quando discorre sobre o que é este mundo. A mocidade vai perdida; perdidinha! Está fresca D. Alda! Pobre mestre Bertolameu!

– Dele também eu tenho dó. Mas dela?! Sua alma, sua palma. Não importa, que é para lhe abater as soberbas, àquele focinho torto. A boa porta vai bater! Aquilo, que era capaz de enrodilhar as onze mil virgens! Olhe que as punha à cinta...

– Ai, mana, não diga heresias, que se me arrepiam os cabelos.

– É modo de falar. Se ouvisse as histórias daquele estavanado que andam em praça, isso é que é de fazer arrepiar. Não acabava, se começasse a enfiá-las. Quer saber uma fresquinha que me contou ontem a minha freguesa de pescado, que mora na Rua das Esteiras, na esquina do terreiro de S. Julião por baixo da Ermida da Oliveira, defronte de um tosador?

– Bem sei; bem sei: de mestre Inofre, que tem uma filha já espigada...

– Foi com essa mesma o caso...

– Domingas, Domingas! – souo de repente do alto da escada. Era a voz estridente de Fr. Vasco. A velha nem deu as boas-noites à palreira vizinha. Deixou cair a adufa e gritou: «Aí vai, aí vai. Estou acabando de encerar o púcaro de Estremoz.

A pressa com que a chamavam era uma excelente desculpa recriminatória para quando aparecesse quebrado.

Enquanto ela tarda em subir, para provar com muda eloquência a lida e azáfama em que andava, vejamos o que, durante o diálogo que transcrevemos para edificação do leitor, se passara no aposento de cima.

O moço frade tinha passeado muito.

Parou, finalmente, com o rosto voltado para a parede e com as mãos cruzadas atrás das costas, como se estivesse lendo atentamente o Mané, Tével e Fares da sala do banquete de Baltasar.

E, contudo, nada via de quanto o rodeava. Tão íntima era a sua meditação.

Depois de se conservar largo espaço naquela postura, virou-se como impellido, após violenta luta consigo mesmo, por uma resolução suprema; dirigiu-se para Beatriz, pôs-lhe a mão sobre a cabeça e disse com solene tranquilidade:

– Minha irmã, ainda resta uma esperança.

Beatriz alevantou o rosto, com um sorriso fugitivo de incredulidade, e logo deixou pender a cabeça entre as mãos, meneando-a lentamente.

– Resta sim! – prosseguiu Fr. Vasco. – Era sangue o que devia remir a sedução; mas o sangue que lava a beta negra traçada na fronte golfa para o coração do assassino e assinala-lho com outra beta mais cruel e mais negra, que pouco a pouco se vai irradiando e o devora. Poupe-mos o sangue e tentemos ainda!... Fernando salvará a tua honra, a honra de nosso pai e a minha própria, se é cousa essa em que deva pensar quem traja em vida a mortalha. Há um ano teria corrido a saciar-me de vingança inútil; hoje a seiva do meu viver está gasta, muito gasta, Beatriz. Na escola da adversidade aprende-se a prudência. Vamos lá; vamos tentar se nas trevas da sua alma pode penetrar um raio de piedade e justiça: vejamos se a reparação pode absolver-me do desagravo que perante a imagem sacrossanta de nosso pobre pai jurei tomar. Senão... Deus se amerceie dele e também de nós!

Estas palavras foram ditas num tom que fez tremer Beatriz.

– Não, não! – exclamou ela. – Nunca!

O monge continuou, como se não a tivera ouvido:

– Que te diga diante do mundo «tu és minha mulher» e que depois te abandone, te deteste. Que te importa ou que me importa? Eu te amarei por ele; eu concentrarei em ti

as minhas afeições todas. Reclinarás a tua alma neste coração devastado e desato e repovoá-lo-ás de ternura. Viveremos um para o outro: esqueceremos no amor fraterno passadas desventuras; porque ambos nós temos muito que esquecer... É necessário que esse homem torne a ver-te; que mais uma vez te humilhes ante o teu sedutor, e que seja ele, não eu, que lavre a própria sentença.

Como se no regaço lhe houvesse lançado uma víbora, Beatriz deu um grito de horror, e pôs-se em pé.

– Mata-me, Vasco – exclamou ela com o ímpeto da indignação. – Podes; devias, talvez, tê-lo feito. Que a terra cubra a nossa desonra. Mas eu humilhar-me ainda uma vez ante esse homem que me envileceu, sacrificando-me aos pés de outra mulher; que fez de um amor ardente, ilimitado, submisso, objecto de infame ludíbrio; que me impeliu de crime em crime, e por cuja causa nosso pai legou a sua filha a justa maldição do moribundo?! Oh, isso não! Bem sei em que abismo cal. Mas antes perecer do que aceitar, para dele sair, a mão atraçoada que me precipitou.

– Como te aprouver, Beatriz – replicou o cisterciense, cujos olhos cintilavam, mas em cuja voz firme e serena apenas vibrava ironia amarga. – Vejo agora que era um insensato quando imaginava que valia a pena de sacrificares alguma cousa ao teu e ao meu futuro; que valia a pena de não poupares um derradeiro esforço para consolar debaixo da lousa as cinzas de Vasqueanes. Foi um erro. Não importa!... Fá-lo-ei eu, o sacrifício; eu só, tremendo e ruidoso. Dois clarões havia no horizonte: um apaga-lo tu; resta o outro, sanguíneo e sinistro, para me esclarecer a estrada... O primeiro podia ser a aurora, não da felicidade, porque para nós ela é já impossível, mas da consolação; o segundo vem do poente: é o último clarão que rompe o negrume, acumulado ao anoitecer, da tempestade nocturna; é a tocha infernal que alumia a vingança, mas vingança que completará a desonra da nossa família. Olha, Beatriz, há muito que me anda aqui na cabeça cravada uma ideia. Não tarda o dia da procissão de *Corpus*: nesse dia à noite a tua velha cuvilheira virá contar-te uma horrenda história, de que Lisboa inteira há-de falar. Dir-te-á, ali, assentada àquele canto e persignando-se três vezes: «Na longa fileira das comunidades viam-se alguns frades do Colégio de S. Paulo. A uma das varas do pátio ia el-rei: seguiam-no todos os cavaleiros e escudeiros da corte, a pé, como de, e desarmados. Então, dentre esses poucos frades de Cister saiu um ainda moço e encaminhou-se para o lugar onde ia el-rei. Ninguém pensou em embargar-lhe os passos. Que importa um frade que vai ou que vem? Buscava alguma pessoa na turma dos cortesãos, e de feito chegou-se a um deles. Falou-lhe ao ouvido: o que lhe disse ninguém o percebeu; mas viu-se reluzir ao sol um ferro, e o cortesão caiu. Era um moço gentil! O frade pôs-lhe um pé sobre o peito que arquejava, e assim ficou a olhar de roda e a rir...

A donzela atirou-se aos pés do monge, abraçando-o pelos joelhos e exclamando:

– Vasco, Vasco, por alma de nossa mãe, tem dó de mim!

– Dias depois – prosseguiu ele, sem volver sequer os olhos para sua irmã – contar-te-ão o resto, e dir-te-ão: «O frade, prenderam-no: não quis revelar a ninguém o segredo da sua vingança, e el-rei mostrou-se, com razão, inexorável. Arrancaram-no do fundo calabouço: tiraram-lhe solenemente as ordens; despiram-lhe as vestiduras monásticas; e entre apupos da gentalha conduziram ao patíbulo o último descendente de nobre linhagem; que de nobre linhagem vinha o frade. Era o que restava dela: um assassino! Minto. Ainda ficava no mundo uma vergõntea da árvore derribada: era uma mulher prostituída.»

– Pois sim! pois sim. Que venha! Arrojar-me-ei a seus..... Tudo quanto tu quiseres..., tudo! – interrompia a desgraçada com voz quase imperceptível.

E Vasco sentiu nos joelhos o afrouxar do estreito abraço. Abaixou os olhos: a

cabeça de Beatriz pendia-lhe para o lado; um gemido afogado veio ferir-lhe os ouvidos, e no mesmo momento viu-a cair como morta. O tanger dos dentes era nela o único sinal de vida.

Fora neste lance que a tia Domingas ouvira a voz do frade chamá-la duas vezes. Quando a velha entrou, Fr. Vasco estava encostado à ombreira da porta, com a cara escondida entre as mãos, e a donzela jazia desmaiada e de bruços no mesmo lugar onde caíra.

O monge, que parecia inteiriçado por um espasmo nervoso, recobrou, enfim, o movimento. Fez sinal a Domingas para o ajudar, e ambos conduziram Beatriz para a sua câmara. A agitação a reanimara. A cuvilheira ficou sozinha ao lado de sua ama, que parecia respirar mais soltamente, como quem dormitava. Passado um largo espaço, durante o qual o cisterciense se entretivera a ajuntar as cartas de Fernando Afonso, que cuidadosamente guardara, e no seu ir e voltar de uma para outra parte, a tia Domingas ouviu-o chamá-la de novo mansamente.

«Nosso padre S. Bernardo me perdoe», pensou ela; «mas o frade é o diabo. Que me quererá o maldito agora?»

Quando a viu assomar, Fr. Vasco parou e, olhando na direcção da câmara, inclinou para trás a cabeça e estendeu a mandíbula inferior, como interrogando a cuvilheira acerca de Beatriz.

– Dorme – respondeu a velha. Bem sabia ela se dormia. O monge sorriu.

Dormir!

A um seu aceno, Domingas aproximou-se. Então, tirando debaixo do escapulário uma bolsazinha, o cisterciense pô-la sobre a espécie de trípode em que estava a lâmpada. Involuntariamente, a beata foi-se chegando mais. Dera-lhe o coração um pulso. Sem saber porquê, a teiró que tinha a Fr. Vasco sentia-a diminuir de intensidade como uma espécie de prazer semelhante ao que experimentamos quando, depois de dia abafado da canícula, vem pela tarde a brisa do mar refrigerar-nos o sangue e restituir-nos às fibras lânguidas o anterior elastério.

– Mulher – disse o moço frade, apontando para a trípode –, aquela bolsa é tua; mas hás-de executar a risca o que te vou ordenar.

Estas palavras abruptas eram as primeiras que nessa noite ele dirigia à senhora Domingas do Sacratíssimo Lado, que não gostou do *tu* grosseiro, nem da brutal designação de *mulher*, posto que a oferta fosse assaz melíflua e, por assim dizermos, um afago após uma bofetada. Abrindo muito os olhos e volvendo-os alternativamente para a bolsa e para o cisterciense, a matrona respondeu sem titubear:

– Lá quanto a isso, é alma que caiu no inferno, salvo seja. Em comparação: é como se o dissesse àquela parede, com perdão de vossa reverência.

– Bem está – prosseguiu Fr. Vasco. – És aldeã. Talvez nunca visses a procissão de *Corpus* em Lisboa...

– Nunca vi a procissão de *Corpus*?!... Que diz vossa reverência? Nunca deixei de a ver. Meu rico senhor *S. Corpus Christi!* Lembra-me, sendo eu tamanina, em tempo de el-rei D. Afonso: Deus lhe fale na alma, que era um santo rei: daquela laia de reis já não há; e mais este é bom, diz o povo. Como eu ia contando, naquele tempo um tio meu, que era carniceiro, um rapagão como uma torre, fazia o papel do imperador que levam os do ofício. Outro tio meu quase sempre era um dos diabos dos esparteiros, e até no ano da grande peste, parece-me que foi ontem, fiz eu de anjo dos especieiros, e uma prima...

– Basta, basta!– interrompeu Fr. Vasco.– Quem te pergunta por isso? Sabes, portanto, que el-rei vai a pé, com os principais senhores que se acham em Lisboa, às varas do pálido; que o acompanham os oficiais, cavaleiros e escudeiros da sua corte, e

que nesse dia o povo se mistura com os fidalgos, e pode qualquer aproximar-se de el-rei...

– Lá isso é verdade! – murmurou a velha com visíveis sinais de inquietação. – Mas, se vossa reverência tem alguma petição ou recado para ele!...

– Deixas-me falar, mulher?! – atalhou o frade, já impaciente. – Não; não é para ele. Toma sentido. Conheces um certo escudeiro, mancebo e gentil-homem, chamado Fernando Afonso, que é camareiro-menor de el-rei?

– Tenho ideia; tenho ideia do sobredito... Não ponha vossa reverência mais na carta – respondeu a tia Domingas, deslizando um risinho de inteligência e arregaçando a mandíbula superior ao longo de um grande dente solitário que lhe restava na boca. – Que estavanado! Sei-lhe da vida...

– Que sabes tu dele, que sabes?! – acudiu impetuosamente o cisterciense, cuja perturbação se lhe pintava no gesto.

– Ora, que hei-de eu saber? Diabruras; rapaziadas. É fruta do tempo. Ai, Virgem santíssima! Fazer o que fez à filha de mestre Inofre, o tosador da Rua das Esteiras! Se aquilo era uma tolaça! Olhe, eu não sei se ele é amigo de vossa reverência, por isso me calo; mas sempre digo que andar assim à roça da filha de mestre Bertolameu, um homem tão capaz, não é bonito. Fuge-te partes aversas! Vai tudo numa poeira com ele: dizem. Destas sei eu.

O monge, que não conhecia o tosador, nem sabia quem era mestre Bertolameu, recobrou as aparências de serenidade de que se revestira a princípio. As palavras da beata tinham-no feito recear que a deplorável história de sua irmã fosse já demasiadamente sabida.

– É esse mesmo – prosseguiu ele – o camareiro-menor... Qualquer a quem perguntasses te diria: «É aquele!» Agora testa explicar-te o que exijo de ti. No dia da procissão, em que de forçosamente há-de ir na comitiva de el-rei, não o percas de vista. Quando vires momento oportuno, no meio da confusão e tumulto, aproxima-te dele e dize-lhe que uma dama, cujo nome te foi proibido revelar, pretende falar-lhe nessa mesma noite. Indica-lhe um lugar onde haja de encontrar-te e conduze-o aqui.

Domingas olhava espantada para o frade, que lhe dava tão estranha incumbência com tal ingenuidade, que não sabia a boa da velha o que pensasse do caso. Com sobeja experiência do mundo, fora justamente o modo natural e singelo que Fr. Vasco afectava que a fizera desconfiar daquela singular missão. Costumada a avaliar as cousas, antes de tudo, nas relações que podiam ter com o próprio *bene esse*, suspeitou que as palavras do monge fossem um laço armado à sua imprudência. O cortejo de Fernando Afonso à filha de mestre Bertolameu tinha sido, acaso, observado por ele, que o poderia supor dirigido a sua irmã. Que entre os dois se havia passado uma cena violenta, era o que o estado em que, subindo, achara Beatriz tornava indubitável. Fino devia ser o frade para a pilhar com a boca na botija, se houvesse alguma emburilhada, quanto mais estando segura da sua consciência. Estas reflexões passaram rápidas pelo espírito da cuvilheira, que buscou logo terreno sólido onde pudesse combater com vantagem o seu adversário. Por isso, apertando as mãos na cabeça, exclamou:

– Santo breve da marca! Um religioso, como vossa reverência, falar em tal a uma dona recatada, como Domingas do Sacratíssimo Lado! Vossa reverência está decerto gracejando. Eu! eu levar semelhante mensagem a um desbragado daqueles, em dia de S. *Corpus* e na procissão e diante do senhor sacramentado e nas barbas de el-rei, que costuma ir ali com a sua real opa, tão majestoso e grave que faz tremer! Oh, minha Virgem Santa da Escada da Igreja de S. Domingos, que é o meu padrinho e o santo do meu nome! E que diria Fr. Isidoro, o meu confessor, em sabendo que eu tinha trazido comigo, de noite, às escuras, um mocetão daqueles para o introduzir sorratamente

nesta casa, que até hoje, Deus louvado, tem sido um convento! Vossa reverência quer-me deitar a perder e a sua irmã...

– Cal-te, faladora tonta e impertinente – bradou colérico Fr. Vasco, batendo o pé na casa e num tom que não admitia réplica. – Ordenei-te, acaso, que falasses de amores a Fernando Afonso? Não podem existir outras relações entre uma nobre dama e um gentil escudeiro?

– Mas vossa reverência não vê que somos duas donzelas recolhidas e vergonhosas...?

– Silêncio! – atalhou de novo o monge no mesmo tom. – E quem te disse que eu não estaria aqui? Crês-te, porventura, mais interessada na reputação de Beatriz que seu próprio irmão? Acabemos com isso, mulher. Ou receber aquela bolsa ou abandonar esta casa. Dou-te tempo para pensares; mas não há meio termo. E preciso escolher.

Proferindo estas palavras, Fr. Vasco meteu as mãos na correia que o cingia e começou a passear novamente, parando de espaço a espaço e escutando à porta que, ao longo de um corredor estreito, conduzia à câmara de Beatriz. O profundo silêncio só era interrompido pelo quase imperceptível ranger das alpargatas do frade. Domingas seguia-o com a vista, mexendo a cabeça como uru mandarim de porcelana da China.

– E se ele... Valha-me Nossa Senhora!... Se ele teimar à mão de Deus padre que lhe diga o nome da bela dama? – reflectiu, como a medo, passados alguns minutos, a tia Domingas.

– Proibi-te que o revelasses – replicou friamente o incansável passeador.

– E se por isso recusar acompanhar-me?

O frade encolheu os ombros, continuando a passear, e respondeu com o mesmo feroz laconismo:

– Despedida.

Não duvidara um momento de que o aventureiro mancebo aceitasse um semelhante convite, por este mesmo mistério em que se envolvia.

O gesto de Fr. Vasco, os seus movimentos de impaciência, as suas ameaças, o tom decretório em que falara haviam, enfim, desenganado a cuvilheira de que o dilema que lhe fazia era, posto que inexplicável, sincero, e as últimas perguntas da tia Domingas o que provavam era que estava resolvida a obedecer – As dificuldades que ponderava tinham sido apenas uma astúcia de Sancho Pança para não cair de salto em condescendência contraditória com os escarcéus que a princípio alevantara. Imitava, sem o saber, os gladiadores moribundos nos circos romanos: queria cair bem; e caiu.

– Enfim, como vejo que aperta, será vossa reverência servido. E sabe porquê? Eu lho explico. Quando o padre-mestre se foi, disse-me: «Senhora Domingas, que por senhora me tratou sempre, obedeça a Fr. Vasco, assim se diz na ausência, como outro eu. Ele é o verdadeiro protector de Beatriz.» Portanto, reverendíssimo, visto que vossa reverência não quer ouvir nem das más nem das boas, lavo daí minhas mãos. E mais juro-lhe que não é pelo interesse: é porque sou muitíssimo obrigada àquele santo de Fr. Lourenço, e como vossa reverência faz as vezes dele... Ora com licença, diga-me vossa reverência cá. Então sempre quer que seja nesse dia e que fale ao gentil escudeiro na procissão de S. *Corpus*?

Fr. Vasco reflectiu um momento.

– Poderia ser noutro, talvez... Porém, não! Obedecemos à primeira inspiração... Quanto ao modo de executares o que te ordeno, tens plena liberdade de excogitar os meios. O ensejo que te indiquei é mais seguro: antes ou depois, ser-te-ia, talvez, impossível. Entretanto, o que me importa é que o camareiro-menor se ache aqui nessa noite, e que o véu do mistério lhe esconda o nome de quem te enviou e o nome de Beatriz. O resto pertence-te a ti.

Dito isto, o moço cisterciense encaminhou-se para a câmara de sua irmã, chegou-se ao leito e escutou atentamente o respirar da desgraçada. Domingas tinha-o seguido. O monge tirou debaixo do escapulário uma ambulazinha cheia de um excelente cordial e entregou-a à cuvilheira, explicando o modo de o administrar logo que Beatriz saísse daquele letargo. Cruzou depois os braços e, cravando os olhos no gesto transtornado de sua irmã, ficou por alguns instantes absorto.

Posto que, unido com o abade de Alcobaça num pensamento profundo de rancor, houvessem ambos jurado vingança implacável contra o camareiro-menor posto que, digamos assim, tivesse vendido alma e corpo a D. João de Ornelas, o desejo de salvar Beatriz e de remir a desonra da sua família lhe fizera conceber a esperança de que para Fernando Afonso ainda houvesse um darão de arrependimento. O mancebo, cujos generosos instintos a desventura não pudera envilecer, quase acreditava que a situação e as lágrimas da tão meiga e tão desgraçada vítima seriam capazes de despertar, ao menos pela piedade, alguma centelha da afeição antiga naquele coração gasto e gélido, que ele tão mal conhecia. Os remorsos, a que o arrebatamento de paixão insensata outrora o condenara; os fantasmas de terror, que o duro leito da penitência e a estamenha monástica não haviam podido ainda afugentar dos seus sonhos, eram a expiação de um assassínio. Qual seria a de outro? Quando, longe do abade, se punha a cavar nesta ideia, horrorizava-se. E se o terrível legado que seu pai moribundo lhe herdara e o próprio orgulho não lhe consentiam esquecer uma grande afronta, o longo padecer tinha, sem que o percebesse, afrouxado muito a tensão indomável do seu carácter. Era para ele uma espécie de alívio tentar um derradeiro esforço para se abster de mais sangue, embora pesasse depois sobre a sua cabeça o ódio implacável de D. João de Ornelas.

Fr. Vasco despertou, enfim, da espécie de meditação extática em que se embrenhara, voltou ao aposento do lavor, cobriu-se com a cogula e saiu, não sem se voltar para trás, ao transpor o limiar, para fazer novas e ameaçadoras recomendações à tia Domingas acerca do segredo absoluto no negócio de que a incumbira.

Apenas o monge saiu, a velha pegou na bolsa, virou-a mansamente sobre uma arca e viu que os seus contentos eram dez magníficas dobras validias. Tomou-as a meter dentro, coando-as e remirando-as uma a uma entre os dedos, e escondeu a bolsa no seio, enquanto mentalmente fazia o solilóquio seguinte:

– Agora, agora! E nem de tal me lembrava! Em lhe dando os sinais da casa, pensa logo que é a filha do mestre Bertolameu... Espera lá, que já vai! O diabo é não o tirar eu bem por feições... Não importa; que quem tem boca vai a Roma. Ao recolher da procissão, no barulho... ou ao sair? Algures será. Mas que emburilhada é esta? O frade tem demónio. Queira Deus; queira Deus! E que tenho eu com isso? Bem fiz em não alugar o meu buraquinho de Restelo e em dar a chave a Isabel Anes para mo arejar. Aqui anda história!... Hum! Não me cheira. Minha domna é uma santa: mas este monge, este monge! Dizem que é o companheiro do abade de Alcobaça. Do abade de Alcobaça! Virgem bendita! É má casta de frade... Contam cousas... Minha mãe santíssima, livraí-nos de más línguas e de juízos temerários. Se voltaria hoje Fr. Isidoro? Havia de voltar. Amanhã irei a 8. Francisco. Deus permita por sua infinita misericórdia que não me esqueça à volta comprar um púcaro de Estremoz. Se a vizinha estará ainda à janela? Estou morrendo por saber o resto do caso da filha de mestre Inofre. Talvez me venha a servir...

Um débil gemido de Beatriz veio interromper o curso majestoso das ideias da tia Domingas; ideias profundas, concatenadas, harmónicas e úteis como as reformas governativas feitas em Portugal nos últimos quinze anos. A velha correu então apressada a ministrar a sua ama o reanimador elixir.

FIM DO TOMO I

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
